

Magazine mensal illustrado

LIVRARIA FERREIRA, Editora

Redacção e administração

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

Telephone 805

SERÕES

N.º 59 — Maio 1910

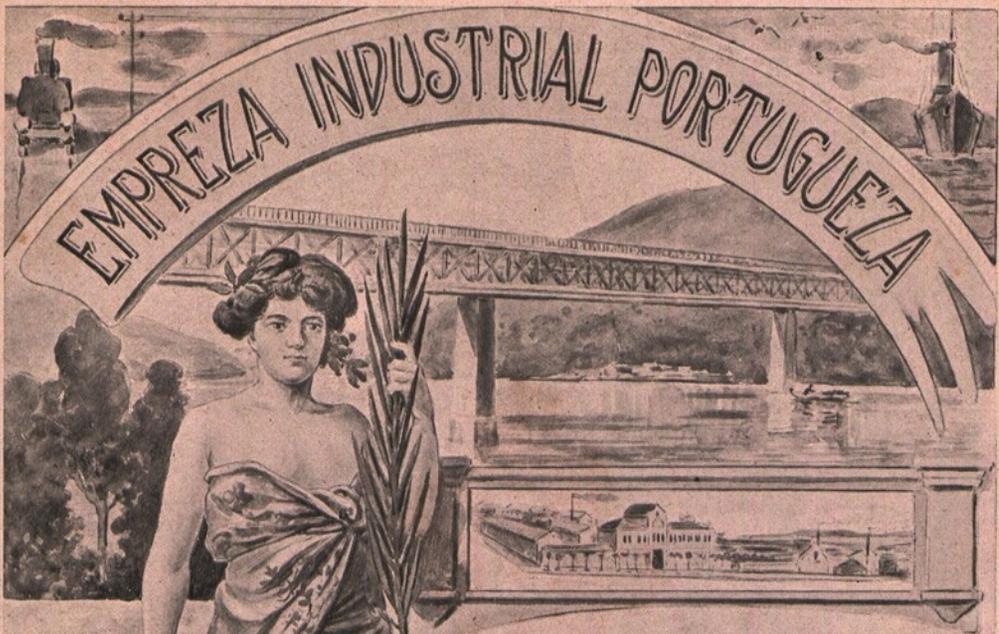
Assignatura { Semestre.. 1\$200
Anno 2\$200
Numero avulso 200

Composto e impresso
na Typ. do Anuario Commercial

7 - ABR. 1940



R.D.



EMPRESA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

A MAIOR E MAIS IMPORTANTE FABRICA PORTUGUEZA DE METALLURGIA

Construção de pontes,
vigamentos e estruturas metallicas
fundição de aço ferro e outros metaes

CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR

MOTORES A GAZ POBRE

CONSTRUÇÕES MECHANICAS CIVIS E NAVAES

Alfaies e machinas agricolas

Ascensores e monta cargas electricos

SYSTEMA PRIVILEGIADO

Importação de todo o genero
de machinas

Materias primas e manufacturadas
para as indústrias

ESCRITORIO E OFFICINAS

115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO

TELEPHONE

N. 256—BELEM

Telegrammas

Santamaro
LISBOA

Deposito d'Exposição Permanente
AVENIDA DE D. CARLOS
E
RUA VASCO DA GAMA
LISBOA



A ILLUSTRADOR L. DO Carmo 17, LISBOA

Summario

MAGAZINE

PAG.

FONTES PEREIRA DE MELLO

(*Frontispicio*) 322

FONTES PEREIRA DE MELLO

(*2 illustrações*) por SILVA BASTOS 323

MARTHA E MARIA (*Versos*) de D. MARIA DE CARVALHO

326

O RISO

(*12 illustrações*) por MARIO MONTEIRO 327

O DILUVIO DE PARIS

(*5 illustrações e 1 vinheta*) por JUSTINO DE MONTALVÃO 332

ARTE MODERNA

(*8 illustrações e 1 vinheta*) por AQUILINO RIBEIRO 337

IMPRESSÕES DE VIAGEM — A CHICAGO ALLEMAN

(*1 vinheta*) versão de MANUEL DE MACEDO 346

O CAMPO GRANDE

(*9 illustrações*) por EUGENIO VIEIRA 351

ARAGEM QUE PASSA

(*3 illustrações e 1 vinheta*) Versão de D. CELIA ROMA 357

MENANDRO E SÉNECA

(*9 illustrações e 1 vinheta*) por EDUARDO DE NORONHA 364

A EXPIAÇÃO (*Versos*) de JOÃO PENHA

376

SARAU MEMORAVEL

(*1 vinheta e 22 illustrações*) 377

MYSTICISMO CHRISTÃO (*Versos*) de EDUARDO METZNER

385

OS BOERS DO CABO

(*1 vinheta*) 386

ECCOS E REFLEXOS

(*18 illustrações*) 388

A MUSICA DOS SERÕES

ADAGIO, Sonata em ré menor por BEETHOVEN 2 pag.

A Quebradura curada

Vê V. este pedreiro fechando a abertura nesta parede?



E' essa a fôrma porque eu curo a quebradura. Enchendo a abertura com material novo e mais forte.

Uma quebradura é simplesmente uma abertura numa parede, a parede de musculo que protege os intestinos e outros órgãos internos. E' quasi tão facil curar uma ferida ou rotura neste musculo como em um braço ou mão.

Comtudo esta rotura não é talvez maior que a cabeça de um dedo.

Mas é suficientemente grande para deixar que os intestinos passem através. E' claro que isto não pôde cicatrizar sem que a natureza seja auxiliada.

E é isso precisamente o que o meu methodo faz. Permite-lhe a V. reter a protusão dentro da parede no seu mesmo sitio.

Depois dou a V. um Desenvolvente Lymphol para applicar sobre a abertura da quebradura. Este penetra através da pelle até aos bordos da abertura e remove o anel calloso que se tem formado ao redor da rotura.

Então começa o processo de cicatrização. A natureza livre já do instestino saído e do anel calloso da abertura, e estimulada pela acção do Lymphol deita uma porção de lympha e a abertura é outra vez occupada com novo musculo.

Não é isto simples? Não é isto razoavel? Tenho provado os seus meritos em milhares de casos. Proval-o-hei a qualquer herniado que me envie o seu nome.

Escreva-me V. indicando o numero a que corresponde o seu caso e eu lhe enviarei pelo correio uma amostra gratuita do meu Desenvolvente Lymphol e um livro lindamente illustrado ácerca da Natureza e Cura da Quebradura. Não me envie V. dinheiro. Só o seu nome e endereço.

Wm. S. RICE, R. S. Ltd.,

(ESPECIALISTAS)

(G. P. O. Box n.º 5) (Depot.º S. 351), 8 & 9, STONECUTTER ST.,
LONDRES, E. C., INGLATERRA



ÁGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

— DE —

— MOURA —

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.º

LISBOA

Grande Planta de Lisboa

DELINEADA POR

CALDEIRA PIRES

Em 4 folhas, a côres, impressa em optimo papel; escala 1:5000, acompanhada de uma outra na escala 25:000 que abrange toda a area de Lisboa, dividida por bairros e estes por freguezias. Croquis do districto de Lisboa, divididos por concelhos.

Roteiro e fita indicadora para prompta busca de qualquer rua, travessa ou logar que se pretenda conhecer de momento. Planta de grande utilidade e alcance para

Secretarias, escriptorios, escolas, quartéis, policia, etc., etc.

Ligeira noticia da capital, e todas as suas diferentes divisões administrativas.

Preço em folhas, 3\$000 réis

Colladas em panno, envernizada, com reguas de madeira

5\$000 réis

Propriedade e deposito geral

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132 a 138

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de maio de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de 50 por 100 em qualquer lugar e dia (excepto domingos e dias santificados) no

SALÃO FOZ

(Calçada da Gloria, em frente da rua do mesmo nome)

durante o mez de maio de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de 50 por 100 em qualquer lugar nos espectáculos realizados às terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de maio de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de maio de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para aquisição de um exemplar do

ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de 10 por 100 durante o mez de maio de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de maio de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer encomenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.^a

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de maio de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para aquisição de um exemplar da

AGENDA

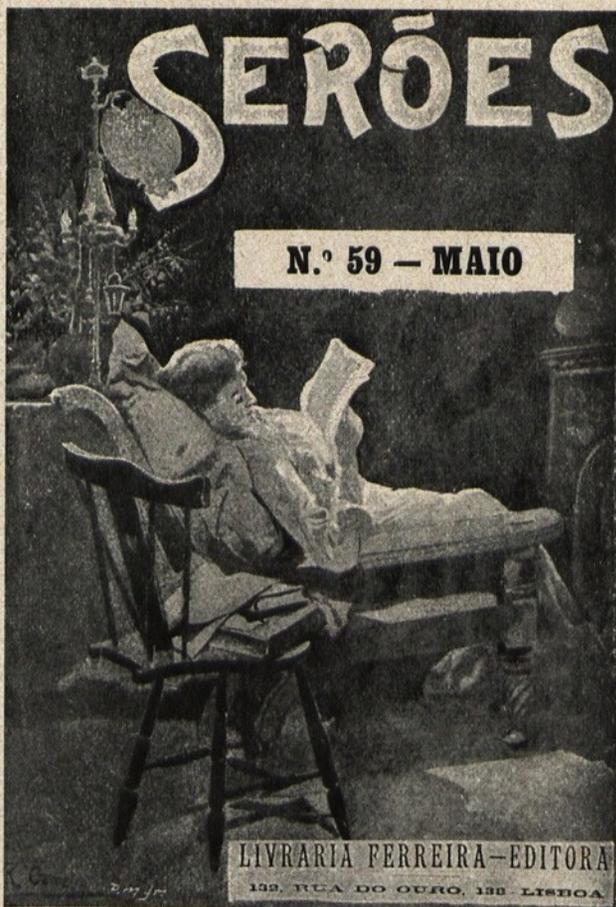
do Anuario Commercial de Portugal

Praça dos Restauradores, 30

com o desconto de 10 por 100 durante o mez de maio de 1910.

SERÕES

N.º 59 — MAIO



LIVRARIA FERREIRA—EDITORIA
132, RUA DO OURO, 132 LISBOA



FONTES PEREIRA DE MELLO

(Retrato tirado no Porto, por ocasião de uma visita do rei D. Luiz áquella cidade)



Fontes Pereira de Mello



UE dirá a Historia, serena, imparcial, justa e desapaixonada, da personalidade que, na vida politica de cêrca de quarenta annos, se chamou Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello?

Talvez não seja difficil presumi-lo, mas, obedientes á indole d'esta publicação, arredaremos a politica de um artigo que só apreciará um aspecto apenas do estadista.

Hoje, muitos dos que seguiram o crêdo politico do discipulo de Rodrigo da Fonseca, se lembram ainda com saudade do chefe e se extasiam de admiração commentando o aprumo, a distincção, a cortezia do homem, o prestigio do parlamentar. Os contrarios, ainda mesmo quando o asseteavam, raro descambavam no achincalho soez; beliscando o *olympico*, reconheciam, por esse facto, a estatura do homem. Irreverentes? Havia-os, sem duvida, e alguns desmesurados na audacia, como Oliveira Martins, que levou annos a fio a minar o terreno onde demorava a estatua, que tantos adoradores contava, apresentando-a como o cavador principal do descabro financeiro do paiz. *Esse homem suga-nos, arruina-nos* — dizia o auctor do «Portugal Contemporaneo», antes de lhe traçar a silhueta no mais parcial dos seus trabalhos da critica historica. E, para accentuar a vacuidade cerebral do engenheiro janota, apaixonado pela obra de fomento; do homem que lamentava não poder andar dias, mezes e annos consecutivos nos comboios do seu paiz; do amante do pro-

gresso em contemplação mystica diante das vias ferreas, exhibia-o de pé, no parlamento, todo arroubo descrevendo os melhoramentos materiaes de que Portugal carecia e exclamando: «Acima do cavallo da diligencia está o tramway, acima d'este a locomotiva, e acima de tudo o progresso!»

Porquê toda esta ironia apunhalante contra o financeiro da Regeneração? Porque a base do systema financeiro de Fontes consistia no facto de contrahir empréstimos para pagar os juros dos empréstimos contrahidos!

Vejam, porém, como a historia se repete, mórmente n'este cantinho da Península: Oliveira Martins sobraça a pasta da fazenda, a poucos annos da ejaculatoria antifontista, e qual a base do seu plano financeiro? Um empréstimo de alguns milhares de contos de réis!

Não era tão exclusivo Rodrigues de Freitas, n'uma apreciação do «Portugal Contemporaneo», á destrinça dos erros de visão e contradições frequentes n'aquella obra. Reconhecendo defeitos nos ultimos trabalhos politicos de Fontes, não esquece o atrazo economico em que nos achavamos antes de 1851. Clamava-se até ahi que era necessario melhorar o paiz; mas a clamação não passava de desabafo oratorio. Ora, Fontes Pereira de Mello aproveitou aancia dos melhoramentos, tornando-a efectiva real. O *janota* volveu-se fanatico pela sua causa: ainda bem, porque de 1851 para cá, dota-se a nação com estradas, viação ferrea, serviço telegraphico e postal. O impulso do engenheiro janota foi pois, efficassissimo...

Poderá, de futuro, apreciar-se com philosophica severidade a figura de Fontes, no conjunto da sua obra de estadista, ou mesmo tentar-se a pulverisação do *endireita* de 1851; mas fica ainda uma coisa que a historia lhe não negará, sem faltar á evidencia dos factos — o prestigio pessoal do homem, nas suas relações com amigos e sequazes, nas suas luctas com adversarios no parlamento, no porte da sua pessoa. E' esse aspecto do estadista, que n'esta publicação se accentua hoje, de corrida, para lembrar uma figura indubitavelmente sympathica, sobretudo no trato social.

Vinha-lhe já o prestigio do seu tempo de estudante. Uma anedota que o fallecido par do reino D. Luiz de Camara Leme nos contou, e outras da mesma fonte e de fontes diversas, dignas de fé, são, no seu aspecto psychologico, a contra-prova d'esse prestigio. Uma vez, um professor da Escola Polytechnica de Lisboa, ultrapassara o quarto de hora da tolerancia academica. D. Luiz e outros condiscipulos decidiram fazer, o que no calão academico se chama uma *bella parede*; e para apanhar na rêde algum estudante retardatario, vieram pela rua do Moinho do Vento, S. Pedro de Alcantara, onde encontraram o alferes Fontes Pereira de Mello, seu condiscipulo. Naturalmente, participaram-lhe a resolução tomada. Que diacho! era preciso castigar o abuso n'um lente que assim mostrava tão pouca consideração pelos discipulos, se bem que, lá diz o dictado — *com teu amo não jogues as peras*; mas a cousa já excedia os limites.

Fontes, que parára, ouviu com toda a deferencia as explicações da *parede*; sem altanarias, nem assomos de pedante, poz-se em posição de sentido, como se estivesse na presença do seu general, respondendo

com toda a polidez e serenidade apenas isto:

«Pois eu não falto aos meus deveres escolares!»

E, cumprimentando os collegas, seguiu gravemente em caminho da Polytechnica.

Imaginam que os condiscipulos atiraram qualquer chufa, ou ironia, ou *piada* do calão academico ao collega? Engano: excepcionalmente se conservaram quedos, paralisados, como se uma voz do alto os tivesse chamado a uma reserva prudente.

Certa vez, Fontes, então ministro da fazenda, trabalhava no seu gabinete. N'uma casa contigua, accaso discutiam acaloradamente varias personagens burocraticas, na dóce persuasão de que o ministro estaria ainda em casa. A discussão entretecida de risadas, interjeições facetas ou espletivas gaiatas, seguia seu curso, quando uma porta se abriu, apparecendo, emquadrado no rectangulo, a figura séria e distincta de Fontes. O *olympico*, com a sua cortezia habitual, apenas disse isto:

«Naturalmente, v. ex.^{as} estão fazendo falta nas suas repartições?»

Cahi um silencio de chumbo no recinto! Os burocratas gárrulos, como

impellidos pelo mesmo segredo de machinismo occulto, puzeram-se a pé, e, dobrados em arco n'um cumprimento respeitossissimo, sumiram-se, caladinhos que nem ratos...

Mais anedotas. Presidia Fontes Pereira de Mello á sessão na Camara dos Pares, sessão que decorria na paz habitual d'aquella casa sombria e pesada. Parece que na outra casa do parlamento se haviam azedado os debates até á tempestade, vendo-se obrigado o presidente a mandar evacuar as galerias.

Os deputados foram indo á *formiga* para o recinto senatorial, mas, contra o costume,



FONTES PEREIRA DE MELLO
(Retrato tirado quando foi ministro
de D. Maria II)

evitavam encarar com Fontes. Notou este essa circumstancia; e, vendo entrar B. M. chamou-o, perguntando-lhe á queima-roupa: — Que houve na sua camara? — Porque m'o pergunta? disse o interpellado? — Cá tenho as minhas razões: que houve, diga! — Então, o seu antigo *afilhado de capello* relatou os tumultos que se haviam dado na outra casa do parlamento.

Fontes, com um ligeiro sorriso, apenas observou:

«Já o tinha adivinhado, precisamente porque ninguem me tinha dito nada!»

E' sabido que, por grandes que fossem os aggravos recebidos dos adversarios, Fontes, se accaso algum, para desfazer o effeito d'esses aggravos, tomava a iniciativa de *carregar* na personagem aggravante, levando-a ás gemónias, mórmente se ella tinha graves culpas no cartorio, cortava a diatribe, buscando a desculpa do aggravo no calor das paixões politicas. Ora, deu-se o caso de, um dia, certo deputado impetuoso, dos mais violentos da columna opposicionista, levar as invectivas ao paroxysmo, descrevendo o chefe regenerador como o peor dos monstros. Provincianos ingenuos, que porventura houvessem assistido nas galerias á sessão, levariam para casa a certeza de que Nero e Caligula eram, afinal de contas, acceitaveis creaturas, comparadas a Fontes.

Como de costume, á noite, em casa do *olympico* chefe, commentava-se o maldoso ataque, e a serenidade e cortezia habituaes de Fontes que, nem mesmo ante uma tal brutalidade, *perdera a linha* da mais extremada delicadeza. E como o deputado aggravante não primava pela immaculabilidade da sua vida intima e publica, e como o silencio de Fontes parecesse animar a *carga* no ausente, não escapou nem o mais simples pormenor biographico, a demonstrar a nenhuma aucto-

ridade moral do aggravante. Tudo foi esmiuçado, *p á pá, Santa Justa!*

Qual não foi, porém, a surpresa, o pasmo dos circumstantes quando, a remate da descomponenda, Fontes, com um leve sorriso amargo exclamou: *Effectivamente, esse sujeito não é boa pessoa!*»

Para que Fontes, sempre um *gentleman*, sempre sobranceiro ás tempestades parlamentares, lançasse um tal desabafo, era preciso que a sua dignidade offendida sangrasse ainda, e muito, e então por causa de que inimigo!

A delicadeza da sua alma aquilata-se por este simples facto. Certo pretendente, cansado de esperar em vão por um emprego que teimava em não passar de *hypothese*, invocou a sua extrema penuria, quando no patamar da escada de um dos ministerios, conseguira deter no seu caminho o *olympico*. Foi prolongado o *Kirie* de angustias! Nem tinha já a mais simples moeda, trocavel por um pão de vintem! Fontes, commovido, abriu a bolsa de prata e escancarou-a delicadamente ao interlocutor. Era este da raça dos luctadores que arrastam com a fome, mas que jámais recorrem á esmolação. Agradeceu

profundamente, desculpando-se de não poder acceitar um ceutil. Ficou Fontes interdito! Compreendeu de relance que, sem querer, humilhara uma alma digna e nobre; mas sentia, por outro lado que, indo em auxilio de quem confessava espontaneamente a sua penuria, não praticava mais do que um acto de puro e desinteressado altruismo. E Fontes insistia timidamente, supplicante: «Acceite; aceite qualquer coisa; pagar-me-ha quando puder!» E assim estiveram indecisos, algum tempo; por fim, o estadista guardou a bolsa, prometendo que faria todo o possivel para alcançar uma collocação qualquer a quem tanto carecia d'ella.

Este e outros traços da biographia de Fontes Pereira de Mello caracterizam a sua



FONTES PEREIRA DE MELLO
(Um dos seus ultimos retratos)

bondade, a nobreza do seu coração. Conhecia os homens que o rodeavam; se com todos era polido, decerto que no seu intimo saberia fazer distincção entre os que lhe mendigavam favores e os que, sobranceiros a toda a mendicancia, valiam pelo lado moral da sua consciencia. Discipulo de Rodrigo da Fonseca no scepticismo politico?

Sem duvida: mas, raramente se enganava na aquilatação dos caracteres de primeira plana. Se politicamente corrompia, é porque encontrava facilmente *corruptiveis*...

Parece que depois de Fontes, as qualidades de cortezia extrema, delicadeza, aprumo e dignidade funcional têm ido baixando sensivelmente...

SILVA BASTOS.



Martha e Maria

I

*Na casa humilde e simples, — habitada
Por Lazaro, por Martha e por Maria, —
Jesus fala do Céu. E' claro o dia,
Clara a voz do Rabbi. Ajoelhada,*

*Maria escuta a prédica inspirada,
Fitando os lindos olhos de judia,
— Limpidos, castos e de côr sombria. —
Na face de Jesus, illuminada.*

*Martha lida na casa, activamente,
Lazaro scisma, e fica-se indolente
Encostado ao portal. Pelo ar sereno*

*As rolas bravas passam arrulhando.
Desce um raio de sol, furtivo e brando,
Sobre a cabeça ideal do Nazareno.*

II

*Martha deixa o trabalho e diz: — Rabbi,
— Viste que andei sósinha n'esta lida,
— E que Maria, ouvindo-te esquecida,
— Não me veiu ajudar? — Jesus sorri*

*E responde tranquillo: — Martha, a vida
— Não merece a canceira em que te vi.
— Aos cuidados da casa antes, por ti,
— Fosse a minha palavra preferida. —*

*E erguendo ao Céu a mão delgada e pura,
E tendo na voz lenta mais doçura,
Jesus affirma ainda gravemente:*

*— Tu, Maria, escolheste a melhor parte,
— Aquella que ninguem pôde tirar-te,
— E que tua hade ser eternamente.*

Maria de Carvalho.



O RISO GAIATO DE TRES RAPAZES DAS RUAS

O RISO

O riso que distingue o homem de todos os outros animaes, embora pareça que não, é tão susceptivel de se aperfeiçoar e de obedecer a um certo e complicado numero de regras como a arte de falar ou de vestir. E' principalmente em scena que se reconhece a possibilidade da sua educação. O riso bem alegre e communicativo precisa d'um estudo aturado por ser mais difficil de representar do que o pranto.

O riso contrafeito, mechanicamente traduzido por esgares horrorosos, resulta sempre grotesco.

Nas suas immen-

sas modalidades provenientes das condições da vida, da idade, do temperamento e de tantos outros pequeninos nadas, encontra-se facilmente o objecto de um estudo curioso e cheio de imprevistos.



O RISO GALANTE

Gelazino, o Deus que a mythologia nos aponta como sendo o orago da Alegria, armando-se em cosmopolita como o beijo, passa metade da vida a deleitar-se na esperança de gosar a outra metade. Acompanha a humanidade inteira brilhando aqui, fugitivo como o relampago; acolá, erradio como um almocreve transviado na es-

curidão da noite; mais além, sereno e olympico na correcção e pureza de uma estatua grega; e, ainda mais além, diabolico, infernal como o riso de Nero contemplando Roma incendiada. E, se formos pela vida fóra, em cada creatura poderemos encontrar uma diversa maneira de rir, um diverso modo de expressar a alegria que a domina. O pranto reveste sempre a mesma forma, identico aspecto, onde quer que appareça.

Quer seja raras vezes provocado por uma immensa e inesperada ventura, quer originada pela pressão de uma dôr dilacerante e angustiosa, lança-nos sempre no mesmo abatimento de que só elle é o supremo allivio.

Não ha differença alguma entre o pranto dos nobres e plebeus, dos ricos e pobres, das creanças e velhos, dos genios e mediocridades. O riso varia sempre.

Desde o riso mythologico dos faunos e satyros, de Venus originando-se na espuma do mar e do riso biblico de Suzanna e de Rachel, ao riso mau de um dictador ou ao riso imbecil de um critico que difficilmente sabe escrever o seu nome, vae uma longa escala de risos que por vezes se entrechocam e difficilmente se combinam. Ha o riso discreto e frio dos honestos e de todos aquelles que pretendem impôr-se pela linha grave e austera, pela inflexibilidade do seu porte.

Ha o riso nervoso que desperta de subito tal como se se determinasse com a ponta de um lapis a contracção instantanea em um lethargico obtendo por este meio as expressões mais singulares da physionomia.

Ha o riso alvar, apaler-



O RISO DE EDUARDO VII

noiva que realise o typo d'essas morenas ardentes que se vão sensibilizando pouco a pouco á mercê das novellas dramaticas e com a leitura constante de romances de amor.

Ha o riso bom e experiente e o riso sublime e carinhoso das mães, essa *nesga do ceu, entrevista atravez de uns labios de mulher*, como disse alguém.

Quem não viu ainda porventura essa modalidade de riso que costumamos dizer: — riso amarello, riso torturado e forçado de *clowns*, algumas vezes invejoso, deixando transparecer a baba que se esforça por occultar?

Não existe pessoa alguma, crêmos bem, que desconheça o riso charlatão d'aquelles que, com ares superiores, dizem saber tudo, resolver tudo, não sabendo nem resolvendo cousa alguma!

E quem poderá viver feliz sem contar entre os vizinhos uma creatura galante que ao abrir as janellas deixa vêr os braços seminus e um sorriso encantador em labios rubros como papoilas?

Haverá alguém, emfim, que não tenha visto, como nós, esse *sabbat infernal* de maneiras de rir?

Aqui, é o riso furtivo mas escandaloso por detraz



O RISO DO CZAR



O RISO DE AFFONSO XIII

de um leque finamente trabalhado, ao som de uma valsa ligeira, entre o *frou-frou* das rendas engommadas, além, o riso generoso, complacente, de meninas casadoiras que escutam um D. Juan que se diz um *grand voyageur* e conta poemas de amor, proezas galantes das suas noites de *boulevards*.

Mais um passo e encontraremos um sileno, em uma bachanal infame, contando a sorrir as scenas sensuaes e picantes a que se tem rendido nas horas de embriaguez ou uma creadinha bréjeira que volta do mercado sorrindo enleada junto de um militar espadaúdo, que armou em parente improvisado. E' que em toda a gente, a toda a hora e seja onde fôr, o riso campeia ora alegre e festivo, ora sombrio, ora franco e bom, ora reservado e mau. Ha risos de sonhos que nós sonhamos e que arrastam consigo um mundo infinito de illusões e de phantasias. Ha os risos dos loucos, risos colossaes e satanicos, que nos fazem vibrar horrorosamente os nervos perante os seus esgares e o seu olhar que vive mas que não tem expressão.

Ha risos de miseria, risos revoltantes, risos de descrença, risos que se originam ao ouvir uma narração divertida, risos crystallinos com que sublinhamos um dito de espirito ou um *canard* engraçado, risos suaves de *flirt*, risos de boas novas, risos lubricos provocados por qualquer cançoneta bréjeira de café concerto.

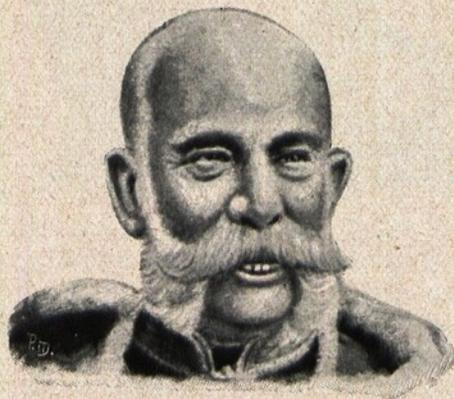
Ha risos de reis, de moços de recados, de vendedores de jornaes, de



O RISO DO KAISER



O RISO DE FALLIERES



O RISO DE FRANCISCO JOSÉ

comicos ambulantes, de vultos eminentes, ha risos revoltantes de vaidade e de cynismo que, após um cumprimento fingidamente feito, deixam o rasto petulante pela rua fóra até ao voltar da primeira esquina.

Ha risos que rebotam dos labios ao ver alguém que escorrega, ao ver, emfim, o mal dos outros. Ha frouxos de risos sem razão de ser que chegam a ter uma graça estonteante na sem-razão que

os provoca, na sua propria insensatez.

Ha risos indifferentes como os dos carteiros que, levando dentro da sua bolsa de couro as noticias mais fulminantes e contradictorias, se acercam dos destinatarios, indistinctamente, cumprimentando-os a sorrir!

Em troca de um sorriso colhido em uns labios frescos de mulher, os portuguezes de outr'ora lançavam-se nos torneios quebrando lanças por ella nos crescentes da moirama, sedenta de vingança. E, se conseguiam voltar como heroes junto da sua dama, esse riso ambicionado valia tanto como se fôsse um thesouro colossal, uma riqueza inextimavel. Ha risos que só pela sua graça e pela sua frescura nos deixam completamente saciados, ha outros, que, muito ao contrario, são uma especie de prelude que serve sómente para nos excitar.

«Ah! mais vale rir do que chorar, visto que o riso é natural no homem!...» exclamava Rabalais; e nós, como portuguezes, que, segundo rezam os *couplets*, «*sont toujours gais*», desejaríamos, como Zeuxis, morrer

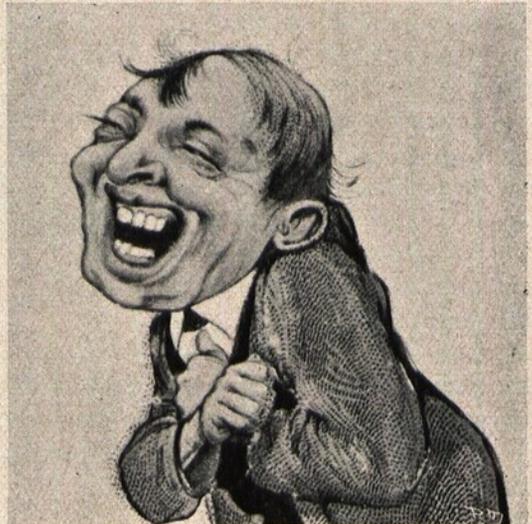
a rir. N'um riso que fosse a expressão d'uma grande lucidez de espirito, d'uma grande compreensão da vida.

E havíamos de morrer contemplando de

para o publico julgava estar sempre no dia 1 de abril, a fim de justificar o nome d'este riso, conta-nos com toda a gravidade o seguinte facto, na sua *Monarchia Luzitana*.



O RISO BOÇAL



A BANDEIRAS DESPREGADAS...

mãos nas ilhargas a sociedade actual, ou então levemente reclinados sobre o hombro de uma morena gentil e nervosa, dizendo-lhe a sorrir uns versos de Musset...

Ha tambem um riso especial a que vulgarmente chamamos riso sardónico.

E' precisamente por ser o riso sardónico aquelle que mais desconhecido se torna na sua origem, sendo poucos os que sabem explicar a causa do seu nome, que nos vamos deter um pouco n'este ponto. São diversas as questões e as versões levantadas sobre a etymologia da expressão que o denomina.

Este riso em si, representa o riso convulsivo, devido a uma involuntaria e grande contracção muscular.

Mas, em sentido figurado, quer significar o riso forçado cheio de intenções sarcásticas.

Fr. Bernardo de Brito, que, a escrever

«O Marquez de Favera, governador da Sicilia no anno de 1590, desejando saber a verdade, d'este segredo da natureza, mandou lançar uma boa quantidade de sumo de herva *sardonía* em um pouco de vinho tinto, que fez beber a um turco captivo, que por

certos delictos estava condemnado á morte; e foi tal a virtude e força do veneno, que, no espaço de um quarto de hora, começou o turco a rir continuamente mas de tal modo, que mais parecia apertar os dentes com raiva, que rir com alegria, e finalmente, algumas horas depois, acabava dando estes risos mudos e forçados, produzidos pela violenta contracção dos nervos.»



O RISO BOM DE SATISFAÇÃO

Não sabemos nem poderemos portanto affirmar se Fr. Bernardo de Brito nos forneceu uma narração veridica ou um caso de pura invenção.

Parece-nos porém mais aceitavel uma outra versão, que, por ser mais simples e corrente não deixará, talvez de merecer maior crédito.

Sardónico quer significar pessoa ou cousa proveniente da Sardenha.

Ora a planta *sardónia*, a que se refere o auctor da *Monarchia Luzitana*, provem da Sardenha. Será por este facto admissivel a origem apontada para a designação do riso a que nos estamos referindo? Talvez.

Mas vamos á outra versão.

Mal os carthaginezes conquistaram a Sardenha, quatrocentos e tantos annos antes da era christã, introduziram n'essa ilha, a par dos seus sacrificios humanos, o culto das suas divindades sedentas de carnificina, desejosas de sangue.

O Deus Baal era um d'esses deuses sanguinarios, e os carthaginezes tinham-lhe consagrado um monumento que consistia n'uma estatua de bronze, de monstruosas dimensões.

Como era ócca, depois de aquecida ao rubro, servia de recipiente, aos condemnados á morte, ás victimas humanas que eram sacrificadas em honra d'esse Deus que a estatua representava.

E' facil de calcular os horrores e tregeitos que faziam as victimas dentro d'aquella fornalha infernal.

E, como a morte tinha por companhia as mais atrozes convulsões, a dôr e o desespero davam por vezes aos condemnados a expressão de um riso espantosamente lugubre que causava arrepios de pavor.

A taes sacrificios é que os escriptores da

antiguidade foram buscar a expressão — riso sardónico — como indicativa d'essa especie de riso que tantas vezes se faz e que tantas outras se tem procurado definir.

E livre-nos Deus de semelhante riso que é talvez um dos peores entre tantos e tão variados systemas de rir...

Mas, narradas as duas melhores versões sobre este assumpto, passemos adeante.

Ha risos que correspondem a cada estado moral particular.

Ha risos francos e leaes em A, nas pessoas que amam o ruido e possuem muitas vezes um caracter inconstante.

Ha risos em E, nos fleugmaticos e melancolicos.

Ha risos em I, nas creanças, nos ingenuos, nos delicados, nos timidos, nos serviçaes e irresolutos.

Ha risos em O, nos arrojados e generosos.

Ha risos em U, nos misantropos.

Mas nenhum d'estes risos tem o poder supremo que possui quando apparece scintillando em uma creatura de talento.

Democrito levou a vida a rir. Voltaire, esse *satyro divino*, o *monstro da ironia* no

dizer de Junqueiro, incarnou a graça do sorriso ao dirigir madrigaes a Pompadour e a mademoiselle de Charolois, essa seductora e endiabrada rapariga que pertencia á primeira nobreza de França e que certo dia se vestiu de franciscano a fim de se photographar. E' que, sem duvida alguma, no riso do genio encontra-se a verdadeira e incomparavel expressão do riso. Ha n'elle uma tempestade divina que se desencadeia, uma gargalhada estupenda e surda como na lanterna de Diogenes!...



O RISO DE ROSTAND



O diluvio de Paris



UE espectáculo sem par, o de Paris inundado! Que palpitantes episodios, desde os do mais macabro melodrama do Grand Guignol aos da farça mais clownesca do Ba-ta-

clan! E a sublinhal-os todos, que ironia fantasista espumando mesmo dos mais lugubres!

Só Paris, este theatrographo incomparavel, sabe conciliar as anthiteses mais contrarias nas scenas de effeito tão imprevisto, em que Hugo collabora com Paulo de Kock, Ponson du Terrail é caricaturado por Forain, Bourget vae de braço dado com Pataud, e o lyrismo de Rostand tem por ponto d'admiração uma pirueta de Gugusse.

Durante as semanas d'este diluvio profano, Paris foi o monumental palco de pedra e lama onde se representou, ante o publico mais trocista do mundo, esta peça de grande espectáculo, que poderia chamar-se *A revolta do Sena*, ou *A greve geral dos canos d'esgoto*. Imaginem o que será, depois d'esta, a Social, ha tanto prégada pelos apóstolos neobiblicos da C. G. T. quando os inundados d'agora se resolverem por sua vez o represental-a a serio... se é que Paris pode tomar alguma coisa a serio.

As gravuras dos bilhetes postaes e das Illustrações não podem facultar-lhes, de longe, nas suas proporções reduzidas e n'essa phantastica desproporção de perspectivas que a photographia dá á realidade, as visões hallucinantes ou comicas que offereceu aos poetas, aos pintores e aos caricaturistas,

Paris assim transfigurado de repente na *Lutecia* lacustre que fôra na origem.

A cidade da luz passou a ser a cidade da agua. Melhor, da agua choca. Uma Bruges do enxurro; uma Amsterdam sem navios; uma extranha Veneza lamacenta e putrescente. As ruas converteram-se em canaes. As ruellas em canalettos. As praças em lagunas. Onde havia omnibus e autobus, viram-se fluctuar jangadas cheias de naufragos de chapéu alto, como n'uma parodia burocratica do bem conhecido naufragio épico da Medusa.

Couraçado de oleado, de nordeste na calva heroica, e as gambias de grou depenado enfiadas nas botas altas d'um lobo do mar, mereceu entusiasticas ovações, no seu papel de almirante fluvial, Monsieur Lepine esse incomparavel prefeito da policia que, no fundo, até os proprios apaches adoram.

As gares ficaram isoladas em ilhotas. A d'Orsay mudou-se n'um aquario. A de St. Lazare esteve para submergir, como um velho paquete. Os viajantes mundanos da Cote d'Azur, para sair da de Lyon tinham de trocar o *sapin* habitual por um barco, como no Canal Grande.

Casas de seis andares inclinaram como a Torre de Pisa. Outras, meio derruidas, expozeram reduções scenographicas do terramoto de Messina, como em quadros-vivos de cataclysmo, arranjados pelos machinistas do Chatelet. Bairros inteiros foram abandonados pelos inquilinos e cedidos ao empresario do Ambigu, que os povoou d'uma comparsaria de piratas admiravelmente caracteri-

zados. E n'essas necropoles aquáticas representaram-se, á noite, nas trevas sabiamente condicionadas, as scenas de *cambriolage* mais empolgantes, com a policia irrompendo de subito, descargas de revolver. e o baque surdo dos corpos feridos tombando na agua viscosa. *Mise-en-scène* impecavel!

N'algumas casas, proprietarios racalitrantes negaram-se a abandonar o lar em perigo, repellindo os salvadores que queriam leval-os, a tiros... sem bala, está claro. Em Bercy, uma velha de oitenta annos (contaram os jornaes) não quiz sair do quarto onde vivia em companhia do seu derradeiro affecto — um gato empalhado. Foi preciso arrebatá-la á força, aos berros estrídulos, em camisa.

Em certas ruas, a agua irrompia de repente do meio do solo, em repuchos mirabolantes, do mais feerico effeito, entre as palmas da multidão, como na festa das aguas, em Versailles.

E enquanto a cheia ia invadindo as ruas, outra ia mimando parallelamente o subsolo. Barrancos escancaravam-se de subito, em que desapareciam carros atrelados de cavallos e transeuntes — que, está claro, reapareciam no segundo acto, como nas magicas.

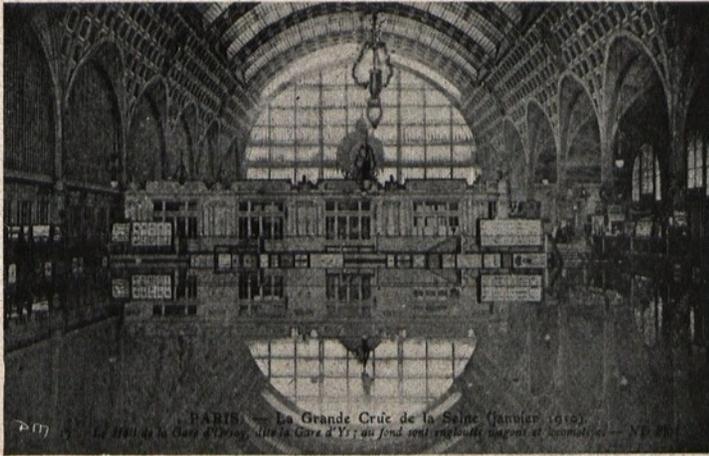
Para irem á missa, os fieis tinham de ir embarcados adorar o Deus que os inundava e penitenciar-se, a escorrer, dos horribeis peccados de Paris, que tinham merecido aquelle castigo do céo — segundo affirmou um dos seus sacerdotes mais veneraveis, no *Sacré Cœur* . Poesia candida da Fé!... Os conventos, barbaramente esvaziados pela implacavel Lei da Separação, foram evangelicamente atulhados, em compensação, de centenas de familias proletarias. Algumas, que tinham laboriosamente fundado o seu casal n'uma barraca de madeira suburbana, quando as aguas descera, viram-lhes ape-

nas o sitio. Estatuas foram afogadas. A de Baudin ficou só com a bocca de fóra, como se soltasse ainda a derradeira phrase famosa. Outras appareceram tatuadas de lama, como se o Sena fosse tambem *camelot du Roy* . No jardim das Plantas, as nostalgicas girafas e os ursos philosophicos viram-se mais uma vez desalojados — pobres Reis do Exilio. Só as phocas tripudiarão, a boiar como os cães e os deputados. Em certos bairros viram-se bandos de patos e cysnes, em exodo, singrando pelas ruas como nos canaes tristes de Bruges. A praça da Opera esteve para se converter n'uma grande cisterna em que se esboroasse, como n'um quinto acto, a architectura maravilhosa da Academia de Musica.

Como a um gesto fatidico e syndical de Pataud, o rei das trevas, a luz electrica apagou-se. Os relogios deixaram de marcar a marcha do tempo. Os telephones deixaram de transmittir as vozes anciosas dos amantes e dos parasitas. E

ouviram-se, no meio das conversas que pareciam plagiadas dos sonhos paradoxaes de Wells, ou das divagações dos doidos, phrases como estas: «Hontem, uma grande vaga esteve para me fazer naufragar, quando saltava da janella de minha casa, no boulevard Haussman!»

E houve, no meio de todo este vaudeville notas macabras, d'um *goysmo* retocado por Sem. Um caixão com o cadaver amortalhado foi descido á corda, d'uma janella, como um traste, para o barco que servia de coche de enterro. No cemiterio da Ile St. Denis, as cruces e as lapides tumulares foram arrancadas pela cheia e executaram uma dança de Saint-Guy, como a de Saint Saens. Sobre o leito onde morreu, uma mulher ficou isolada no meio do quarto do rez-do-chão, invadido pela enxurrada em que boiavam os frascos



O HALL DA GARE D'ORSAY, CHAMADA GARE D'YS
(Ao fundo estão mergulhados wagons e locomotivas)

dos remedios. Um esquite, como o da Santa da lenda, veio descendo o rio, com as corôas de vidrilhos a enfeitá-lo, como boias de salvação. Outro foi visto, com um gallo empo-leirado, como o re-clame vivo do *Chan-tecler*, a cocoricar.

Com as communi-cações quasi inteira-mente cortadas, a Rive Gauche imagi-nou emfim realisada a sua ambição mais secreta: a indepen-dencia da Rive Droite, esta *coquette* estouvada e devassa de que ella é a puritana irmã mais velha, eternamente rabu-jenta e invejosa.

Um charco immenso, em que singravam barcos, e não faltavam mesmo as rãs coa-xando, na Camara dos Deputados, alastrou pelo antigo Pré-aux-Clercs, o prado famoso onde no seculo guerreiro e galante da rainha Margot, os estudantes da Sorbonne e as Mimis Pinsons d'então, dançavam sob os sal-gueiros, ao som dos realejos e das canções brejeiras de Garguille, o trovador das fei-ras e das *guinguettes*.

Da praça Maubert á Bernard a terra firme desapareceu. E desde o velho pala-cio de Mazarin, o Sena cobriu os caes até á esplanada dos Invalidos. Sobre as altas per-nas abertas, a Torre Eiffel evocou a mons-truosa caricatura in-dustrial do gigante S. Christovão, er-guendo sobre as aguas côr de café, o globo terraqueo do holo-fote. Sob a nobre cu-pula d'oiro, Napoleão, no seu tumulo épico e theatral, foi sitiado n'um Waterloo pos-thumo, em vez de san-gue, de enxurrada.

Em certos pateos, os locatarios, como os naufragos nos rochedos batidos das ondas, tiveram jejum forçado, á falta de subma-rinos que podessem entrar pelos portaes

inundados. Sem a alegria da luz electrica, o Bairro Latino pareceu ainda mais nostalgico que de costume. O Boul'Miche, de tão bo-hemias tradições, foi uma avenida funebre de cemiterio de pro-vincia. No café Har-court, na Taverna de Paris, os estudantes mal allumiados por velas espetadas em garrafas lembravam, através das nuvens de fumo dos cachim-bos, as sombras d'um novo limbo dantesco, condemnadas ao bo-cejante supplicio do jogo das damas e do

dominó. Como nos tempos heroicos em que Cyranno de Bergerac e os três mosqueteiros se batiam em duello, todas as encruzilhadas do Pantheon jaziam na escuridão propicia do crime e da aventura.

No meio do rio immenso, Notre Dame evocou uma caravela mythica, com as torres erguidas como castellos e as cariatides esti-cando os pescoços como figuras de prôa. A Sainte Chapelle ergueu o burilado co-rucheu de renda gothica, como o das cida-des que jazem no fundo das lagunas legen-darias.

Para assistirem á sua secção de caturrice hebdomadaria, os Immortaes tiveram de ser transportados ao carricholo, como esqueletos picaros, bamboleando as pernitias de titeres escarranchados nos hombros herculeos dos marujos zombeteiros. Toda uma tripulação, com este nome for-midável *Le Redoutable*, se encarregou do transporte d'essas cargas frageis, sob o commando mavioso de Pierre Loti, que accumula o posto viril de capitão de fragata com a sua gloria ef-feminada de academico

Nas ruas aquati-cas, uma esquadra de policias andou fazendo o serviço da ordem publica sebre enormes pernas de pau, entre as chufas d'inveja dos gavroches. O nobre faubourg de S. Germain



PONTE IMPROVISADA, PORTA DE IVRY



PALACIO D'ORSAY

abysmou-se no pavor das trevas, como em 93, nas noites anciosas do Terror.

De longe a longe luziam apenas, sinistramente, como nas mãos dos *sans-coulottes*, archotes rubros, fumegando.

No Palais de Justice, hirtos nas togas como os espectros d'um tribunal medieval da Inquisição, os juizes julgaram ao clarão das tochas, réus-phantasmas. Impassíveis como aquelles senadores romanos que os barbaros tomaram por estatuas, enquanto um, mais curioso, lhes não puxou pelas barbaças austeras, só elles persistiram no exercicio angusto da Lei. Mas, como as enxovias iam sendo inundadas umas apóz outras, as absolvições augmentaram — o que prova mais uma vez que, se o crime é eterno, a justiça é contingente. Nos bairros afastados, os absolvidos foram arregimentar-se em exercitos de rapinantes. Como em Messina, e em toda a parte onde sobrevem uma catastrophe, os ratos e os corvos multiplicaram-se.

Os pescadores d'aguas turvas, para provarem de certo a precisão do qualificativo, appareceram em legiões, substituindo esses chymericos e philosophicos pescadores á canna que são das figuras mais typicas de Paris. Os padeiros augmentaram o preço do pão e diminuíram ao pezo. Durante alguns dias, os agoueiros fizeram rezear a fome, não pela falta, mas pela abundancia dos viveres, em poder dos açambarcadores. Lojas fecharam. Outras abriram. Os bilhetes postaes enxamearam. A caridade official clamou peio seu portavoz os nomes e dadivas dos grandes da terra, desde o Czar ao sultão Mulai-Hafid. A solidariedade humana expontanea foi mais uma vez uma figura de rhetorica asoprada pelos Tartufos e pelos conselheiros Pachecos, cheia de desmentidos da realidade.

Depois do processo de Madame Steinhel,

nunca se viu nos jornaes tal abuso de detalhes inuteis. Nas conversas, a inundação foi o assumpto unico, absorvente, que fez esquecer todos os outros. E n'esta universal vertigem de interesse que curvou os espiritos, todas essas figuras essencialmente parisienses que só vivem do reclame quotidiano e da curiosidade ingenua do publico, começaram a ver escurecer assustadoramente os horizontes da sua fama. Sobre todos, Pataud, o rei da Electricidade, e Rostand, o rei do Palco, tremeram. Houve quem lhes ouvisse dizer, entre os dentes, n'uma expansão de raiva ciumenta: *Sale rosse d'inondation!*

Em compensação, Sua Excellencia Monsieur Briand, presidente do ministerio, esfregava as mãos de contente.

Oh, estes conductores de povos, estes machiaveiros da opinião publica, como elles sabem tirar partido de tudo, com essa subtil astucia, que é o instincto primacial do politico e da raposa.

Sabiamente organisada pelo governo, o

desastre da cheia será, afinal de contas, a mais segura propaganda nas proximas eleições. E assim, muito longe de fazer uma manifestação libertaria, o Sena fez apenas a politica ministerial. Pobre idealista! Candido libertario! Em vez d'um Jaurés inflammado, prégando a Revolução social, eis-te um simples agente eleitoral, candongando miseravelmente votos para o senhor Briand! Os nacionalistas serão definitivamente batidos como sendeiros lazarentos. E com esta manobra inesperada, o presidente Fallières pode roncar em paz o seu somno de excellente burguez pançudo, sem ver farandolar nos pezadelos, em sarabandas macabras de cannibae, os insolentes Camelots du Roy, arrancadores das barbas honestas de Noé da Democracia.

Tanto é uma velha lei sociologica, meu pobre Sena, a que se resume n'estas palavras



PRACA DE ROMA

eloquentes e triviaes: «Com teu amo não jogues as peras!»

Da tua revolta, o que ficou afinal? O que fica sempre de mais positivo, depois de todas as revoltas: coisas partidas, destroços, cacos, trapos, enxurro, lixo, mau cheiro. Um pantano epidemico d'onde se exala, verde e livido, o bafo pôdre da febre.

Em Alfortville, um dos bairros proletarios mais assolados, uma das victimas, ao expirar, deu á luz triste o fructo do seu ventre faminto, que recebeu este nome symbolico, em que á Biblia do passado se allia a do futuro: *Moysés-Ferrer*. Nascido das entranhas da miseria, amamentado com o leite da orphandade, este novo filho das aguas será talvez o propheta futuro que guiará os homens para a Canaam da promessa.

Mas tudo, n'este inconstante e inconsequente planeta se compensa. Sobretudo em Paris — que é a capital paradoxal do melhor dos mundos possiveis, sonhado por aquelle bom dr. Pangloss do padre mestre Voltaire. A podridão é fecunda. A vasa das cheias, desde a do Nilo biblico á do Sena atheu, é o melhor estrume para as colheitas da fartura. Os limos fazem desabrochar as flôres mais bellas. Na proxima primavera, as midinettes poderão cortar mais frescos lilazes por essas margens suburbanas onde trina, cada abril, o rouxinol dos idyllos parisienses. Rodolpho poderá colher mais rosas para enfeitar o seio palpitante de Mimi Pin-

son, como os seus camaradas d'outrora as colhiam já, entre os salgueiraes do Pré-aux-Clercs, nos tempos heroicos e galantes de Margot, rainha de Navarra e dos namorados.

Mas apesar das successivas reinundações d'este fluvioso fevereiro, já a pomba augural que n'este novo diluvio tem a sua encarnação civilisada na *demoiselle* de Santos Dumont, annunciou a Noé-Fallières que a arca do Estado pode enfim aportar em segurança ao Elyseu, depois de tantos dias fluctuar sobre as aguas turvas.

Pelos velhos caés historicos, de novo os *bouquinistes* installaram os seus caixos verdes, esses inexgotaveis cofres encantados onde todos os dias veem descobrir algum novo thesouro os amadores do passado, como aquelle bom Sylvestre Bonnard do Instituto, de

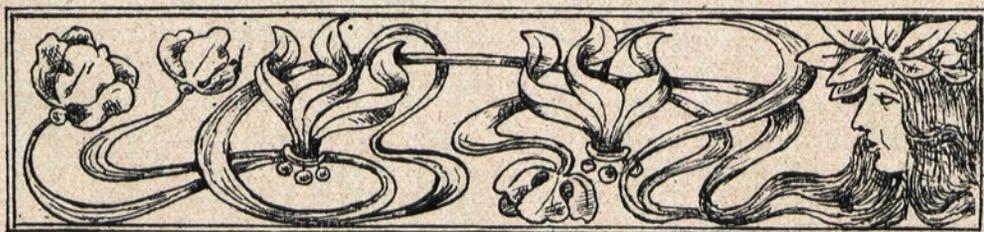
quem Anatole France contou a historia enternecida. Pelas invias ruellas merovingias da Cité e da Ilha de S. Luiz, tantas vezes gravadas por Callot; por todas as pittorescas viellas que durante dias foram canalettos feéricos; por todos os logares onde a vida reconquistou ao sonho o seu dominio vulgar e brutal, já os trovadores da calçada, ao som d'uma rabeça roufanha entoam novas canções — essas doces canções pelas quaes tudo termina sempre, n'este meu querido Paris.

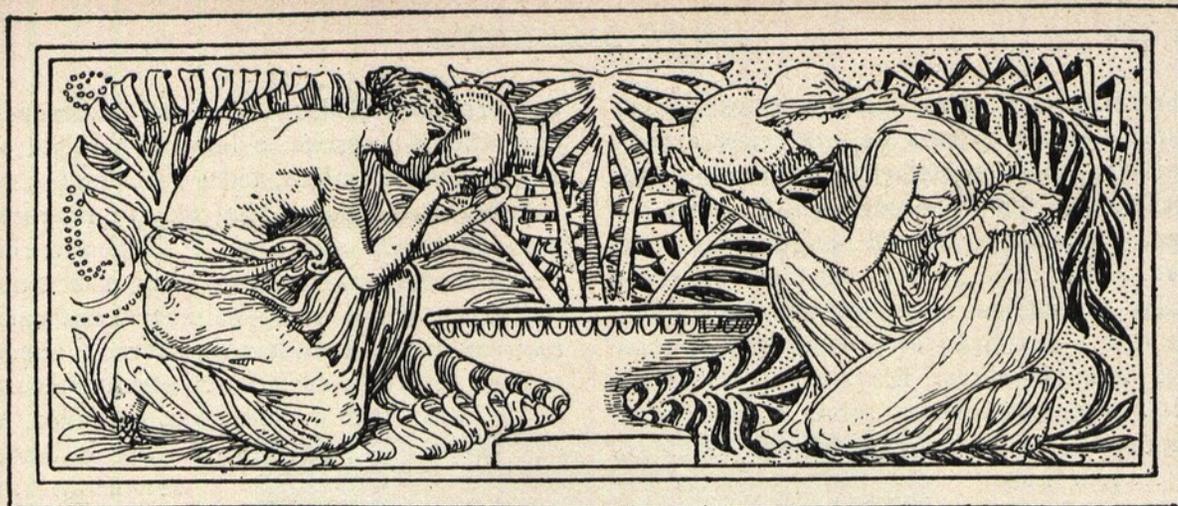
E não será essa a prova mais psychologicamente expressiva da sua supremacia?...



QUAI DE LA RAPÉE

JUSTINO DE MONTALVÃO.





ARTE MODERNA

Courbet Manet, os impressionistas, Puvis de Chavannes e Rodin

DEPOIS de Velasquez que poz a cantar os grís e os amarellos, pinta como lhe diz a retina os queixos banaes de Filippe IV e as mandibulas dos anões, depois dos flamengos, as artes estacionaram perplexas do rumo a tomar. O embate brutal, sanguinario do mundo velho e do mundo novo empolgou todos os sentidos, e as aguias de Napoleão denegriram o céu onde plana a beleza. Emfim quando os dois mundos voltam á sua posição feridos e cambaleantes tudo fluctua, tudo é inquietação, nevrose. A arte participa d'esta instabilidade, lançando-se por todos os atalhos, erguendo estandartes de guerrilha. São dezenas de escolas que se atropelam atraz da farandola do infinito que foge e do humano que teima.

O imperio passa e deixa couraceiros trepando nas telas, coroamentos e pompas de tyranos artificiaes de «pose» e de luz. O canção traz de seguida o romantismo das ruinas, das soledades, a reviravolta aristocratica da espada adamascada e da cabelleira de aventura. Mas não tendo fundo esta cor-

rente, pessimistamente a escola neo-classica surge com a linha grega, o capital corintio, a cariatide do Egypto desenterrada das areias. Escudando-se com a auctoridade da belleza antiga lança os canones, promulga os seus dogmas. Alguns são intransigentemente escolasticos: que uma cabeça de negro seja a cabeça de Antinõous, que as luzes mais fortes se obtenham com ócre amarello, as sombras com betum, e.

As telas e as estatuas repetem-se, monotonas, miseraveis de espirito e de fôrma, como soldados do mesmo regimento. Apparece então Courbet que espalha potes de azul da Prussia na lona para que nas suas *Remises*, nas suas *Séstas* campestres se sintam as apoplexias da natureza, esmeralda das seivas.

A arte grega e a arte italiana tinham realizado o seu mundo de harmonias partindo do ideal para a humanidade e não da humanidade para o ideal. Prophetas inspirados viram a belleza em sonho não a sentiram fremente e amorosa ao universo desde a lagarta á estrella. A humanidade para elles era mais fim que meio.

Courbet seduziu-se dos flamengos. Ao

contrario das outras escolas estes pensaram: elevemos para a belleza sem a arrancar das suas constelações o mundo todo, socialmente, antropocentrismo á parte, a vacca, o pastor, o gelo, as cataduras do céo. A sua alma pulsava em todas as moleculas do mesmo amor intenso, da certeza de que a perfeição está na alliança intima dos infinitos seres. Eleva-los portanto ás alturas e não; descer sobre elles a alva pomba dos mandados magnificos esplendidos.

Assim impressionado, o seu pincel traçou o banquete fraternal das creaturas, a hegemonia do povo. A pimponice dos livres batavos foi posta em realce, ao sol, que até ali só vira o popular escravo e submisso.

Feios ou espirituaes, bonacheirões e libidinosos elles clamavam bem alto:

— Nós cá somos gente, oh bom astro!

Era moda o luxo requintado da carne, os europeis e elles apresen-

taram a vacca com as ancas cheias de bosta, camponeses a urinar deante de todo o mundo, a fralda da camisa a sair da cinta dos bel-furinheiros. Aquelle cavalicoque que alma a sua! Aquelle bebedor é um cidadão da patria onde Calvino prega á vontade, os judeus teem o seu quartel-mór, onde Spinosa verteu as suas idéas de destruição e reconstrucção. São bem elles, os Guilherme Tell, a multidão que cava, revira a face do planeta, mostrando-se na fórma variada que vêm de Caim e ha de encher o porvir. Presente-se n'elles o nivelamento social, com

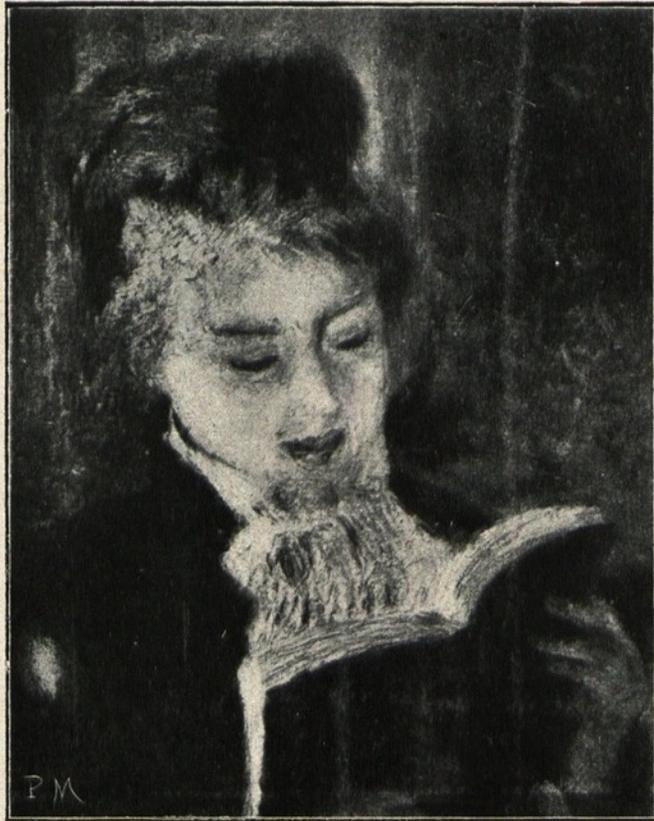
as kermesses doidas, os beijos, a liberdade dos sexos á espreita, a laveira, a relva, os animaes todos amigos, todos soberbos.

Elles são eguaes, abraçam-se, ninguem põe em duvida que o sol é do homem, do burro e das arvores, que Deus está tanto na fresca chopa como na nevoa dos cannaes na teta a rebentar da cabra, e nunca o povo teve esta desfaçatez, esta apothese de belleza, sem distincção o cardador, o deita-gatos, o mestre-escola, até o diabo

tentando as barbas maliciosas de Santo Antonio. Saskia abraçando Rembrandt com o copo de vinho ao alto é d'algun modo da sociedade futura a alegria exuberante e o trabalho que fortifica.

Teniers, Ostade, Brown, Ruysdael, Hobbema, Cresbeck, Rembrandt, Gozen, todos elles cantaram a patuléa popular vinda do infinito parte e sofredora a perder-se no infinito enterrecido e feliz. Para elles tudo

merecia a luz, a belleza, o amor, os tasqueiros rechombudos, os entrevados, os cães vadios. Os entes mesquinhos palpitavam para elles das mesmas ancias dos amazonas de Rubens, do mesmo ardor dos falcoeiros de Wouwermann. A natureza é uma, forçoso era amal-a na graça das nuvens doiradas, nos cegos que vão tacteando o caminho. A arte hollandeza e flamenga, assim, corou o universo todo, recuando á Gleba dos patriarchas a arrancar o batalhador infinito, bom e suarento, prestes a não ter lei nem grei.



MUSEU DO LUXEMBURGO.— LISEUSSE — RENOIR

Courbet, que era por temperamento um revolucionario, devia sentir esta escola, apaixonar-se por ella. Como os flamengos elle votou-se á realidade das coisas, tal como os olhos o apercebem e não como o espirito o póde edificar. As suas primeiras pincladas foram uma revolução. Aos collegas embasbacados, mettidos dentro d'um desenho estreito, da pompa classica, sardonicamente retorquiui:

— Quereis que vos pinte deusas? Pois não, mas mostra-me d'isso.

Nos seus quadros a vida abandonou-se como uma amante, sem pudores, nem recato dos defeitos naturaes. Os cabritos alçam o rabo, os coveiros fossam a terra ás mãos ambas, friamente, sem os pruridas philosophicos dos coveiros de Hamlet. Na mesma os seus labregos dormem o somno desleixado, bestial de todos os seres, chapéo para uma banda, véstia para outra. E todas as suas creaturas embrulhou na luz, lençol primitivo é certo, mas quente, sensível, o melhor que soube tecer no seu tear precursor. A mão de Courbet foi revolucionaria duas vezes: ajudou a deitar abaixo a columna Vendôme, pegou n'uma espingarda entre os *communards* e transmittiu aos impressionistas dentro da paleta a sua indisciplina e a sua technica nova.

Entregando o pincel á fórma como ella é

rigorosamente na apparencia os impressionistas começaram por abolir o tom local, os valores e as theorias antigas. D'esta fórma foram levados a estudar os phenomenos do ar livre, as gamas da claridade, os mil rostos do céo.

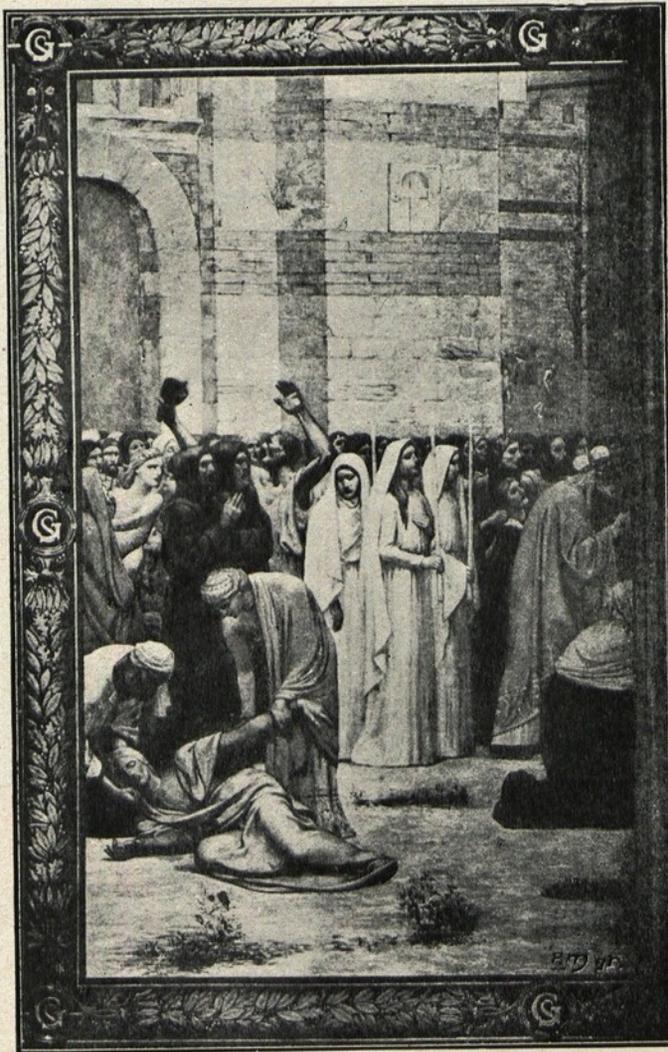
Manet tendo achado a mão larga e simples dos *hespanhoes* vae á frente. Como os deuses nas suas creações sobre o caos chocou os elementos primordiales da cór, a luz e a sombra, violenta, brutalmente. D'esta combinação gigantesca e difficil conseguiu afinal arrancar uma verdade maleavel, prepilante como os nossos olhos talvez não vissem primeiro, mas que depois acham justo e sus:

E' a Angelina feita com tição e com giz.

No *Balcon* e na *Olympia* a theoria nova está em flôr, com um ambiente real, entre notas caseiras de finura e de graça. *Chez le Père Lathuile* a realidade ficou presa na luz como

um passaro esvoaçando, rendeu-se ao olhar hypnotisante de Manet.

Depois de Manet, Monet apura, leva até a exaltação o novo estylo. Havendo estudado com Chevreul a theoria das côres para elle o ether não tem mais segredos, chega a decompôr a restea de luz até traduzir o reflexo do reflexo. A atmosphaera n'elle é tudo; a idéa desdenha-a. Entre os seus quadros. A *Cathedral de Rouen*, feita



PANTHEON. — SAINTE GENEVIEVE — PUVION DE CHAVANNES

á espatula flamenga, como mil cirios consumindo-se ao sol uma luz infinita. No *Degenneu* o sol são labios rubros que chupam os pecegos, qualquer coisa muito tangivel, muito pessoal que se espreguiça na toalha, na cascata das flôres, brinca com o menino, e com o vento na fita do chapéo. Na *givre* só a luz ficou excelsa e soberana, cantando uma area feerica, desconhecida na terra, trazida da alma dos nevoeiros.

Renoir modula sobre a pelle setinosa das raparigas, sobre os roseirae e as verdes encostas todo o lyrismo das côres. O seu sol não doira apenas, não illumina apenas, espoja-se, gosa em toda a trepidação dos seus atomos sobre os seios virgens, os focinhos petulantes das suas raparigas, que não são ingenuas e não são preversas, mantidas n'um equilibrio todo enigmatico, todo actual, onde ha appetites e não ha provocações.

Jeune fille ao soleil é uma amante do astro, é elle que lhe leva a virgindade, lhe comprehende os caprichos e devaneios, lhe bebe o perfume dos póros. *Liseuse* é a sinfonia da luz, exuberante, subtil, onde ha beatitudes, voluptias, beijos talvez ao longe.

No *Le balançoir* o sol é um pagensito atrevido, que espreita por debaixo das saias, empurra o trapezio e ri gargalhadas sonoras.

As creaturas de Reuir são candidas, que

lhes exgota a luxuria o sol, cheias de vida, de movimento, d'uma alegria sã, magica, de contos de fadas.

Nas suas paisagens nunca acaba a primavera, são bucolicas do paraizo, tão ridentes e felizes que o pincel ás vezes esquece-se e põe-se a contar os legendarios pomares das princezas encantadas.

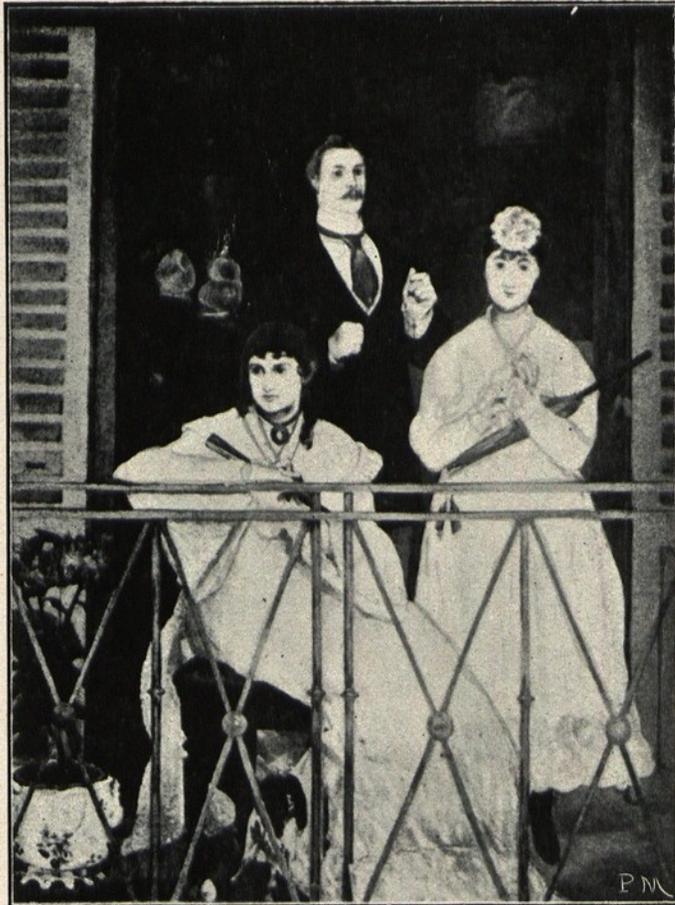
Cézane é o Schuman do impressionismo. A sua brócha passa vagarosa, amante, repleta de serenidade d'uma harmonia que foi roubada á musica pantheista.

Cour de vilage é um cantico baixo e luminoso do céu, das telhas, dos quintaes. No *L'estaque* as aguas, os ho-

mens e o sol elevam sobre o lit-motis do azul uma canção muito doce e pura, em que ha risos de fructos e de violetas, cavatinas de melros.

Degas é o feiticeiro que encanta o movimento, o realista ironico da vida contemporanea. A perna alçada das baillarinas, os rictos anemicos, o intelligente cinismo burguez, as decadencias da carne nua, tudo elle, sorrindo, prendeu o voar. A's vezes soccorre-se da caricatura mas é para melhor realçar uma chlorose, uma fanfarra chinfrim, os borzeguins cór de feijão frade d'uma cocote.

A par destes outros enfileiram não menos singulares, d'um humor não menos tartarizado. Cada um toma á sua conta um aspecto da vida habitual, tambem o dilata, tambem



MUSEU DO LUXEMBURGO. — LE BALCON — MANET

o escarna, que nos maravillamos de ahí ir encontrar mundos até então velados a nossos olhos.

E' Berthe Morisote cujos dedos finos de mulher fiam ternura nas telas; é Caillebote o observador profundo dos *Toits sans la neige* e dos *Raboteurs de parquets*; é Sisley o paisagista claro e vigoroso; Raffaelli galhofeiro e analysta prespicaz; Lebourg; Cassart; Guilhaumin; Pissaro, o poeta do esmeralda; Toulouse de Lantrec o implacavel anatomista das depravações.

Todos elles feriram a sua tecla, n'um acorde geral, um smorzo que vem da luz mais esplendente até a sombras mais ligeiras. Postos juntos destes os outros pintores empalidecem, cheirando a lava, ao ar fechado nas torres castelãs.

O impressionismo incarna o espirito vacilante e fugidio da época. O seu objectivo principal foi surprender o semblante das coisas na ambicencia propria, sob a volatilisação da luz. Assim determinado o pincel de Monet chegou a arrancar o momento ao turbilhão movediço e feroz dos universaes atomos.

Dentro da instabilidade moderna a nova escola conseguiu dar o instavel. De resto, d'um materialismo muito exclusivista nem suscitou uma idéa, nem nella ha a visão, a

tentativa menos febril de futuro. Reproduzindo a nevrose da época ante o porvir, com as suas cambiantes, inconstancias, bizarras de equilibrio e desequilibrio não commungou na philosophia dessa nevrose. A verdade provavel d'amanhã, pesquisada, retida n'um circulo feroz de sobrehumanas forças, qual Valkiria, desdenhou-a ella. Se dentro de si houve a palpitação da era nova faltou-lhe a ancia, o arranco para ella.

Amores sentidos n'um seio de mulher, entre o escópro de Phidias e os marmores de Himeto, os mortaes e as divindades que-

ria-os a sabedoria helenica a povoar o mundo convertendo-o, abrindo aos homens uma róta no infinito. Ia n'isto a previsão de eternidade para os labios e para os espiritos frementes d'um alto e puro ideal.

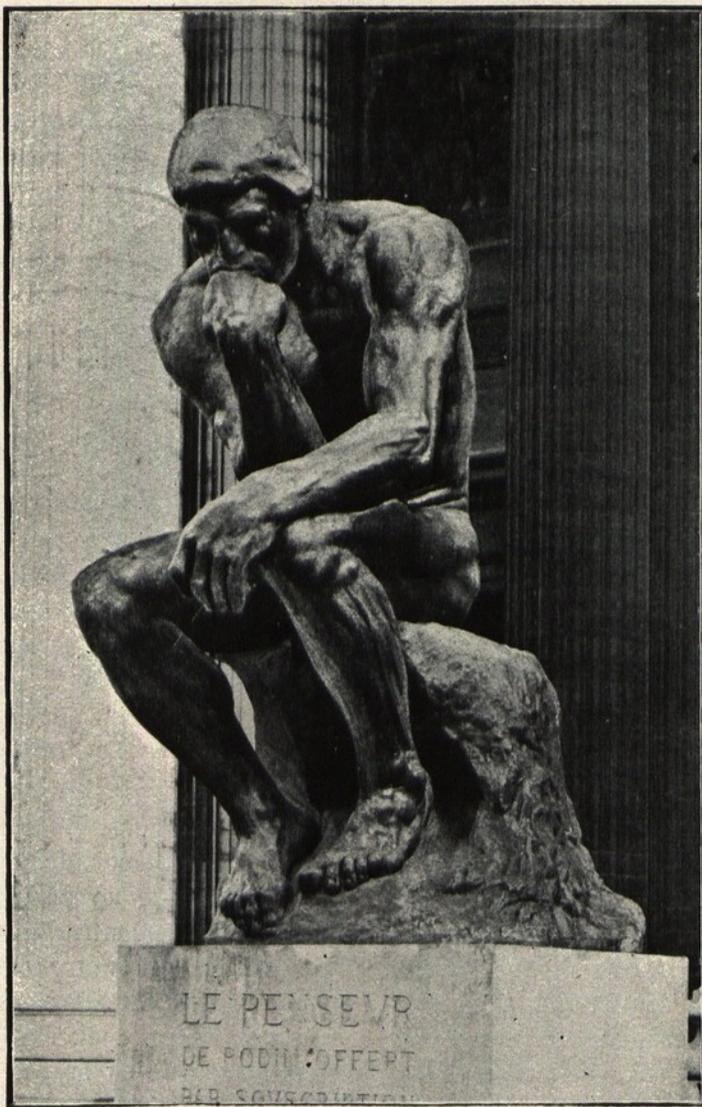
— Enganaste, Socrates — dizia Diotima, a prophetisa d'olhar penetrante — o bello não é o objecto do amor, como julgas.

— Qual é então?

— E' a fecundidade e a geração na belleza.

Na via lactea, no Scorpião, no Archeiro, acima das consciencias vê-se rolar o infinito e

a belleza, ligados em mysterioso amor. A alma humana desde que entreviu este abraço quiz penetrar-lhe o segredo e viver n'elle Ergueu Babel, prostou-se, elevou o templo



PRAÇA DO PANTHEON

de Salomão, chorou, cantou, esticou todos os musculos, colheu a caricia e a alma á musica dos ventos. Teve sorrisos de victoria e desalentos de morrer. Quanto mais se arrojou contra o enigma mais roubou da belleza, a mysteriosa esposa do eterno.

— Estrellas que sereis? que sereis? Belleza, estás tu no homem ou em Deus?

A grande arte representou sempre esta lueta e é ella esta ancia divina convertida em barro humano.

O impressionismo a este mysterio palpitante da humanidade preferiu o mysterio da

evolução das artes plasticas. O absurdo da pose, a indispensabilidade dos effeitos da luz, as transigencias do desenho, a escala dos valores tudo isto assentou a nova escola.

A sua grande falta imperdoavel foi o abandono d'ideal. Ao pé d'esta marcha ao caso lancinate, torturado de pensamentos dos cerebros, pôde dizer-se que foi uma ociosidade linda de diletanti.

Carrière só, Millet só, ou Constantin Meunier só, fizeram mais que todos elles, debaixo d'este ponto de vista. Novas escolas saíram do impressionismo como a brotoeja no corpo pletorico, formidavel. Ellas atropelam-se, curodilham-se, extraviam-se atraz da farandula desconcertante do infinito... Mas lá vão...!



MUSEU DO LUXEMBURGO. — LE DEJEUNER — MONET

luz, das phantasias do ether, da vibração das côres. Devassando-o afinal ficou senhor do sol e do luar, e caprichosamente vestiu com elles, á vontade, as ramagens, os atavios das mulheres, os dorsos nus. Os nossos olhos poderam então contemplar á maravilha os prismas infinitesimales fulminantes da terra, como só um Deus o poderia ter feito, postado entre as orbitas girantes dos astros, assestando a longamira.

Esta preocupação da realidade á força de subtilisar-se caiu por vezes no convencional, em exquisitices d'arcadia. Mas a despeito d'esta fadiga chimerica, d'este areal propositado de pensamentos, o impressionismo foi a mais salutar e mais radical phase na

das suas virgens. A eclosão da sua arte foi laboriosa e demorada.

Furtando-se ao drama elle marchou nos tempos até encontrar essa serenidade que ha de vir um dia entre o encanto e a doçura dos mundos. E sobre ella esbateu as horas crepusculares, cheias de harmonias e singelezas em que os braços erguidos bendizem, os labios dormem no mel deixado dos labios, as tintas do céu são puras, nem espelhando o mal da terra nem toldando os mysterios dos espaços.

N'uma abreviação magica de linhas, um rhytmo ternissimo de tons traduziu as horas puras e espirituales do amanhã, entremeados nos abraços freneticos e reboliço da vida

Puvis de Chavannes viu a lacuna dos impressionistas. Como um monge solitario e longamente estudou os thesouros de expressão descobertos, aperfeçoou-os. Muitas vezes subiu a escada deslumbradora que Monet ergueu para o arco-iris a procurar um céu, a divina diafaneidade

perfeita. Santa Genoveva velando, Santa Genoveva acariciando, Santa Genoveva abraçando é uma ladainha longinqua ás virgens cujo seio começa a doer, ás mulheres amantes em cuja bocca de leite, vinho velho e cerejas se bebe a infinita belleza.

Toda a sua obra é por emquanto para nós um sonho, dos sonhos de que accordamos nas manhãs claras, em que nos falou n'uma melodia ignorada uma mulher-estrella, Jesus, ou o tecelão Jacquart. Não é comprehendida de todos, nem podia sel-o facilmente, a sua sinfonia sobre a recta, elegante, ingenua, apaziguadora, d'almas felizes. Pela mão, talvez, de Giotto ou de Boticelli entrou no templo eterno quando os dragões crueis dormiam, e avistou a belleza. Correndo atraz da grande idealisação traçou o symbolo das coisas palpitando na melancholia e soledade dos mundos. No *Pauvre Pecheur* a doçura destroe o sofrimento. Na *Santa Genoveva* é a pacificação que nos penetra das virgens, dos monges, d'aquelle cortejo compacto e admiravel como só um Zola dos *Contos a Ninon* poderia ter descripto.

Chavannes foi o idealista mais puro dos tempos modernos. N'esta nossa época de pé queno individualismo, de dôr e de inconstancia elle está deslocado como a pomba emissora de Noé, transido e solitario sobre o deserto das aguas. Ainda hoje está á espera da sua hora maxima que ha de chegar-lhe dentro da eternidade luminosa que avassalou.

Ao passo que os impressionistas olhavam uma fórma que Puvis de Chavannes soccorria d'um ideal, Augusto Rodin revolucionava a escultura dentro de principios grandiosos, a dôr divina dos homens, crispações surdas de revolta, a piedade da materia humana soffrendo para evoluir.

Ha duas phases na obra de Rodin colossaes como edades. A primeira quando elle

era muito homem e as impressões no barro partiam directamente das impressões da sua carne, dos seus abraços, das suas voluptuosidades e revoltas. Poz então a rugir a paixão cerval e santa, a cantar beijos que não cabem na terra, piedades que não magôam, desafios ao infinito. E' a *Age d'airain*, as *Danaïdes*, os *Baisers*, os *Bourgeois de Calais*, grupos de faunos, d'amantes, cariatides, bebidos todos d'universal vida.

A segunda phase é quando o homem se cansa de ser homem como os outros, e o seus espirito vê o mundo fóra da zona vi-



LA BELLE IRLANDAISE. — COURBET

bratoria das paixões. Tendo exgotado o circulo finito da arte segundo os moldes seguidos, Rodin deixa usar as suas concepções até o informe, o que se enxerga na desordem dos elementos, e nos monstruosos sonhos de febre. *Le penseur* e o *Balzac* amassa-os atraz d'uma vitalidade, d'uma energia, d'uma expressão que esmaguem.

Para isso exagera sistematicamente no sentido do movimento e da alma os membros das suas estatuas. Como os colossos de Serapeum assim os submete a uma amplificação racional. E ao moldar enterra os dedos á bruta, escalavrando os dorsos, abrindo uma epiderme rugosa e engelhada á luz. Docil a atmospherá enroscou-se, ves-

tiu-lhe as estatuas, dando-lhe uma vida natural, um sopro animado de creaturas estranhas, d'outro planeta.

Dir-se-hia que Rodin talhou nos seus seres as proporções organicas suppostamente adquiridas por evolução phisiologica ao serviço d'uma idéa. No Balzac, que sentiu por a humanidade inteira a figura é tudo; figura irregular que foi, *de elemento* — como disse Lamartine; o resto do corpo é vago, deixa-o Rodin a contas com a hipertropia. Se esta observação é justa Rodin é em arte o herdeiro subconsciente é certo — da philosophia de Darwin.

Vezes ha porém em que Rodin não imprime a acção que de-seja no bronze, ou que a deixa nublada. *Le Penseur* é um primor de estatuaria com aquella linha dorsal para suster um Olimpo, a que lles hombros de esmagamento, aquelles pés que ferem o planeta, mas pensa? Aquelle braço torcido

n'uma curva linha que representa sempre um jogo de forças e ali traduz a dôr, affasta a idéa de pensamento. Será um sublime symbolo mas não sugere.

Rembrandt figurava os seus pensadores em obscuras e graves telas, bem refastelados, sem gymnasticas que torcessem o rumo das sensibilidades. Perante elles sim ha a sensação de graves problemas resolvendo-se em formulas laboriosas.

A meu ver no titulo o *Pensador* de Rodin, é um caso de pathogenia. Em estatuaria Rodin ultrapassou os Puget, Rude, Coisevox, os Donatelo; mas ao alto tropeçou na muralha, o grande, o divino Miguel Angelo. Miguel Angelo é o pezadelo de Rodin, vê-se quando faz arte, fala d'arte, es-

creve d'arte. Surda mas visivelmente todos os seus esforços se congregam todavia para o seu rival: O *Pensador* do Pantheon pode bem ser a replica ao *Pensador* do tumulo dos Medicis.

Saint Jean Baptiste pertence á época transitiva na arte de Rodin. E' bem o precursor que acena ao infinito, o proprio estatuario tentando hypnotisar uma fórma de belleza vislumbrada ao longe. E então que transe nos seus musculos retesados, que ancia d'olhar!

Nos seus bustos *Victor Hugo*, *Mirbeau*, *Rochefort* são estranhos seres, pedaços monolithicos, cheios d'uma luz assombrosa do Sinai.

Rodin não é apenas o épico das angustias humanas, o revolucionario de technica e de principios, é tambem alguma coisa o sonhador da infinita perfeição. Não se abandonou a um ideal exclusivo como Chavannes, mas entreviu a marcha de todos elles.



MUSEU DO LUXEMBURGO. — LE PAUVRE PECHEUR
— PUVIS DE CHAVANNES

Pelo sentimento Rodin é um grande philosopho; por empirismo mais que por theorias é um assombroso artista.

Nos seus olhos talvez vivam subconscientemente as maravilhosas harmonias dos astros que os mathematicos decompõem á lente. Mas por conhecimento objectivo não cremos que Rodin seja um sabio, um psicologo, um estheta, o anarchista mesmo da belleza. Os artistas teem o instincto e o raciocinio informulavel da visão. Não ouvem e andam bem os mil conselhos dos mil Ruskin, Hegel, Seailles, Fichte, Cherbuliez, Gujan, Manclair. Isto é a dissonancia e seria o estonteamento.

Geralmente não sabem linguas para decifrar todas as theorias que veem periodi-

mente da Allemanha devaneadora que se dobram como as sobradanças *einführung, auführung, nachführung, Zuführung*, graus de projecção da vida affectiva na arte.

A estrella d'orienta dos artistas não é outra que o sentimento. Ao fim da sua obra olhos alheios lhes revelam a profundidade. Se fossem sinceros poderiam dizer: Oh! diabo, mas eu não pensei n'isso!

Rodin é d'estes que inconscientemente creou obras portentosas, que outros decifram e baptisaram. Pela sua vaidade a sua presumpção de sabio, fiel aos espiritos santos d'orelha tem caído em desaccordo entre o letreiro e a psicologia das suas *creações*. *Le Penseur* trahe bem esta desintelligencia.

Mesmo esta leviandade do artista e dos criticos foi levada para os ateliers n'uma mordente e fina anecdotia que todo o rapiu de Paris sabe.

Rodin um bello dia tinha acabado de es-

quissar em barro uma theoria de figuras femininas.

— Hein, nova? Sublime — exclamou um critico entrando no atelier. — Que nome lhe põe, querido mestre?

Rodin não sabia ainda palavra!

— Mas um titulo está indicado, a matar: *as nove musas*.

Rodin concordou. Mas um Kankoe levar duas estatuas e desfez-se a theoria. E agora?

E' simples: *os sete peccados capitaes*.

O Estado porém compra outras duas e Rodin ficou perplexo.

— Mas *os cinco sentidos!*...

Com a quinta estatua que sae do atelier vem o crisma:

— *Quatro estações*.

Dizimada novamente a obra apelida-se:

— *As tres graças*.

Finalmente uma só resta no atelier, olimpica, esbelta e Rodin escreve-lhe no pedestal:

— *Soledade!*

Paris — Setembro de 1909.

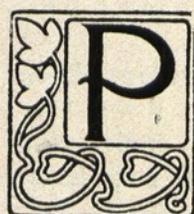
AQUILINO RIBEIRO.



UM POENTE

Mark Twain

Impressões de viagem — A Chicago Alleman



PERDI-ME em Berlim. Esta cidade em nada se parece á concepção que eu tinha a seu respeito. A' Berlim de outras éras havé-la-ia eu reconhecido pela descripção dos livros, a Berlim do seculo passado e do principio do nosso: uma cidade suja, edificada sobre paúes, com ruas estreitas e lamacentas, alumeadas por lanternas, e sobre as quaes se alinhavam casas velhas e feias, todas parecidas umas ás outras; as casas formavam rectangulos tão regulares e tão monotonos como as prateleiras de uma loja de modas. Essa Berlim, porém, cessou de existir; desapareceu, pelos modos, sem deixar o minimo vestigio. As dimensões da Berlim actual não dão a mais remota idéa da cidade que a antecedeu.

A sua situação geographica tem as suas tradições e a sua historia, mas a cidade propriamente dita nada representa de tudo isso. E' uma cidade nova, a mais nova de quantas hei visto. Chicago pareceria antiquáda ao pé della, pois se vêem ainda em Chicago bairros velhos, ao passo que é coisa que já não existe, por assim dizer, em Berlim.

A parte principal da cidade, dir-se-ia ter sido edificada na semana anterior, o restante, com muito boa vontade, poderia remontar a seis ou oito meses de existencia, quando muito.

Outra particularidade que dá nas vistas ao viajante, é a vastidão da cidade. Não ha outra, em país algum, com ruas tão largas.

Berlim não é *Uma* cidade, mas sim *a* cidade das grandes arterias, e outra alguma

no mundo lhe pode ser comparada, a semelhante respeito. *Unter den Linden* representa em largura o equivalente a três ruas. *Postdamerstrasse* é orlada de cada lado por umas veredas lateraes que representam, por si sós, mais largura que as principaes ruas conhecidas das velhas capitães da Europa; não existem ali ruas estreitas nem travessas nem atalhos; de longe em longe, se algumas das grandes arterias vão dar á mesma encruzilhada, o perimetro dessa encruzilhada é tal, que evóca um sentimento de majestosa grandeza. O parque, ao centro da cidade, é tão vasto, que produz a mesma impressão.

Um segundo traço caracteristico: as ruas são traçadas a cordel. As mais curtas não apresentam a minima curva; as mais compridas estendem-se em linha recta até o infinito, se acaso inflectem levemente, para a direita ou para a esquerda, voltam outra vez a recuperar o alinhamento, a perder de vista. O resultado desta configuração é o offerecer Berlim, á noite, um sumptuoso espectáculo. O gás e a electricidade são dispensados, á profusão, de modo que, para qualquer lado que se volte o observador, tem diante de si, por toda a parte, um duplo renque de candieiros potentissimos, accrescendo ainda uma magnificante e luminosa paveia alumeando as *Platzen*; entre estas interminaveis filas de luzes, vêem-se ainda as luzes das carruagens de aluguel, accrescentando a sua nota clara e alegre a tão formoso espectáculo: dão idéa de uma invasão de vága-lumes.

Uma coisa ainda nos impressiona em Berlim: a situação absolutamente plana da cidade.

Resumindo, a cidade é mais nova de aspecto que outra qualquer, mais illuminada e mais ordenada; não ha nenhuma com tão espaçosa apparencia, ou mais ao abrigo de pejamentos; nenhuma ha que apresente tanta rua direita, e Berlim pode, com fundamentos, disputar a Chicago a planeza do seu aspecto, como tambem a prodigiosa rapidez do seu desenvolvimento.

Berlim é a Chicago europeia.

As duas cidades têm aproximadamente a mesma população — cêrca de um milhão e quinhentos mil habitantes. Não posso fornecer algarismos mais exactos, pois apenas sei a população que encerrava Chicago, a semana anterior á passada; e, nessa occasião, ascendia a milhão e meio. Ha quinze annos, Berlim e Chicago eram consideradas como duas grandes cidades, certamente, mas nenhuma dellas era a cidade gigante da actualidade. E pára aqui o paralelo.

Dos bairros de Chicago, alguns, apenas, são grandes e bem traçados, ao passo que Berlim ostenta imponencia e grandiosidade; a cidade é uniformemente bella.

Em Chicago existem monumentos mais notaveis pela architectura do que os de Berlim, mas, não obstante, o que eu atrás deixei dito é ainda exacto.

Estas duas cidades planas seriam as primeiras, mercê da sua sorprendente salubridade, se não tivéssemos de contar com Londres. No momento actual, Londres occupa o primeiro logar.

A mortalidade, em Berlim, representa dezenove por cento; ha quatorze annos éra mais elevada, na terça parte.

Berlim é uma cidade de surpresas, a mais de um respeito. E' a cidade mais *governada* em todo o mundo, mas cumpre tambem admitir que é a *mais bem governada*. Admiram-se ali a ordem e o methodo que reinam por toda a parte, já nas vias principaes já nas secundarias, e até nos minimos pormenores. E não me refiro a uma ordem e a um methodo theoreticos existindo apenas sobre o papel, mas sim na realidade e em toda a acceção do termo. Para tudo existe uma regra, e essa regra applica-se invariavelmente, tanto aos ricos como aos pobres, sem preconceitos nem favores. Actua com perfeita egualdade nas grandes circumstancias como nas pequenas, com uma diligencia clarividente e nunca desmentida, com a qual in-

cide uma perseverança muito digna de admiração.

Vigoram ali diversos impostos que são cobrados a trimestre; *cobrados* é termo justo, muito mais do que *lançados*, pois são *cobrados* de cada vez. Os impostos não são aliás exorbitantes, excepto nas cidades e comarcas onde os habitantes são remissos em os pagar; neste caso, são sujeitos a accrescimos e a policia encarrega-se, mediante visitas serenas e frequentes, de obrigar cada um a exportular a contribuição. Exige ao contribuinte vinte ou quarenta pfennigs por visita, depois do primeiro aviso.

Ao cabo de um certo prazo, notámos que acabou por receber a quantia em questão.

Até certo ponto, o milhão e quinhentos mil almas de Berlim constituem uma vasta familia; a cabeça conhece os nomes dos diversos membros, a morada, o logar de nascimento, os meios d'existencia, e a religião de cada um delles.

Todo o individuo que chega a Berlim tem que ministrar desde logo estes pormenores todos á policia; e ainda mais, se sabe o tempo que tem que se demorar ali, deve previni-la, igualmente. Se aluga uma casa, será tributado segundo o aluguel da mesma e os seus proprios rendimentos.

Não lhe exigem que declare a cifra dos seus rendimentos, de modo que poderá reservar as suas mentiras para melhor occasião: a policia avaliá-lo-á pelo aluguel que paga o inquilino, e tomará essa quantia por base do imposto arbitrado.

Os direitos sobre os artigos importados são satisfeitos com inflexivel exactidão, quer seja grande quer seja pequena a quantia; o processo, empregado para obter este resultado é porém de summa brandura, e revela immenso espirito de tolerancia. Se a encomenda vem pelo correio, o carteiro incumbem-se de dar os passos necessarios, poupando assim á pessoa a quem ella vem dirigida quaesquer difficuldades ou incommodos. Ultimamente, um meu amigo soube que havia chegado pelo correio, endereçado para si, um embrulho contendo um cinto de seda com fivêla de oiro, para senhora, e uma cadeia igualmente de oiro, para pendurar chaves. No primeiro momento de sobresalto, quis subornar o carteiro, afim de se esquivar aos direitos, mas decidiu-se a deixar que o negocio corresse os tramites regula-

res. Dali a instantes, eis que o correio lhe vem entregar a encomenda, com o rol dos direitos a cobrar: direitos sobre o cinto de seda, trinta pfennigs; direitos da cadeia de ouro, quarenta pfennigs; direito da commissão, vinte pfennigs.

Estes impostos exorbitantes são lançados para proteger as industrias locais allemans.

A tenacidade serena, pacifica e cortês da policia é a mais admiravel coisa que eu, nesta ordem de idéas, tenho visto em minha vida. Lembraram-se de me pedir o passaporte de uma aia suissa que trouxeramos conosco, e depois de seis semanas de visitas, repetidas com paciencia angelical, a policia veiu a conseguir seus fins. Da minha parte, não havia a minima intenção de lhe fazer arrelias, mas contava com que viesse a cançar. Ella, a seu turno, pensava outro tanto a meu respeito, e não se enganou.

Em Berlim, é prohibido construir casas, mal assentes, perigosas, e desagradaveis á vista; isto explica a razão porque esta cidade é notavelmente formosa e imponente, o motivo porque se defende, melhor do que outra qualquer, de incendios e desabamentos; a architectura que ali preferem é a do mórro de Gibraltar.

Os inspectores dos edificios vigiam as construcções. Este systema parece preferivel afim de evitar derrocadas. Este povo allemão, na verdade, todo elle é manias!

E' prohibido amontoar a pobreza em casas apertadas e insalubres. Cada individuo deve de ter um numero calculado de metros cubicos de ar, e as inspecções sanitarias obrigatorias verificam o cumprimento de semelhante preceito.

Tudo se acha previsto. O corpo de bombeiros, disciplinadissimo, usa um curioso uniforme, e a austeridade da sua apparencia imprime-lhe uma tal qual semelhança ao exercito da salvação. Contaram-me que, assim que toca a rebate, se reúnem os bombeiros em boa ordem, respondem á chamada, e elles ahí vão, accudir ao fogo. Ali, entram em linha, militarmente, formam destacamentos designados pelo chefe, que distribue a cada grupo o trabalho que este deve effectuar, afim de apagar o incendio. As ordens são todas dadas em voz baixa, de modo que os espectadores poderiam imaginar o estarem assistindo a um enterro. Em geral, naquellas vastas construcções de tijolo e pedra lo-

caliza-se o incendio num só andar; circumstancia que permite aos restantes moradores o aguardarem os acontecimentos sem se atarrantar.

Abundam os jornaes em Berlim; existiu tambem um vendedor de jornaes, mas falleceu. Encontram-se kiosques, a cada meio kilometro, em todas as ruas principaes, e é ali que se podem comprar jornaes.

Fervilham theatros, mas não fazem reclamos espalhafatozos; não se vêem cartazes pelas paredes; nem annuncios em lêtras descommunaes; nem fotografias de actores e de scenas apresentadas em molduras sensacionaes e reproduzidas com côres suggestivas; semelhante estendal é coisa desconhecida em Berlim. Se porventura existissem os grandes cartazes, não saberiam onde afixá-los. Pois não existem salas de espera e é formalmente defeso o pregar cartazes nas paredes da cidade. Tudo que escandaliza a vista é prohibido: Berlim é um descanso para os olhos.

E comtudo, o vaguivago pode sem custo saber o que se passa nos theatros. Por toda a parte, e muito proximos uns dos outros, encontram-se uns pilares redondos, com uns dezoito pés de altura e da grossura de uma pipa, nos quaes se affixam programmas e outras noticias theatraes. Em redor dos ditos pilares encontram-se a todo o instante magotes de mirones a lerem, avidos, os annuncios. Em conclusão, existem em Berlim um montão de coisas que mereciam ser importadas pela America; notei-as com summo cuidado, aliás.

Quando Buffalo Bill andava em giro pela Allemanha, o seu principal cartaz não era maior, sem duvida, que um letreiro dos que pregam em qualquer mála. Ha magna quantidade de omnibus, puxados por caválos, muito commodos e aceádos. Mas se julgaes saber para onde vae uma de taes carruagens publicas, enganaes-vos de meio a meio; melhor fariéis apeando-vos, pois com certeza não vae na direcção que suppondes. Estas estradas de transito para vehiculos são muitissimo complicadas, e em mais de um caso, quando nellas se perde um cocheiro, nunca mais se ouve falar nelle, durante annos.

Os omnibus não apresentam letreiro, indicativo do respectivo itinerario: apenas se menciona o ponto terminal, depois, o caminho que tomam é aquelle que melhor convem ao cocheiro; este ultimo procura per-

correr a maxima extensão possível de caminho, antes de chegar ao termo.

O conductor fôr-vos-á pagar o vosso logar, por varias vezes, de duas em duas, ou de três em três léguas, e de cada vez dar-vos-á um bilhete, de que não conservou talão, e que conservaes, até que passe um inspector e lhe rasgue um canto, (não o guarda), depois, deitaes fóra o vosso bilhete, e podeis dispôr-vos a pagar outro. A intelligencia é traste de luxo para quem tenta circular por Berlim, em omnibus. Quando veiu a Berlim um dos mais ladinos editores de Brooklyn, meteu-se num omnibus, de manhan muito cedo, e tentou de balde alcançar um ponto central da cidade. Impossível: gastou muitos dollars em bilhetes e não pôde alcançar o sitio aonde queria ir. Era o melhor meio, certamente, de conhecer Berlim, mas não o mais economico, com certeza. Apesar destes inconvenientes, o systêma de organização dos omnibus tem o seu lado bom.

Não pára a viatura, para vos deixar subir ou descer, não sendo em determinadas paragens; ali, tão somente, um poste a indicar-vos que é uma estação de paragem. Um tal systêma evita, aliás, um bom par de pernas quebradas! Ha vinte logares, no interior, assim que se acham tomados, ninguem mais pode entrar; restam quatro ou cinco logares em pé, em cada plataforma — fixa-lhes o numero um decreto — e, quando estes se acham occupados, não se acceitam mais passageiros.

Como nunca ha aglomeração, e é interdita a algazarra, as mulheres vão na plataforma, tal qual os homens; e é frequente o preferirem estes logares aos do interior, pois são commodos e não se sente o minimo so-lavanco.

Contou-me um Berlinense que, quando appareceu o primeiro omnibus, ha trinta ou quarenta annos, o publico embirrava com elles, a tal ponto, que não annuia a subir, quer para o interior quer para o exterior, o que obrigou a companhia a postar a cada encruzilhada um homem, arvorando uma bandeira encarnada. Ninguem queria circular nas carruagens publicas, excepto os condemnados á forca. De um tal estado de coisas resulta o serem os omnibus frequentados em uma unica e exclusiva direcção, e o verem-se sempre vazios, na volta. Para salvar a companhia, o governo transferiu o cemi-

terio dos criminosos para o outro extremo da linha; e desde então, viram-se passageiros em ambas as direcções; e deste modo não faliu a companhia.

Esta galga parece-se áquellas que impingem aos forasteiros, na America, e não me acho disposto a enguli-la.

O trem de praça de primeira classe é aceádo e garrido, tem almofadas de coiro e um bom caválo.

O de segunda, é em geral feio e pesadão, e sempre velho; faz scismar a circunstancia de nunca os terem feito novos. E dahi, se acaso se desse um tal acontecimento, os ociosos, em péso, amontoar-se-iam para gozarem o espectáculo; ora, a policia prohibe as aglomerações de gente e o rebuliço. Se em Berlim houvesse um tremor de terra, a policia interviria immediatamente, organizando tudo com precisão tal, que o povo receberia a illusão de estar assistindo a uma cerimonia religiosa. E é assim, aliás, que vêm a terminar geralmente os tremores de terra, mas, no caso de que nos occupamos, os assistentes rezariam todos elles com serenidade e recolhimento, e cada um por intenção particular.

Por uma corrida de um quarto de hora, pelo menos, paga-se um marco a um trem de primeira classe, e sessenta pfennigs a um de segunda. O primeiro levar-vos-á mais depressa que o segundo, atrelado sempre por um caválo velho — tão velho como a carruagem, dizem as autoridades, — doente e mal alimentado. Foi de primeira classe; veiu a descaír depois para a categoria de segunda, por... gratidão pelos seus longos e fieis serviços!

Por conseguinte, mediante sessenta pfennigs, assiste-lhes a obrigação de vos levar tão longe como o caválo de primeira classe, a troco de um marco. Se acaso não pôde effectuar a corrida, num quarto de hora, a despeito de tudo deve de fazê-la por sessenta pfennigs.

Qualquer forasteiro pôde verificar as distancias, consultando a mais curiosa carta de quantas conheço. Foi publicada pelo governo, e adquire-se por preço modico, em todos os estabelecimentos. Cada rua vem indicada e devidida como um fio de contas de côres, cada conta comprida representa o trajecto de um minuto, e, quando houverdes passado quinze contas, não chorareis o vosso dinheiro.

A carta de Berlim é um labirinto das mais alegres côres; tal qual uma estampa da circulação do sangue.

As ruas são asseadíssimas. E bem tratadas, não ao modo fantasista das ruas de Nova-York, mas por meio de raspadeiras e vassoiras, funcionando a horas fixas; e, depois de escrupulosamente varrida uma rua, em seguida a um aguaceiro ou a uma tenue camada de neve, espalham-lhe areia por cima, alvitre que evita as quedas de caválos. Em summa, Berlim é uma capital que não olha a despêsas, quando se trata das conveniencias dos particulares, das suas commodidades e da sua saude. E todavia, cumpre exceptuar um pormenor; os nomes e os numeros das ruas.

Por vezes, o nome de uma rua muda, no proprio centro de uma arteria, entre os predios do mesmo quarteirão. Só daes por isso ao alcançardes a esquina immediata, e ao verdes na parede uma nova chapa, e, bem entendido, não sabeis em que ponto se effectuou semelhante mudança.

Os nomes são affixados de modo legível, em todas as esquinas das ruas, sem excepção. Mas a numeração das casas constitue quanto se pôde imaginar de mais original, depois do cháos do principio do mundo! E chega a parecer impossivel que fôsse inventada por um governo tão ponderado. Ao principio, suppõe-se que semelhante numeração seja obra de um idiota; mas um idiota nunca seria capaz de encontrar tanta variedade na confusão e de provocar tantas pragas de impaciencia por parte do publico. Os numeros sobem num sentido e descem no outro; isto seria ainda admissivel, o que se segue é que o não é, comtudo! Empregam amiude o mesmo numero para três e quatro predios; outras vezes, uma casa unica é numerada; quanto ás restantes, adivinhe-o quem puder.

(Continúa.)

Em certos casos, põem o numero numa casa, — o numero 4, por exemplo — e a seguir, encontraes o 4-a, o 4-b, o 4-c, nos predios immediatos, e antes de chegar ao numero 5, tendes tempo para vos fazêdes velho e decrépito.

Resulta deste systema (que o não é) o facto de, quando partís do numero um de uma rua não poderdes saber, sequer approximadamente, a que distancia se encontrará o numero cento e cincoenta: pôde estar a distancia de alguns quarteirões de casas, ou mais longe duas léguas.

A «Friedrichs Strasse» é comprida e representa uma das maiores vias; ha tempos, apostou alguém o proprio *porte-monnaie* em como na dita rua se encontravam mais cervejarias do que numeros — e ganhou a aposta: existiam duzentos e cincoenta e quatro numeros e duzentas e cincoenta e sete cervejarias; cumpre não perder de vista que a rua é comprida.

O que ha de peór nesta organização de-feituosa é o não seguirem os numeros sempre a mesma direcção: vão, por exemplo, do numero 1 ao numero 50 ou 60, depois, de chofre, topaes com as centenas, com o numero 140, se quizerdes, e depois, virá o 139. Percebeis então que os numeros tomam outro rumo; durará isto um certo tempo, depois, abruptamente, quando menos o supposerdes, mudarão de sentido.

Por via de regra, uma seta collocada por baixo do numero indica-nos a direcção ascendente.

Dão-se numerosissimos suicidios em Berlim, seis, ás vezes, no mesmo dia; para explicar a causa, altercam, discutem algarismos sem conta. Decidissem-se a numerar as casas de modo racional, e talvez lh'encontrassem a solução, ou, quando mais não fôsse, um remedio para tantos suicidios.

Versão de MANUEL DE MACEDO.



O Campo Grande

(CONCLUSÃO)

O Campo Grande de hoje — Um lindo itinerario de passeio — Aspectos do actual Campo Grande — O Campo Grande aristocratico, bohemio, tragico e amoroso

Antigamente, antes de se rasgarem as amplas avenidas que vão da Rotunda ao Campo Pequeno, não era tão delicioso o itinerario, da cidade para o famoso local.

Hoje, porém, depois da abertura d'essas arterias da cidade, constitue elle um lindo passeio, tanto para os felizes, que alardeiam a sua riqueza em luzidas equipagens, como para os simples e humildes peões do povo. Parte a gente da Avenida, avistando a uma volta de trem ou de pé, á nossa direita, do alto da Rotunda, lá ao fundo, o abaralhamento da cidade, em recortes de um delicioso pittoresco, em que se emmoldura o, a um tempo, hieratico e simples Monumento dos Restauradores, a destacar-se no fundo azulino do céu e n'uma bonita nesga do Tejo. Depois, internamo-nos na Avenida

D. Amelia, ampla, arejada e luminosa, indo desembocar na larga praça do Marechal Saldanha, onde a heroica figura de bronze nos aponta a cidade, n'um repto de entusiasmo.

Esta praça é um formoso recinto, ainda prejudicado, na sua esthetica, por grande parte das construcções que n'elle se contem, mas com tendencias de melhoria, como nos prova a vizinha Avenida Ressano Garcia, já povoada de construcções de uma linha de arte arejada, sadia, puramente moderna, onde não raro, ao maneirinho ou avantajado da



OS MARQUEZES DE ALEGRETE E VISCONDESSA DE SOUTELLO E FILHA

construcção, se allia uma sumptuosidade cordata, ou uma elegancia sem mistura. N'esta avenida, ha já predios dignos de uma cidade artisticamente alçada, e é bonito ver como elles quebram a monotonia do resto dos casarios vulgares, semelhantes a

commodas agigantadas, de grandes gavetões, que nos evocam a tradição caseira da velha arca lusitana, sem raça de esthetica ou de belleza, sem fórma, sem estylo.

Depois, passada esta linda avenida e o Campo Pequeno, destaca-se o primeiro mas-

grandes avenidas, com as suas frondosas aleas de arvoredo, a primeira indo dar fim



INTERIOR DO CHALET DAS CANNAS

siço de verdes, para além das primeiras placas verdeongas do grande e saluberrimo jardim. A' esquerda e á direita, são as duas

nas construcções historicas a que já me referi, a segunda acompanhando, em uma parte, a estrada do Lumiar. As duas ruas são

extensissimas e de magnifico piso. Na avenida do lado occidental, ha uma larga faixa só para cavalleiros. E' ali que, ás quintas, e, mais especialmente, aos dias santificados, garbosamente ostenta, no presumpçoso cara-



UMA TITULAR

collar de seus bellos ginetes, o seu garbo, a *jeuneusse dorée*, e uns restos de fidalguia de velha linha, que se desvanece em Portugal como que n'um crepusculo historico.

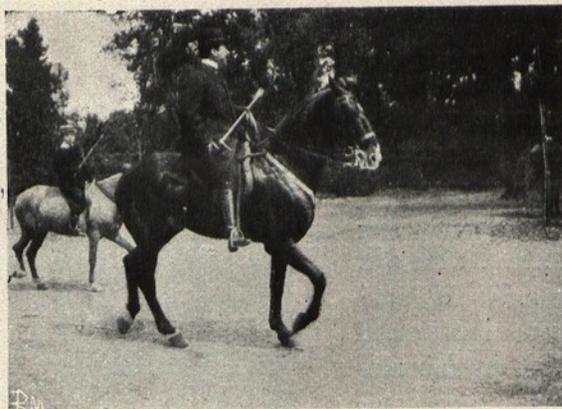
E, á esquerda d'essa álea, pela estrada, larga, passam as carruagens, envoltas em fremitos feixientos de luz, empilhadas de fatos preciosos, de onde desabrocham, como corollas de mimosas ou excentricas flores, gentis mulheres das classes abastadas, e até de estirpes de menos privilegio. E é então, n'esses dias, em todo o Campo Grande, um enorme buliçar de vida de cidade civilisada, que nos dá um longinquo evocar — mas só longinquo — dos velhos *Campos Elyseos* de Paris, ou do seu *Bois*. Per entre as ramarias dos jardins, passeiam os menos felizes, asentando arraiaes ao ar livre, comendo e bebendo, mesa posta n'uma alvura de toalhas, sobre os troncos cortados ou desarraigados das arvores, cercados de bancos toscos que são fragmentos de pés d'arvore, n'um descuido feliz, com sobremesa de devaneios e de descantes. N'esses dias, ha ali um não sei qué de patriarchal e de paganismo doce, que attrahe o espirito e n'elle põe a aspiração de felicidade, á mistura com uma infinita magua, uma como que saudade pantheistica, dos tempos immemoriaes de cultos ao ar livre, de faunos e deuses florestaes.

E ha sempre, ali, qualquer cousa a ver, qualquer aspecto novo a contemplan: ora é um vestido leve que envolve um corpo de

fórmulas delicadas, ora um bando de creanças, que corre n'uma rajada de saude com a rapidez de gazellas, ora um transeunte que se detem, contemplativo, ora um par que conversa ou vae de mãos dadas, enamorado. Mais além, um ou mais cyclistas que, pequeninos ao longe, avançam rapidamente, entre nuvem tenue de poeira, e crescem, depois diminuem, no quadro da distancia, o que tambem entretem o olhar do espectador. Pela avenida da direita caminham, mais vulgarmente, os peões, e aos domingos, todos os bancos se enchem de familias, que ali vão distrahir o espirito preocupado das vicissitudes semanaes do trabalho.

E que lhes direi do Campo Grande bohemio, tragico e amoroso?

A sua bohemia é, da mais velha e pura linha. Ao cimo, tem ainda a representação tradicional da sua bohemia antiga, no palacio do conde de Vimioso, recordação da bohemia fidalga e historica, e quantas vezes a «Severa» não rondaria por ali, preza nas tenazes do ciume, ou esperando o fidalgo esturdio, das toiradas e descantes do fado! Tambem, ao lado occidental, ficou a recordação da bohemia ingleza, a bohemia *chic*, a bohemia do bom tom. Existe ali, como recordação do antigo predominio inglez, um *five o' cloc tea*, a que, conforme a tradição, só é permittido apresentarem-se senhoras, ou cavalheiros, quando por aquellas apresentados. E' n'um rez de chão do predio em



UM «SPORTSMAN»

que se lê, a grandes letras douradas, em espelho preto: *Ladies — Tea Room*. E' uma estancia sustentada por uma viuva de familia ingleza, lady Ernst George, que custeia as despesas, correndo a risco dos prejuizos.

E, da bohemia livre, só lhes direi que, por todo o interior do jardim, ella parece desprender-se das arvores e dos claros do céu, pois de tudo sahe uma aspiração de liberdade e descuido, havendo, nas clareiras, varios retiros apropriados para comer, beber e descantar ao ar livre. Tambem, ao lado oriental, ha muitos estabelecimentos, com boa fama de sédes de grandes pandegas, que aos domingos, de dia e á noite, abarrotam de frequentadores, em jantares ao ar livre, sob caramanchões, e á noite, no interior, em ceias que se prolongam como que infinitamente.

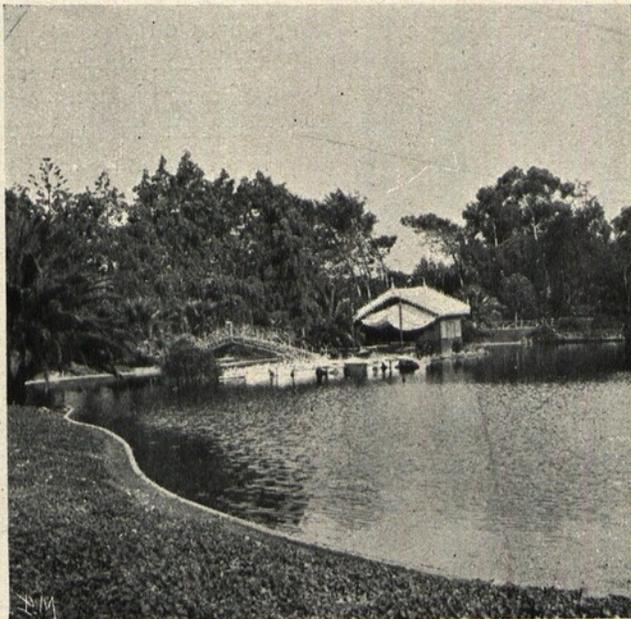
Como verdadeira nota da bohemia natural, ha a apreciar os ciganos, essa gente nómada, bohemia por excellencia, poetica e ladra, que passa na Humanidade como um vento picaro e vadio, e que, desrespeitando os ramos da circumspecta floresta humana, derruba o preconceito como quem derruba arvores seculares. Elles fazem do Campo Grande um dos seus pontos de reunião predilecta, quer em épocas de mercado ou feira, quer em tempo normal. Não longe d'ali, algumas d'essas familias habitam,

tanto quanto o podê fazer a gente cuja norma é não habitar. Ainda ha pouco tempo, ao desarmar da feira, indo eu recolher algumas notas para o presente artigo, se me deparou n'uma das ruas do jardim, uma tziganita de rostinho sujo do trigueiro do sol, vestidinha de la-tejoulas e côres garridas, cabellito em bichas para a testa côr de barro, formosas feições de zingara, sorte de figurinha de tanagra, donairosa e leve. Araviei com ella em giria cigana. Admirou-se a gên-

til férasinha, e perguntou-me, se eu tambem era dos *calês* (ciganos). E como eu lhe dissesse que sim, tratou logo, em embaixatriz expedita, de ir chamar as outras, as grandes.

E eis-me, logo ali, rodeado de um tropel de vagabundas, com bebês de caras terrosas e grenha esqualida, desgrenhadas e esguedelhadas todas, garridas como lagartos e saramantigas, que me faziam perguntas varias, com labio guloso e olhar ladino e inquiridor. Graçolei com ellas, mas uma das grandes, que não era para graças, soube dizer-me, embora rindo,

que me *ustabavam* (roubavam) se lhes não dêsse *parnaus* (dinheiro). Gabei-lhes, com ar



UM ASPECTO DO LAGO



A RUA DAS PALMEIRAS

trocista e madrigalesco, as lindas *fardisaras* (sáias), e uma d'ellas teve esta phrase *encantadora*, fazendo reluzir de colera uns olhos muito negros, no seu rosto sórdido de megéra, com uns longes de coruja, ao mesmo tempo que ria, em amarello mau agoiro: «Ah môças este *paio*, (este estranho), que a minha vontade era *maral-o* (passal-o com uma navalha).

E lá se foram todas correndo, enquanto eu cogitava no desprendido arredondar da phrase, que hão de concordar, é de um bello épico selvagem...

Mas, que mais ha a esperar de gente que aprende a ser livre como o ar e forte como a desgraça!

Campo Grande, oh! Campo Grande! Evocação das interminas amplidões do sonho e da liberdade, tu és o reflexo do grande campo do Determinismo social. Tu acoitas, nas dobras do teu manto de folhagem escura, á noite, á hora a que os amores indiscretos, vaidios, ou levianos, se exteriorizam no teu seio de local mal policiado, á mistura com os eccos dos idyllios, os ronqui-

dos sinistros dos párias e dos desesperados da triste vida e da negra sorte.

Sim, de noite, fóra de horas, é perigoso penetrar nos teus meandros silenciosos, porque, não raro, n'alguns de teus bancos, reclina-se, então, a pobre gente sem vida e sem casa proprias, que remansa das noitadas do vicio ou das indigestões do crime. E' verdade, nem tudo em ti são alegria e bem estar; tu és tambem um lugar de tragedia, de crime e

dôr, porque eu bem vejo, á hora tragica e silenciosa do poente, penderem a cabeça sobre o hombro os rostos dos tysicos já sem vida, que julgam prolongal-a aspirando o teu ar. Tambem, de quando em quando, as gazetas noticiam no teu seio e nos teus flancos o gerar d'algum crime dos mais sensacionaes, e nos nossos ouvidos sôa o caso do *Collete Encarnado*, do *Quebra Bilhas* ou da ovarinasinha *Maria dos Anjos*. Os suicidas procuram tambem em ti um refugio, e é tão de uso irem ali dar fim aos seus dias, que se me afigura que, na tua belleza ha um não sei qué da attração do abysmo, para alguns dos filhos da Huma-



UM ASPECTO DA FEIRA



OUTRO ASPECTO DA FEIRA

nidade. Ainda um d'estes dias, enquanto eu recolhia notas, ao pé do Lago Grande, uma ranchada de mulheres, que passava, parou, e murmurou uma d'ellas, começando todas a contemplar-me:

— «Não vá elle matar-se!»

E como eu replicasse que estava antes escrevendo para viver, ella me respondeu:

— «Não era maravilha. Ainda o outro dia, estive ali em cima um, a escrever, a escrever, sentado n'um banco, depois, fartou-se de rabiscar e deu um tiro nos miolos.»

Então, ao ouvir aquillo, occorreu-me esta evocação de uma pagina da vida: uma falsidade de amor e o derruir de um castello de sonhada felicidade. Sim, ali, no interior do jardim, a uma das tóscas mesas, estivera, não havia quinze dias, o homem que depois havia de matar-se. Elle e ella tinham combinado ali um *rendez-vous* e o almoço.

Elle, fiel, debruçado dos olhos da bem amada; ella, voluvel e mudavel como o vento que soprava entre as ramagens, rindo-se d'elle no intimo, e esperando a vez de levantar o vôo para outras paragens de amor. Elles tinham já, ali, misturado, algumas vezes, com os seus beijos a sua fructa e o seu pão, mãos entre as mãos, olhar no olhar. E, um certo dia, ella desapareceu, abandonou-o, e elle, sempre com ella nos olhos, andou muitos dias rondando por ali, até que não a vendo mais, nem mesmo no espelho interior da sua alma, foi-se d'ella em busca e... partiu para não mais tornar!

Romance, no caso, dirão, do auctor. Romance que o não é, porque, succede tantas vezes, e é tão banal! Senão, digam-me, por-

que escreveu um, talvez elle, talvez o tal que se matou, o tólo, é claro, aquelles versos que eu recolhi á pressa e commovido, de um tronco descascado, de um tronco desnudo, arido e desarraigado, e que lá estão ainda, para quem os queira ler:

*Não posso viver sem ti,
Sem ti não posso viver;
Viver sem ti não é vida,
Viver sem ti é morrer!*

E mais abaixo, n'uma tragica recriminação, n'um como que riso amargo, e contrahido;

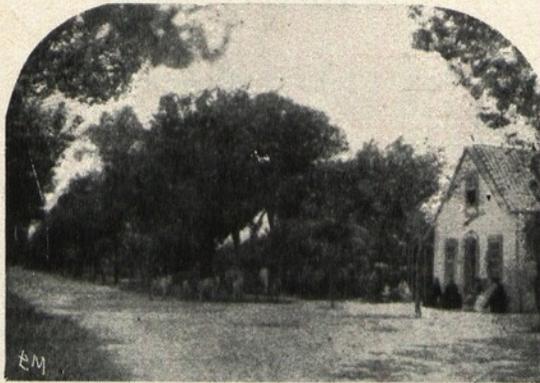
*Eu amei a uma ingrata,
Que tão mau pago me deu.
Ninguem mais de mim lhe fale,
Digam todos já morreu!...*

Mas... que o morto fosse um tonto á antiga, dos que afinal ha em todas as épocas,

ou um simples trapaceiro encravado, que varasse o cerebro por não ter com que pagar aos crédores, isso pouco importa ao aprazível local de tantas transmutações scenicas, através das estações, dos tempos e das côres do seu azulino céu. De resto, elle não fará mais nem menos que o que faz a Humanidade, que o circumda, na

lucta ferina da vida: viver, sentir, sonhar — soffrer e gosar — mascarar a dôr com o riso e esperar que o tempo e o espaço o determinem.

E o tempo e os homens virão ainda a imprimir, ali, novas modalidades a que nós, os de hoje — magua nossa! — não poderemos assistir. Felizes as arvores! Ellas continuarão a vicejar secularmente, indifferentemente.



O PREDECESSOR DO CHALET DAS CANNAS
(Paisagem de ha 30 annos)

EUGENIO VIEIRA.





Aragem que passa



XACTAMENTE começava eu a experimentar o tédio da vida, assim fechado dentro de uma caixa de cartonagem branca, parecida com um caixão, sentindo-me ancioso por serem abertas as minhas

varetas de marfim, entorpecidas por caimbras, quando fui comprado por um rapaz.

Soube depois que este rapaz era sobrinho e esperançado herdeiro da condessa de Danver, a quem por elle fui enviado como presente de annos.

Como eu tremia em commovida expectativa, quando me encontrei sobre a meza do almoço de mistura com varios outros pacotes e embrulhos, contendo presentes de annos.

Seria nova a minha dona, de olhos cheios de emoções, scintillando a espreitar por cima da minha orla de renda e lantejoulas?

Seria uma face macia e perfumada onde eu pousasse?

Seria...

Oh! Terminaram as minhas pitorescas conjecturas!

Eram arrancados por mão energica os meus envolveres, abriu-se a tampa do caixão de cartonagem e foi tirado de sobre mim o bilhete de visita que me acompanhava.

— Com affectuosas homenagens e felicitações pelo seu anniversario, do Rodolpho, leu uma voz — voz de mulher, sem doçura nem modelações suaves.

— Hum! continuou, desembrulhando-me do papel de seda, as «affectuosas homena-

gens» de Rodolpho levam sempre agua no bico!... Oh! um leque! Rendas de Bruxellas com lantejoulas! E novo! D'esta vez não me presenteia com uma das recordações devolvidas pelas namoradas! Dal-o-hei a Maria para guardar até eu precisar de um presente de casamento para alguém,

— Ah! Hum! Hu-u-u-m! Respondeu um ente masculino de nariz coroadado de bolbos carmezins, entrincheirado por detraz do *Journal do Sport*.

— Ai de mim! Adeus sonhos suaves de uma face fresca e macia, de uns olhos brilhantes e seductores!

A condessa de Danver era uma senhora robusta de 53 annos, de aspecto pratico e sensato; usava fato curto, genero *tailleur*, sapatos de frente quadrada, creava cães e depresava os homens,

Que triste destino para um aristocratico e delicado leque o ser agarrado nas suas mãos energicas e duras!

Apezar do meu desejo de entrar na vida e ver mundo, senti certa satisfação, sabendo que seria posto de parte. Talvez como presente de casamento tivesse melhor sorte.

Mas afinal não era o meu destino ser presente nupcial porque, estando a condessa a vestir-se n'essa noute para o baile da marquezia de Gayford, descobriu que estava partida uma das varetas do seu predilecto leque de pennas — objecto monstruoso e deselegante, feito de avestruzes e de tartarugas.

— Traga-me essa cousa nova que lhe dei hoje a guardar, exclamou com a sua voz rouca a minha dona, para uma criadinha de

olhar manhoso e accentuada pronuncia franceza.

Foi assim que fiz o meu debute no Palacio Gayford.

Ao subirmos a grande escadaria de marmore, o conde de Danver encontrou um conhecido que, segundo consta, recebe 500 libras por anno de uma fabrica de bolachas para cães, em troca de sustentar com ellas a sua matilha e de escrever sobre ellas uma serie de reclamos panegyricas:

—Olha lá! rosnou o conde. Quero outro *bull-dog*; tens algum para vender?

O tal conhecido fez com a cabeça signal negativo.

—Não tenho, respondeu, mas sei quem possui um exemplar magnifico — e vende-o barato. Ainda no outro dia vendeu um a Keith Dellmore.

—A morada d'elle?

—*Court Square* — n.º 2.

O conde sacou da algibeira ama lapiseira de ouro e lançou em volta um olhar vago.

A condessa comprehendeu evidentemente, o vago d'esse olhar, e com um gesto rapido e energico (era odiosamente energica) arrancou o lapis da mão do marido e *rabiscou a morada em uma das minhas delicadas varetas de marfim!*

Imagem, servir-se de mim, um elegante e finissimo leque, debutando na vida, para escrever a morada — *de um bull-dog!*

Após esta humilhação a minha dona chegou ao cimo da escada, cumprimentou os donos da casa e entrou na sala de baile,

Oh! Que deslumbrante espectaculo! Apesar de me sentir feio e insignificante ao lado dos magnificos leques esmaltados e cravejados de pedras preciosas, fluctuando languidamente em mãos aristocraticas, comprehendí que estava no meu elemento e que emfim, entrava no mundo a valer.

Durante bem um quarto de hora a condessa de Danver agarrou-me, sacudiu-me, gesticulou commigo; depois, quando a orchestra rompeu uns lanceiros, depoz-me em um sophá, enquanto pregava com um alfinete, a cauda do deselegante e usado vestido de rendas pretas.

Cinco minutos mais tarde tinha-se affastado, deixando-me esquecido, abandonado — e *livre*.

Durante uma hora deliciosa, fiquei n'esse sophá de pelucia vermelha, com as minhas

varetas a meio abertas, e os meus olhos de prata e lantejoulas scintillando de alegria.

Estava vendo o mundo e a vida.

Eram esquecidos já os dias passados, quando em Bruxellas nasci e fui adquirindo vida e formosura, em uma almofada cheia de bilros.

Estava lançado no oceano de um *season* de Londres, estava...

—Tenho a certeza que o deixei por aqui — talvez alguém o levasse! Ah! não, cá está elle!

Ouvindo estas palavras, ditas em voz suave e cheia da frescura de mocidade, olhei e comprehendí que terminára a minha breve hora de liberdade.

Em frente do sofá, onde eu estava, vi uma rapariga, que realisava tudo quanto eu sonhára, dormindo na minha caixa de cartoneagem.

O rosto era pequeno — quasi pequeno de mais, talvez — os labios vermelhos e finos; os olhos da côr das violetas... ou da flôr do linho? puros e risonhos; os cabellos dourados e abundantes formavam uma luminosa aureola em volta do pequeno rosto. Tinha a pelle lisa e polida como as minhas varetas de marfim e a sua figurinha esguia e graciosa começava apenas a assumir a dignidade de mulher.

—Como estou contente por tel-o encontrado! — foi um presente de Keith, antes de casarmos, continuou o meu Sonho Radiante, pegando em mim e segurando-me pela forma que mais agrada a um leque: leve e descuidada muito embora com certa firmeza, em mão de excepcional pequenez, coberta de finissima *suède*.

—Oh! E' então, na realidade, uma recordação, mrs. Dellmore, replicou o seu par, com o tom malicioso que involuntariamente se manifesta na voz de alguns homens, quando uma mulher muito apetitosa se refere ao marido, exprimindo qualquer sentimento mais ardente do que a simples tolerancia.

—De certo, respondeu ella, com gravidade, enquanto a orchestra irrompeu n'uma valsa delirante e tumultuosa, para a qual veiu convidal-a uma personagem alta, de energico perfil, face morena, olhos pardos e lustrosos cabellos apartados ao meio.

Segurando-me levemente na mão, que descansava no hombro do par, Yolanda Dell-

more e a personagem de perfil energico, deslisaram na valsa, como se elles e o rythmo da musica fossem uma unidade.

— Estou tão contentê por estar emfim junto de ti, murmurou Yolanda, com um pequeno risinho de alegria, que deixava transparecer a sinceridade das suas palavras.

— E eu ainda mais, replicou elle rapidamente, enquanto o seu braço a apertava com mais ternura.

Fiquei indignado, completamente indignado e desilludido — porque uma mulher nova, casada e leviana é abominavel para todo o leque que se presa.

Quando eu já quasi suspirava pela honestidade de bota de frente redonda da minha verdadeira dona, Yolanda tornou a falar.

— E' de um *burguezismo* extremo pensar que, depois de seis mezes de vida de casados, ainda gostamos mais de dansar um com o outro do que com qualquer outra pessoa, não te parece? disse ella, olhando-o através dos longos cilios.

Ainda bem! Afinal, a personagem de energico perfil era Keith Dellmore, seu marido. Não havia o menor motivo para indignações!

Quando me encontrei com elles, caminho de casa no seu confortavel coupé, fiz ardentes votos para que nem Yolanda descobrisse nem Lady Danver, que por engano, haviam trocado os leques.

Era deveras idyllico pertencer a essa linda rapariga, que regressava dos bailes, com a cabeça encostada gentilmente ao hombro do marido.

— E' então verdade que preferes dansar com o teu senhor legal a fazel-o com outros?

— Será talvez por nunca ter encontrado quem valse tão bem como tu, respondeu a mulher, e accrescentou audaciosamente, a não ser talvez... Nigel Clyde!

O braço de Keith diminuiu um pouco a sua amorosa pressão.

— Lisongeia-me ser comparado ao capitão Clyde, respondeu elle, um pouco friamente,

Ao chegarmos a casa, Yolanda deixou-me na meza do gabinete do marido enquanto liam umas cartas, vindas na ultima distri-

buição; depois, esquecendo-se evidentemente de que eu estava tão cansado como ella, retirou-se apressada aos seus aposentos, deixando-me nas proximidades de uma desagradavel caixa de charutos e de uma obnoxia garrafa.

Keith, depois de ter misturado umas bebidas que depois soube ser *Whisky* e *soda*, levantou-me da mesa destrahidamente e examinou-me.

Tinha no olhar uma bella expressão de ternura viril, vendo o que elle julgava ser um dos seus presentes anti-nupciaes.

— Ha seis mezes já... murmurou elle, seis mezes... Como foge o tempo!...

Parou de repente. A expressão de ternura viril deu lugar a uma chamma feroz, enquanto o perfil assumiu alarmantes traços napoleonicos.

Fitavam-se-lhe os olhos na morada rabiscada a lapis, que maculava uma das minhas brancas e virgíneas varetas.

Permaneceu silencioso durante uns segundos, depois, soltando uma exclamação que não pode ser repetida por um leque de rendas brancas, fechou-me com uma violencia que me causou agonias, apertando-me com força entre as mãos.

Sentia-me aterrado... mais uns instan-

tes e estaria partido ao meio, um objecto arruinado e inutil!

— Perdão, meu senhor, a senhora deixou aqui o leque.

A voz da creadinha franceza de Yolanda foi a minha salvação!

— Ah... sim... aqui o tem! Leve lh'o — boa noute, boa noute, respondeu Keith, entregando-me a uma rapariga garrida e cheia de arrebiques, cuja pronuncia estrangeira era ainda mais accentuada de que a da creada da condessa de Danver.

A arrebicada creaturinha descobriu com evidente satisfação uma nova nota na voz de Keith. Seis mezes sem arrufos matrimo-



niaes... era de uma monotonia desoladora.

Dormi n'essa noute muito confortavelmente n'uma pequena gaveta, em cima de uma *boa* de plumas brancas e ao lado de um antigo leque de gaze preta, que dava o cavaco por contar e ouvir contar mexericos, com a tendencia de todas as cousas velhas.

Por madame Gaze soube varias cousas ácerca da familia, onde um acaso e um engano me haviam tão singularmente collocado.

— Ah! sim, são uns noivos muito felizes, muito apaixonados, o que segundo me diz o leque de flôres da duqueza de Joy, contrária por completo todos os vaticinios dos prophetas da Sociedade, disse madame Gaze, quando ainda dez minutos não tinham decorrido após a minha entrada na gaveta.

— Porque foram maus os vaticinios?

— Porque Yolanda não fez outra cousa senão ferir corações desde a sua apparição na sociedade, ha dois annos e todos prophetisavam que ella tambem despedaçaria o coração do marido! A todos parecia impossivel que Yolanda Gwynn deixasse de namoricar — mas deixou — pelo menos até hoje!

— E então ella nunca teve outra paixão?

Madame de Gaze estremeceu com intimo prazer.

— Ora, não sabe que ella esteve para casar com um tal capitão Clyde — Nigel Clyde — que afinal sahiu um tanto ou quanto biltre . . .

— O que é um biltre? interrompi eu.

— Quem escorraça e se deixa apanhar. Assim, desmanchou-se o casamento, mas murmura-se que a verdadeira razão porque Keith tem tanto ciume d'ella . . .

N'esse ponto ouviu-se uma voz do fundo da gaveta. Era a de um pequeno leque hespanhol, em cujo seio scintillante um *torero* e uma *maja* de olhos negros, dançavam uma sevilhana.

— Devo declarar-lhes que a esse respeito Keith não tem razão alguma. Estava eu na mão de Yolanda, quando ella despediu o capitão — foi no baile de mascaradas que deram os Baltry — por isso sei o que ella disse e o que o outro lhe respondeu. Ciumes, quando ella nunca mais o viu desde essa noute até hoje! *Oh! eso és la verdad! Yolanda es una . . .*

Como nem madame de Gaze comprehen-

desse, nem eu, o hespanhol, tomando um ar de langoroso aborrecimento, deixámos cahir a conversação.

Na manhã seguinte, quando me dispunha já a fazer mais algumas perguntas, a menina dos arrebiques abriu a gaveta, procurando qualquer cousa. Era um lacinho de rendas em que ella tencionava dar uns pontos, . . . para quebrar a monotonia de não fazer cousa alguma — segredou madame de Gaze, com ironia, á sombra da *boa* branca.

Remexendo na gaveta voltou-me com mão irreverente e descuidada, e as minhas varetas abrindo-se, mostraram o endereço escripto a lapis, do homem que tinha um *bull-dog* para vender.

Durante momentos os olhos de papagaio da rapariga luziram de jubilo infernal.

— Ah! ouvi-a murmurar.

Emfim uma intriga!

Depois, reparando de repente nos labores da renda da minha orla, soltou uma exclamação de desapontamento e tirou-me com impaciencia da gaveta, levando-me para o gabinete de Yolanda. Ahi vi uma rapariga de aspecto desolado, envolta n'um luxuoso roupão azul pallido, cujos olhos contemplavam com amargura o espaço.

Seria causa d'essa desolação o facto de Keith, pela primeira vez na sua vida matrimonial de seis mezes, ter sahido para o ministerio, sem lhe dar um apaixonado beijo?

— Perdão, minha senhora, v. ex.^a trouxe para casa por engano este leque. Veja, o padrão da renda é diferente, tem folhas em vez de rosas e n'uma das varetas vem escripta uma morada.

Um lampejo de interesse banniu por instantes a desolação e Yolanda, segurando-me na sua macia e sympathica mão, examinou a morada do *bull-dog*.

— N.^o 2 *Court Square*, murmurou ella. Quem morará ali? Provavelmente a dona do leque ou uma amiga da dona.

— Quer que lh'o mande, minha senhora? perguntou a creatura dos arrebiques.

— Sim . . . não; vou sahir de carruagem; passarei por lá. E' uma diversão!

Assim cumpria-se o meu destino!

Era sorte minha ir para o *bull-dog*!

Por volta das cinco horas da tarde, Yolanda, levando-me embrulhado em papel de seda, mandou parar a carruagem em *Court Square*.

Oh! minhas apprehensões! Eu tremia como se estivesse na mão de uma ingenua, ao ouvir a primeira declaração de amor.

No 2 era um rez-do-chão. Ting...g...g: tocou a campainha electrica, estremeando como se ficasse perturbada pelo contacto de uma luva de mulher.

A porta foi aberta por um creado, que teve, ao ver Yolanda, um rapido e velado relampago de reminiscencia no olhar descreto.

— Hontem levei para casa este leque, começou Yolanda, e vi depois..

Parou de repente; a sua voz penetrára até um quarto interior.

Abriu-se a porta. O creado de olhar descreto desfez-se na obscuridade.

— Yolanda! exclamou o homem que sahio d'esse quarto interior.

E eu, apesar de ser um leque inexperiente, comprehendí pela expressão d'aquella voz ao pronunciar o nome d'ella, que a amava — ou que a havia amado — o que em certos casos é quasi a mesma cousa!

— Eu... eu... vim aqui por engano. Não tinha idéa alguma...

— De que eu me havia mudado para aqui?

— Nem a mais leve, capitão Clyde.

Yolanda recuperára já completo sangue frio. Tornára-se a perfeita mrs. Dellmore!

O homem, a quem o leque de tulle preto chamára *biltre*, fez apenas um cumprimento, curvando a cabeça.

Não sei porque, fiquei com pena do *biltre*; mas, tendo Yolanda rasgado nervosamente o meu envolucro de papel de seda, tive ensejo de ver os olhos d'elle.

Não eram de malvado esses olhos, fosse o que fosse o resto.

Em poucas palavras mrs. Dellmore explicou o caso e com equal brevidade lhe respondeu o seu namorado de outr'ora.

Então, Yolanda tendo obtido a certeza de que elle nada tinha a ver comigo, cumprimentou-o e despediu-se, enquanto o *biltre* a seguia com um olhar de profunda desesperança.

Vagarosamente, Yolanda atravessou o vestibulo e ao tornejear a hobreira de marmore da porta...

— Keith! Tu!

A mulher e o marido pararam face a face.

— Tu... vens do numero 2... Era mais uma affirmação do que uma pergunta.

— S...i...m, eu...

— Tu soubeste a nova morada do capitão Clyde hontem á noute, e escreveste-a na vareta do teu leque... para que não a podesses esquecer! Foi um azar para ti que eu por acaso visse o leque e tambem *por acaso* me aconteceu seguir esta tarde as tuas evoluções!

Por instantes, Yolanda poz de parte o intenso orgulho que era do seu character.

— Keith! exclamou ella. Só esta manhã soube que o leque não era meu e havia qualquer cousa escripto em uma das varetas. E como eu ignorasse quem morava no numero 2 Court Square

lembrei-me de vir...

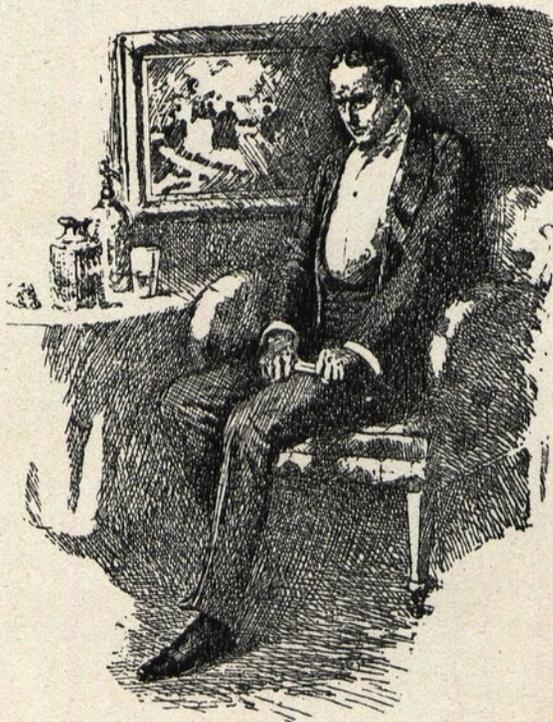
N'este ponto Yolanda perdeu o animo, porque a explicação dos factos, até a ella propria parecia horrivelmente incrível.

— *Cala-te*, murmurou Keith sem a menor inflexão na voz. *Cala-te*, E' tudo absolutamente inutil.

Então sem accrescentar palavra, cumprimentando-a com o chapéu, com cerimonia, voltou-lhe as costas.

Yolanda entrou machinalmente no *coupé* e deu ordem para casa.

— Para casa!... murmurou ella. Phrase suave, que tão grande significação tem para as mulheres.



APERTOU-ME COM FORÇA ENTRE AS MÃOS!

Depois, dominando a ternura que, involuntariamente lhe encheu o coração, apertou os lábios em uma linha tão recta e dura, que seria difficil adivinhar a existencia ali de uma bocca apetitosa e rosada.

Reassumira a expressão physionomica de uma mulher, tomando pela primeira vez uma resolução tremenda e eu adivinhei que essa resolução significava — *adeus*.

Ao chegarmos a casa abriu a porta do gabinete do marido e atirou comigo para cima da secretaria com força tal, que julguei que se me havia fracturado uma costella; em seguida subiu, como um furacão, ao quarto.

Momentos depois ouvia-se chamar a menina dos arrebiques.

— Lisette, emmala as minhas cousas, eu..eu.... fui chamada á pressa.

E era eu o culpado de isto tudo!

Se ao menos eu podesse pronunciar palavras de explicação, tudo se esclareceria; mas, apesar da minha transparencia, tão grande que se pode ver através de mim, era condemnado a guardar no meu seio para sempre um segredo que eu ardia por contar.

E', em verdade mister meu na vida, levantar leves aragens; mas nunca um devastador cyclone como este!

Principiava a deplorar que as minhas varetas de marfim não houvessem ficado nas florestas africanas e a desejar que o meu panno nunca tivesse sido despegado da almofada e dos bilros, em Bruxellas, quando se abriu a porta e entrou Keith no gabinete.

Ah! como eu tremia! Até se entrechocavam as minhas varetas de marfim!

Ver-me-hia?

Ficaria entre as suas mãos, despedaçado e triturado em mil pedaços?

Dirigiu-se vagarosamente para a secretaria onde eu me encontrava, fitou em mim o olhar e empurrou-me para longe como se eu fosse um objecto nojento; depois, com um gemido profundo que me apavorou, deixou cahir a cabeça nas grandes mãos brancas, ficando assim em silencio terrivel.

Esse triste silencio era apenas interrompido pelo som de pessoas apressadas, correndo de cá para lá, o arrastar e fechar de malas e os passos rapidos dos pequenos pés da menina dos arrebiques, lá em cima.

Passou-se assim meia hora e então a voz de Lisette deu ordem ao creado, que chamasse uma carruagem, d'ahi a cinco minutos, porque estava tudo prompto para a partida.

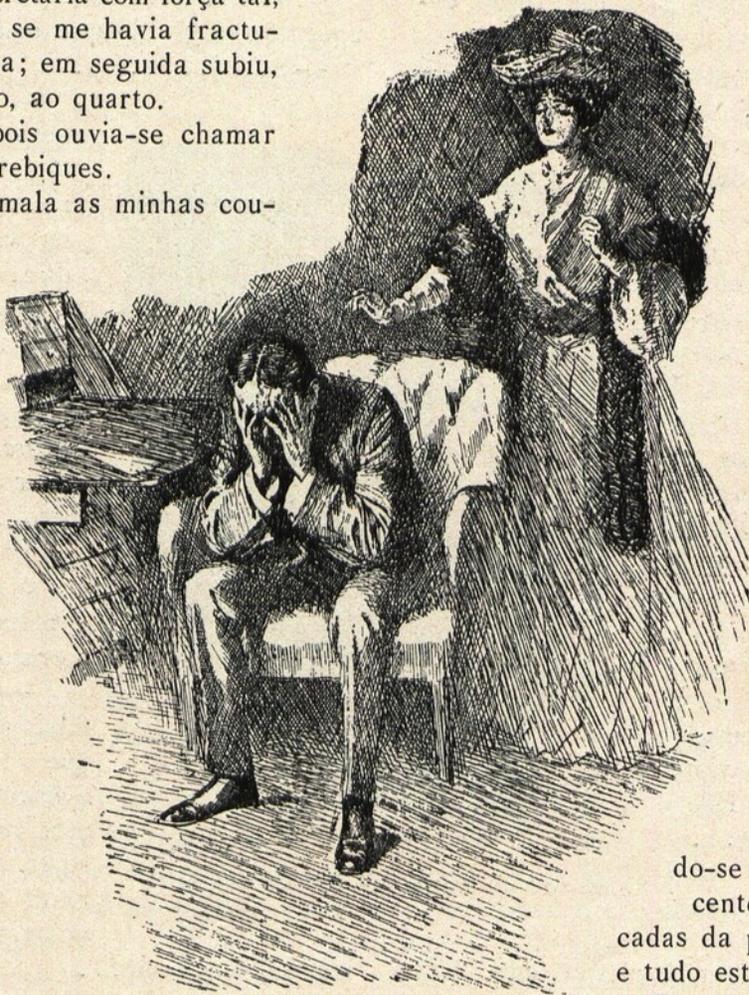
Passaram segundos, tornando-se minutos... mais cento e cincoenta pancadas da pendula do relógio e tudo estaria acabado!

E era eu, só eu o culpado!

De repente abriu-se a porta para dar passagem a um creado com uma carta, que viera evidentemente por mão propria, endereçada a Keith Dellmore.

O seu primeiro impulso foi de a pôr de parte sem a abrir — o segundo de rasgar o sobrescripto e lèr o contheudo, que era o seguinte, segundo eu vi, do meu elevado logar, em cima de um monte de papeis:

«*Meu caro sr. Dellmore.* — Quer ter a gentileza de me ajudar a vencer uma diffi-



APPROXIMOU-SE D'ELLE SUAUMENTE

culdade, antes que me veja forçada a confessar a meu marido o meu enorme crime de ser descuidada?

Hontem á noute no palacio Gayford, o Carlos encontrou-se com mr. Canyne, dando-lhe este a morada de um homem que tem um *bull-dog* para vender. Esta morada escrevi eu n'uma das varetas do meu leque, que deixei algures, trazendo por engano outro — por signal melhor do que o meu — e perdendo assim o leque e a morada! O motivo que me leva a escrever-lhe é o sr. Canyne ter dito a meu marido que este mesmo individuo lhe vendeu ha pouco tempo, outro cão; por esta fórma eu julgo que me poderá supprir a falta do endereço perdido.

Não o encommodaria se o sr. Canyne não tivesse partido esta manhã para a Suecia, sendo muito demorado appelar para elle.

Com affectuosos cumprimentos para sua mulher e para si, sou — Sua sincera amiga, *Jane Danver.*»

«P. S. — Parece-me que a morada tinha qualquer cousa de *Court*; mas a minha pobre memoria torna-se dia a dia mais parecida com uma peneira; d'aqui a pouco esquecerei o meu proprio nome. — *J. D.*»

O que se seguiu foi deveras compromettedor para um leque branco e virginal.

Keith Dellmore agarrou-me, collou-me aos labios e cobriu-me, na realidade cobriu-me, de ardentes beijos; depois, sahindo precipitadamente do gabinete, encontrou a mulher, que descia a escada.

— Yolanda! exclamou.

— Que me queres?

— Eu... eu acabo de receber isto, lê! Silencio. Apenas o ranger do papel da carta que ella estava lendo.

— Bem, já a li. Ainda bem para ti que tudo se explica... para mim não me faz differença... *duvidaste de mim!*

E sem pronunciar mais palavra encaminhou-se para a porta, emquanto Keith Dellmore, voltando-se tornou a entrar no gabinete.

* * *

Passaram instantes.

Outra vez me encontrei sobre a secretaria, junto da cabeça curvada de um homem.

Era horrivel vel-o assim! Como podia ella, como podia uma rapariga, tendo deante de si todas as alegrias da vida, sacrifical-as, só por estúpido orgulho!

Se ao menos eu a podesse chamar!... se ao menos...

Ah! Que ruido é esse? O *frou-frou* das saias de seda de uma mulher! A porta abre-se.

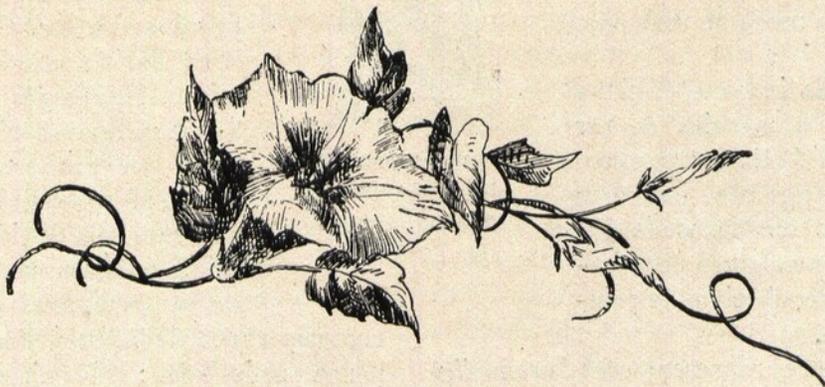
E' Yolanda.

Approximou-se d'elle suavemente.

— Meu amor, murmurou ella. Não sinto forças para partir... sem ti o mundo é um deserto... Keith, eu... quero ficar... guarda-me bem no teu coração!

E elle, abrindo os braços, guardou-a no coração.

Versão de CELIA ROMA.



Menandro e Séneca

I

Menandro

Hilarodia ou *hilaro-tragedia* — Antiphane — Nicophon — Dionisio e Diodoro de Sinope — Cratino, o «moderno» — Ehippos — Theopompo — Diphilo — Euphron — Menandro — Nausicrates — Philemon — Philemon, o «moderno» — Philippedes — Posidippo — Damoxenes — Dioxippo.

Um dos generos que os poetas comicos tinham criado foi a *hilarodia* ou *hilaro-tragedia*, cujo elemento essencial era a parodia litteraria. As origens da parodia na Grecia são antiquissimas. E' prova d'isso a *Batrochomyomachia*, attribuida a Homero, e, mais tarde, os dramas satiricos, a *Gigantomachia*, de Hegemon de Tharos, de quem já tratámos, e as comedias de Aristophanes. Foi principalmente Rhinton, como atraz dissémos, quem fez da parodia litteraria o objecto unico de uma peça de theatro.

Ainda outras innovações tinha experimentado a maneira de ser das peças. Uma d'ellas era o aproveitamento da agnição, isto é, o reconhecimento dos laços de parentesco existentes entre personagens que o desconheciam no principio da accção.

Os mais illustres representantes da *comedia media* foram no seculo v antes da nossa era Antiphane e Nicophon. O primeiro nasceu

em Rhodes cêrca de 410 e morreu em 306; compoz, affirma-se, duzentas e sessenta ou duzentas e oitenta peças, e foi, com Aleixo, a quem n'um dos outros capitulos nos referimos, o representante mais illustre da *comedia media* em Athenas; só existem d'elle fragmentos. O segundo escreveu varias peças de que unicamente possuímos os titulos d'algumas, como por exemplo: *Adonis*, o *Fugido dos infernos*, *Nascimento da Aphrodita*, *Pandora*, os *Artistas*, as *Sereias*.

No seculo iv floresceram Dionisio e Diodoro de Sinope, Cratino, o «moderno», Ehippos, Sotades e Theopompo. Do primeiro nada se sabe. Do segundo chegaram até nós os titulos das suas peças: a *Tocadora de flauta*, os *Panegyristas*, a *Herdeira*. Relativamente ao terceiro houve sempre confusão entre as suas peças e as do seu homonymo, Cratino, o «antigo»; uma das peças de Cratino, o «moderno», o *Diniz Alexandre*, era dirigida contra Alexandre de Pheres; attribuem-se-lhe ainda outras peças: os *Gigantes*, *Therameno*, *Omphala*, *Chiron*, o *Hypobolimaio*, etc. O quarto escreveu: *Busiris*, as *Gorgonas*, *Artemis*, os *Naufragos*, *Geryon*, *Circe*, *Sapho*; algumas d'estas peças, de que só se conhecem os titulos e de que só restam alguns fragmentos eram sem duvida parodias. Do quinto tambem nada se conhece.

Do sexto, apenas se sabe que foi contemporaneo de Aristophanes, embora um pouco mais novo; só existem d'elle fragmentos.

Da *comedia nova* no seculo iv registra a



POSITIPPO
DE CASSANDRIA
(Estatua antiga
do Vaticano)

historia os nomes de Diphilo, Euphron, Menandro, Nausicrates, Philemon, Philippedes Posidippo e Rhinton.

Diphilo, nascido em Sinope, é um dos principaes representantes da comedia nova, contemporaneo e rival de Menandro e de Philemon; vivia em Athenas no meio dos esturdios; attribuia-se-lhe um cento de comedias; Plauto aproveitou o assumpto de varias das suas comedias: a *Casina*, o *Rudens*, o *Asinaria*; e Terencio imitou-o nos *Adelphos*. De Euphron só se conhecem os titulos ou fragmentos de algumas comedias: os *Adelphos*, os *Synephebos*, os *Theoras*. De Nausicrates poucos são os fragmentos que lhe sobreviveram.

Philemon nasceu em 361 e morreu em Athenas ou no Pireu em 262. Foi um poeta comico notavel. Era originario, segundo uns, de Soles, na Cilicia; segundo outros de Syracusa. Estreou-se no theatro em Athenas, em 330. No dizer de Alciphron, passou algum tempo na côrte de Ptolomeu, rei do Egypto. Durante esta viagem, uma tempestade atirou-o para as costas da Cyrenaica, onde cahiu em poder do rei Magas, que o quiz ridicularizar, e que, para o assustar, lhe mandou apontar uma espada ao pescoço. A tradiçõ quer que o poeta, quasi centenário, morresse em pleno theatro, no momento em que acabava de ser coroado, ou então em sua casa, ao rever uma das suas peças, depois de um sonho em que contemplara as nove musas a sahir da sua habitação. Seu filho, Philemon, o «moderno», compoz um grande numero de peças, mas nenhuma chegou até nós, conhecem-se apenas os titulos e os fragmentos de umas sessenta. Philemon foi rival de Menandro, dedicando-se, como elle, a pintar os costumes do tempo. Foi muitas vezes imitado e traduzido parcialmente pelos poetas comicos latinos, nomeadamente por Plauto e Cecilio. Plauto imitou o seu *Emporos* no *Mercator*, o seu *Thesaurus* no *Trinumus* e sem duvida o seu *Plasma* na *Mostellaria*.

Philippides esteve muito ligado com o rei Lysimaco, mas parece ter vivido sobretudo em Athenas; fez-se notar pela ousadia com que atacou o luxo e a corrupção do seu

tempo; morreu de alegria, conta-se, ao informarem-no de que obtivera uma victoria dramatica; compoz quarenta e cinco comedias. Posidippo, nasceu em Cassandria na Macedonia; foi um dos ultimos representantes celebres da comedia nova; estreou-se no theatro em 290; conhecemos por Athenou os titulos de dezoito das suas comedias e possuímos d'ellas alguns fragmentos. Os seus *Didymos* parecem ter servido de modelo aos *Mnechmas* de Plauto; no Vaticano existe uma estatua antiga que representa Posidippo assentado. A biographia de Rhinton já a esboçamos n'um dos capitulos anteriores.

O principal representante da comedia nova foi Menandro, nascido em Athenas em 342 e morto n'essa mesma cidade em 292. Filho de Diopitho, de Kephissia, e de Hegesistrato, sobrinho do poeta comico Aleixo, pertencia á burguesia atheniense rica. Recebeu de Aleixo as primeiras lições da sua arte; em philosophia, foi discipulo de Theophrasto e de Epicuro. Levou a existencia das elegantes e deu-se aos prazeres; teve por amantes a cortezan Glyceria, e depois Thais. Não gostava de viver senão em Athenas, e recusou os offerecimentos de Ptolemeu Soter, que o quiz atrahir ao Egypto. Compoz, diz-se, cento e oito comedias. A primeira foi representada em 322, e ganhou o premio oito vezes. Conhecemos as suas comedias por numerosos fragmentos, pelas imitações feitas por Plauto e Terencio, e por uma collecção de *Sentenças monosticas*, que parece ter sido composta na época romana com extractos das suas obras. Eis os titulos das principaes: a *Andriana*, as *Aphrodisias*, o *Ramo*, a *Beocia*, o *Calumniador*, a *Canephora*, o *Carthaginez*, a *Citharista*, a *Cnidia*, o *Cocheiro*, os *Convivas*, os *Primos*, a *Bilha*, o *Deposito*, a *Adivinha*, a *Escrava*, o *Eunuco*, o *Falso Heraclio*, a *Mulher soxada*, as *Festas de Hephaistos*, o *Adulador*, a *Herdeira*, a *Pasteleira*, os *Pescadores*, os *Pilotos*, os *Sacerdotes de Cybele*, os *Soldados*, a *Superstição*, *Thais*, o *Thesouro*, a *Viuva*, etc. Menandro foi um pintor de costumes incomparavel; o primeiro na historia



MENANDRO
(Estatua antiga do
muzeu Pio-Clementino Vaticano)

da comedia; primava em tecer fortemente a intriga; possuiu o dom do pathethico, da invenção comica; soube tirar do theatro lições de philosophia familiar; creou ou fixou a maior parte dos typos que, da comedia nova passaram para a comedia latina, e até com frequencia para a comedia moderna. Foi tambem um escriptor maravilhoso, de linguagem simples e pura, viva, pinturesca.

Da *comedia nova* a historia só regista dois nomes: o de Damoxenes e o de Dioxippo. Do primeiro só se conhecem fragmentos; do segundo atravessaram os seculos os titulos d'algumas das suas peças: o *Thesouro*, os *Juizes*, o *Historiôgrapho*, o *Avarento*.

De todos estes, o nome que ficou para sempre gravado na historia em caracteres indeleveis, foi o de Menandro.

II

Theatro grego moderno

O *mimo* — *Rhapsodos e aedos* — *Actores gregos* — *Aristodemos* — *Callipidas* — *Mae-son* — *Polus* — *Bronteu* — *Theatro grego moderno* — *Leoncio Allaci* — *T. Alkaeos* — *Aristias* — *Demetrio Bikelas* — *Athanasio Christopoulos* — *S. K. Karydis* — *Panaghictis* — *Panas* — *Rhangabé* — *Nerulos* — *Panagiotis Soutzo* — *Skylissis* — *Valoritis* — *Zampelios* — *Zoiros* — *C. Christomanos* — *Spiro* — *Melas* — *G. Xenopoulos* — *P. Horn* — *P. Nirvanas* — «*Filho do Iskios*».

A palavra *mimo*, do latim *mimus*, do grego *mimos*, de *mimeomai*, eu imito, era um genero de comedia popular onde o auctor se dispunha a pintar personagens e caracteres, a *imitar* a vida e os costumes, conforme a propria etymologia da palavra. Em geral, os *mimos* eram pequenas peças que se compunham apenas de algumas scenas de duas ou tres personagens, em que não figurava o côro e onde a acção se reduzia quasi a nada. Na origem escreviam-se em prosa, ou antes n'uma especie de prosa rytmica; mas depois da época alexandrina, sobretudo em iambicos escazões ou choliambicos. Sophron de Syracusa passava por ser o inventor do *mimo*. Teve por imitadores seu filho Xenarcos e alguns outros escriptores. Ao genero *mimo*

ligavam-se algumas vezes as parodias tragicas, as *hilaro-tragedias*, as *phyliacas* inventadas pelo poeta Rhinton, emfim os *miniambos* da época alexandrina. Pôde-se fazer idéa do *mimo* grego pelos fragmentos que nos restam de Sophron, pelos dialogos socraticos de Platão, por certos idylios de Theocrito, nomeadamente as *Syracusanas* e sobretudo pelos curiosos *mimos* de Herodas.

Os mimographos mais celebres da Grecia fôram Sophron, Xenarco e Philistion.

Sophron nasceu em Syracusa no fim do seculo v antes de Christo. Era contemporaneo de Eurípides, e parece ter passado a sua vida na Sicilia. E', como atraz notamos, o principal representante, e sem duvida, o creador do *mimo*. Conhecem-se de Sophron alguns fragmentos, e os titulos d'alguns dos seus *mimos*: o *Pescador de atuns*, o *Pescador e o camponez*, os *Pescadores*, os *Velhos*, as *Feiticeiras*, as *Mulheres á mesa*, as *Mulheres nas festas do Isthmo*, etc.

Xenarco era filho de Sophron, e, como elle, escreveu *mimos*, intercalando-lhes satiras moraes e politicas.

Philistion nasceu em Nicéa ou em Prusa no seculo i da nossa era. Tornou-se afamado no fim do reinado do imperador romano Augusto e durante o reinado de Tibério. Morreu, diz-se, em consequencia de um accesso de hilaridade. Restaurou o antigo *mimo* grego, tornado illustre por Sophron. Segundo Suidas, compoz *comedias biologicas*, serie de scenas burlescas. A maior parte das suas peças estavam reunidas n'uma collecção intitulada *Philogeles* ou o *Amigo do riso*. Um epigramma grego celebra n'elle um dos consoladores da miseria humana. Possui-se, com o nome de Philistion, varias sentenças. Algumas estão reunidas n'um opusculo intitulado *Comparação entre Menandro e Philistion*. Mas muitas d'estas sentenças parecem provir de Philemon.

Agora, duas palavras ácêrca dos actores gregos.

Fôram os rhapsodos os arautos dos actores propriamente ditos, como o fôram dos trovadores medievaes. O *rhapsodo*, segundo as encyclopedias, era um cantor que *cosia* ou *adduzia* cantos para formar d'elle um todo. Na sua origem, os rhapsodos confundiam-se com os *aedos*, isto é, com os poetas da época primitiva que, nas grandes solemnidades, cantavam hymnos, poesias mysticas,

cosmogonias e theogonias compostas por elles. A principio fôram sacerdotes, e os seus cantos eram exclusivamente religiosos; mais tarde fôram artistas independentes que cantavam esses hymnos. Com o rodar dos annos, a palavra *aedo* continúa a servir para designar todos os cantores, reservando-se o nome de *rhapsodo* aos *aedos* que se dedicavam á poesia épica. Os mais celebres e mais antigos dos *rhapsodos* são os *Homeridas* de Chios e os *Creophylienses* de Samos. Eram elles os depositarios da tradição dos velhos cantos épicos, dos poemas homericos, quem percorria o mundo grego divulgando as suas descripções cavalheirescas, addicionadas umas ás outras, de modo a constituirem grupos. A principio declamavam acompanhando-se com a phorminge ou com a cítara, depois emanciparam-se da musica, na recitação do verso. Na Attica, Solon deliberou que os *rhapsodos* figurassem nas solemnidades officiaes, mas que haviam de conformar-se com um texto preestabelecido. Pisistrato mandou rever e fixar o texto official dos poemas homericos por uma commissão, como hoje se denominaria, constituída por Onomacrito, Zopyro de Heracléa, Conchylos e Orpheu de Crotona. Seguiram o exemplo de Athenas outras cidades que tiveram tambem o seu texto official, chamado edição das cidades. Os certamens rhapsodicos estiveram em voga na côrte de Alexandre e depois na dos Ptolemeus.

Nas primeiras épocas do theatro as mulheres não appareciam em scena; todos os papeis eram desempenhados por homens. A profissão de actor na Grecia não tinha nada de deshonroso; o homem que interpretava uma personagem no theatro não era excluído dos cargos publicos. Já não succedeu o mesmo em Roma, onde os actores não eram homens livres, como na Grecia, mas escravos. O facto de se mostrar em scena determinava para um romano a perda dos seus direitos de cidadão. Na Edade Media, como n'outra obra escrevemos (1), foi a Igreja que, pela representação publica dos *mysterios*, deu

origem ao theatro moderno. No seculo xv da nossa era agruparam-se em França alguns burguezes que, sob a designação mais tarde famosa de «*Confrères de la Passion*» deram espectaculos publicos e fôram os primeiros actores d'aquelle paiz. Os estudantes, os escripturarios do parlamento imitaram-nos, e, com os diversos titulos: «*Enfants sans souci*» e «*Clercs de la basoche*» começaram a representar igualmente farças, *soeias* e moralidades. Não eram ainda actores de profissão, mas para lá se encaminhavam. Foi só na segunda metade do seculo xvi que uma verdadeira companhia de profissionaes se estabeleceu no palacio Bourgogne, que devia tornar celebre, e onde depressa attrahiu toda a população de Paris.

Embora a situação social do actor fôsse considerada em França, como em outros paizes, inferior, e que a Igreja se recusasse a enterrá-los em sagrado, como succedeu com Molière e outros, nem por isso eram menos queridos do povo, graças ao seu talento, nem menos acarinhados e procurados pelos grandes. O actor actual é, não só considerado e respeitado, mas ainda querido. Com a desaparição dos *pateos*, como escreve um illustre critico theatral, onde se exhibiam actores recrutados nas camadas mais baixas da sociedade, individuos sem brio que não raro entravam em scena embriagados, o theatro entrou n'uma nova phase, assumindo o aspectó que compete a tão poderoso agente da civilisação e do progresso.

Uma parte dos escriptores de tragedias e comediographos gregos, representaram ás proprias peças. E' limitado o numero de actores da antiga Grecia que, atravessando as edades, impuzeram o seu nome á historia do theatro. D'esses conhecem-se apenas os seguintes:

Archias, denominado *Phygadothero* (caçador de fugitivos), foi actor e auctor dramatico. Vivia na segunda metade do seculo iv antes de Christo. Transformado em instrumento de Antipater, prendeu Hyperide, Himereu e Aristonico. Dirigiu-se em seguida a Calauria para arrancar Demosthenes do templo de Neptuno; o orador, porém, escapou-se-lhe envenenando-se. Archias acabou



MIMO

1) *Evolução do theatro.*

a sua vida na miséria e no desprezo. Como o leitor vê, da vida artistica de Archias nem uma palavra.

Aristodemos foi um famoso actor tragico, que vivia em Athenas na segunda metade do seculo iv. Ligado ao partido macedonico, persuadiu os seus concidadãos a conciliarem-se com Philippe, junto do qual foi enviado como embaixador, e fez concluir a paz de 346. Agradou a Philippe que o accumulou de presentes. Demosthenes, porém, vendo em Aristodemo um traidor, crivou-o das suas imprecações mais aceradas.

Callipidas ou Callipides foi um actor tragico de Athenas do fim do seculo v. A sua habilidade em reproduzir os ridiculos da vida real, ou, segundo outra versão, o seu jogo scenico exagerado e trivial fez com que o alcunhassem de *macaco*. Com este mesmo nome, em época incerta, houve um jogral, que se exercitou a fazer, sem mudar de logar, todos os movimentos de um homem que corre rapidamente. O seu nome tornou-se proverbial para designar aquelles que desenvolvem muito trabalho para não fazer nada.

Maeson foi auctor e comediante. Nasceu em Megara, nos fins do seculo vi antes da nossa era. Parece ter vivido na cõrte de Pisistratides, depois na Sicilia. Foi um dos fundadores da comedia doricã; inventou, assegura-se, certas mascaras; entre outras, as do *cosinheiro* e do *escravo*. Mais tarde chamaram-se a certos gracejos, aproveitando o seu nome, facecias maesonicas.

Polus foi um actor dos mais celebres de Athenas, contemporaneo de Pericles e nascido em Sunio. Passava por ganhar um talento em cada representação que entrava. Um dia que desempenhava o papel de «Electra», levando a urna que devia conter as cinzas de Orestes, appareceu no theatro com a urna que encerrava as cinzas do proprio filho, que morrera instantes antes.

Bronteu era na mythologia grega a personificação do trovão. Appelles pintara-o em companhia de Astropeu (relampago) e de Ceraunobolos (raio). D'esta divindade sahiu o nome da machina de theatro com a qual se imitava o ribombar da trovoadã.

Lancemos agora uma rapida vista de olhos pelo theatro grego moderno.

O primeiro nome que nos apparece, é no seculo xvi, o de Leonio Allaci, em latim *Al-latius*. Nasceu em 1586 em Chio. Fixou-se em Roma em 1660, onde morreu cincoenta annos depois. Desempenhou ali varios cargos

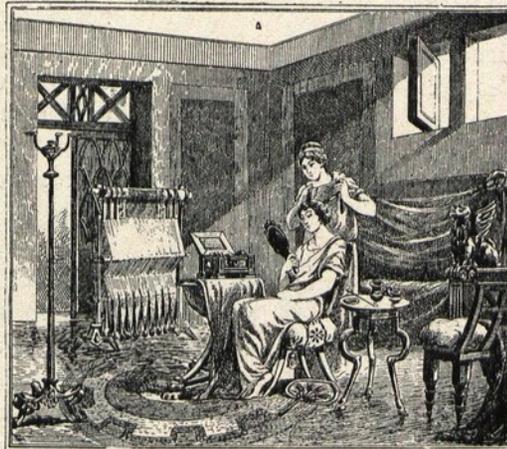
e foi nomeado em 1661 bibliothecario do Vaticano. Escrip-tor laborioso e erudito, compoz grande numero de obras de theologia, liturgia, de philosophia, e em 1666 uma dramaturgia, na qual se encontram interessantes noticias sobre o theatro italiano. Devem-se-lhe edições criticas de auctores gregos do periodo christão.

Na transição do seculo xviii para o xix encontramos T. Al-

kaeos, escriptor illustre pelas lisonjeiras referencias de que é alvo por parte da critica.

Aristias, que viveu na Valachia, nasceu em 1798 e morreu em 1884. Pertencia a uma familia grega e figurou em todos os movimentos politicos que tendiam á libertação do seu paiz. Como poeta, fez representar diversas obras primas do theatro italiano e francez. A sua fama provém principalmente da sua traducção em versos romenios da *Illiada*.

Demetrio Bikelas, poeta e historiador, nasceu em 1835. Compoz muito novo hymnos patrioticos que lhe valeram uma grande reputação. A sua obra é consideravel. Traduziu em grego moderno tres tragedias de Shakspeare: *Romeu e Julieta*, *Hamlet* e *Machbeth*.



O INTERIOR DE UM GYNECEU

Athanasio Christopoulos era oriundo de Cartoria, na Macedonia, onde nasceu em 1772. Foi funcionario publico na Moldavia e Valachia. Entre outras obras litterarias que deixou ao morrer, em 1847, citam-se varios dramas e a tragedia *Achilles*.

De S. K. Karydis não pôdemos colher nenhuns traços bibliographicos.

Panaghiotis Panas, natural da Cephalonia, é um escriptor contemporaneo, pois nasceu em 1833. No jornalismo, defendeu os principios democraticos e as doutrinas panhellenicas. Entre as suas obras, bastantes, encontra-se uma traducção da *Iphigenia* de Racine.

Alexandre Rizos Rangabé, Rhangabé ou Rangawis, foi um grego illustre. Nasceu em Constantinopla em 1810 e morreu em Athenas em 1892. Alumno da escola militar de Munich, estreou-se na carreira das armas, que depressa abandonou para seguir a litteraria. Foi director da imprensa nacional de Athenas, professor de archeologia, ministro dos negocios estrangeiros, embaixador em Constantinopla, em Paris e em Berlim.

Escritor eminente, pensou em dotar a Grecia moderna de uma lingua litteraria semelhante ao grego antigo. Escreveu muitos livros de poesia, de sciencia e de historia, e, em 1843, a comedia aristophanica *Casamento de Kutrulis*.

Jakowakis Rizos Nerulos nasceu em Constantinopla em 1778 e ahi morreu em 1850. Foi educado pelo arcebispo de Epheso, seu tio, nomeado estribeiro-mór por Spsilanti hospodar da Moldavia, embaixador em Constantinopla, dedicou-se a trabalhos litterarios durante a occupação dos principados pelos russos. Foi promovido a primeiro ministro de João Caradza, hospodar de Valachia, e mais tarde incumbido de secretariar

a repartição dos intérpretes do ministerio dos negocios estrangeiros em Constantinopla. Primeiro ministro do hospodar Souzo, abandonou essas funcções no momento da insurreição grega em 1821, que elle approvou. Foi varias vezes ministro na Grecia e embaixador em Constantinopla. Escreveu, além d'outros trabalhos, as tragedias em verso, em 1813, *Aspasia*, em 1814, *Polycena* e em 1813 uma comedia tambem em verso, *Korakistika*.

Panagiotis Soutzo nasceu em Constantinopla em 1806 e morreu em Athenas em 1886.

Foi um litterato de merecimento. Conhecese d'elle uma tragedia: *Euthymios Vlacavas*, escripta em 1839, e três dramas lyricos: *Marcos Karaiskos*, 1840; o *Desconhecido*, 1840; e *Marcos Botsaris*.

Izidoridis Skylissis, sabio, poeta e traductor grego, nasceu em Smyrna em 1819. Passou em Paris a maior parte da sua vida. E' conhecido por traducções de obras francezas, italianas e hespanholas em grego moderno. Traduziu varios dramas de Victor Hugo.

Aristoteles Valortis nasceu em Saint-

Maure em 1824 e morreu em Athenas em 1879. Estreou-se em 1847 com um primeiro livro de poesias. Na sublevação de 1854, combateu os turcos no Epiro. Deixou, entre muitas obras poeticas, varias peças de theatro.

J. Zampelios, muito influenciado pelo illustre dramaturgo italiano Alfieri, deixou, entre outros estudos, diversas obras de theatro como *Timoleon*, *Constantino Paleologo* e *Rhigas de Pherae*.

A. Zoiros foi auctor de *Os tresentos* ou o *Character da antiga Helena* (Leonidas), *A morte do Orador* (Demosthenes) e *Um rebento de Timoleon*.



UMA DANSA GREGA

Modernamente teem-se evidenciado Constantino Christomanos, Spiro Melas, Gregorio Xenopoulos, Pandeli Horn e Paulo Nirvanas.

Constantino Christomanos foi leitor da imperatriz Isabel, de Austria, e fundou em Athenas o *Nea-Skini*, uma especie de theatro livre á semelhança do que Antoine fundou em Paris.

Constantino é auctor, entre outras obras, de um drama intitulado *Tres beijos*. A anecdotica que serve de thema ao seu drama, escreve um dos seus criticos, parece ter por motivo principal permittir ao auctor dar livre expansão ao seu lyrismo, ao seu grande talento descriptivo e a uma imaginação amorosa singularmente ardente e de quando em quando um pouco morbida.

Spiro Melas é auctor do *Filho do Iskios* e da *Camisa Vermelha*. Iskios, significa, não precisamente, *sombra* ou *fantasma*. Segundo uma lenda, erra através das Cyclades, a sombra insaciada de um damnado. Este fantasma maldito conservou a força de desejar e o poder de gerar. Vanghos, o heroe da peça, será seu filho? Receia-o a propria mãe. Uma noite teve uma estranha allucinação. No seu terror, revelou o pesadêlo, e toda a ilha contempla a creança nascida alguns mezes depois, com uma inquietação que augmenta de anno para anno. A indole de Vanghos justifica as suspeitas: o seu desdem pelas convenções sociaes, o prazer que encontra em fazer mal, um sentimento da natureza vibrante e exasperado que o faz vaguear durante horas por sitios desertos ou encerrar-se dias inteiros com a sua vida.

Inicia-se o drama. Desde creança, Vanghos ama Avghi, a rapariga mais bonita e mais rica da aldeia. Este amor «violento e vasto como o mar» irrita-se ante os desdens da moçoila, que se crê de uma casta superior á de um filho de um pescador sem dinheiro. Uma idéa satanica germina no cerebro de Vanghos. Alista-se no *Atromitos*, no bello brigue do capitão Lefteri, pae da rapariga, desorienta a bússola e atira com o navio para cima de um recife. Prevendo o perigo, só elle o pode conjurar e consegue salvar o commandante. Mas Avghi, apesar de ter perdido com o *Atromitos* o melhor do seu dote, embora Vanghos pareça o salvador de seu pae, continúa a considerá-lo como indigno d'ella.

O filho de Iskios perpetra então outro crime. Incendeia a casa de Lefteri, depois, atirando-se ás chammas, arranca de lá Avghi, que sem elle succumbiria com todos os seus. Reduzida á miseria, só no mundo, impressionada com o heroismo do rapaz que a salvou, casa com elle. Esposa, apaixonase profundamente e conta-lhe o seu amor, a sua felicidade em lhe pertencer, n'uma linguagem de fórma popular e de consumada poesia. Embriagado com esta narrativa, Vanghos crê que o amor de sua mulher está á altura do seu, tão grande e tão feroz. Depois da união dos corpos, sonha a união das almas e confessa todos os crimes que praticou por causa d'ella. Mas Avghi não é uma mulher superior. Attonita, revoltada, denuncia o provocador do naufragio, o incendiario, o assassino. Este, mais ainda para não sobreviver ao seu sonho que para não se submeter á justiça dos homens, atira-se do alto de um rochedo ao mar «violento e vasto como o seu amor».

Gregorio Xenopoulos, natural da ilha de Zante, é auctor da peça *Photini Sandri* que obteve um grande exito em Athenas, em 1908.

A Grecia, hoje tão agitada no ponto de vista da politica interna, nem por isso deixa de trabalhar com toda a energia para restaurar o theatro nacional, e appella, para realizar esta sua tão legitima aspiração, para todas as forças intellectuaes do paiz.

III

Séneca

A tragedia romana — Livio Andronico — Quinto Ennio — Marco Pacuvio — Lucio Accio — Caio Asinio Pollio — Quinto Tullio Cicero — Codro — Publio Ovidio Naso — «Palliatas», «togatas» e «pretextatas» — Lucio Anneu Cornuto — Lucano — Seneca — «Hercules furioso» — «Hercules em Ceta» — «Hippolyto» — «Medea» — «Cedipo» — «Octavia».

A tragedia romana conservou-se muito tempo desconhecida, porque as obras que prduziu foram, mais que nenhuma outras, maltratadas pelo tempo. Apenas é conhecida pelo testemunho dos antigos, pelos fra-

gmentos a que se refere Cicero e pelos grammaticos. Todavia, Cicero proclama que é uma das glorias nacionaes; Quintiliano julga-a superior á comedia; Santo Agostinho attesta tambem o effeito produzido pelas elevadas maximas de que ella se alimentou.

O creador da tragedia romana foi Livio Andronico, mas limitou-se a traduzir os originaes gregos. O caracter nacional denuncia-se em Nævio, embora não passe tambem de um traductor; mas Ennio, Pacuvio, seu sobrinho, e Accio, merecem sem favor o epitheto de poetas tragicos. Ennio, imitador de Eurípides, é, como elle, a certos respeito, um satirico, mas o espirito zombeteiro

não exclue o sentimento. E' simples, familiar, pathetico. Pacuvio, philosopho e sabio, espraia-se em dissertações. As suas descrições são pinturas minuciosas. Cheio de requintes, flexibililisa a lingua. Accio é mais rude, põe-se mais em relêvo. Todos tres recorrem ás sentenças moraes. Devido a estes caracteres a tragedia romana é nacional.

Demais, ao lado das *palliatas*, tiradas do grego, as *pretextatas*, que usurpam o seu nome ao manto dos consules, tratam de assumptos romanos. Tambem se deve citar Vario, cuja *Thyesta* ainda se representava no tempo de Augusto.

A época gloriosa da tragedia romana não é longa. Livio Andronico morreu em 204 antes da era actual. A tragedia de Ovidio é uma tragedia de sala, a de Seneca uma tragedia de lettrados e de philosophos; perdeu o caracter popular.

Livio Andronico, o mais antigo dos poetas dramaticos latinos, florescia no seculo III antes de Christo. Era grego de origem e tinha sido escravo. Teve a gloria de iniciar os romanos na arte dramatica dos gregos. Elle proprio representava nas peças, das quaes, repetimos, só restam fragmentos.

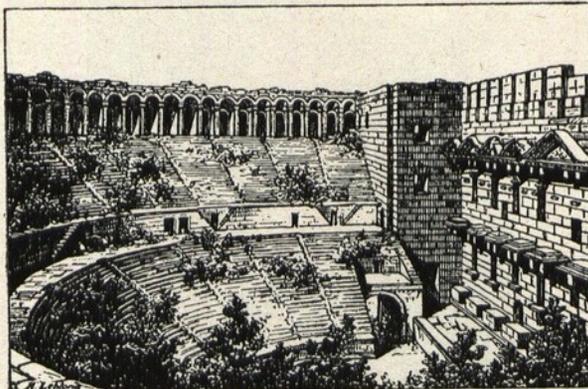
Quinto Ennio, nasceu em Rudies, na Calabria, em 240 e morreu em 169 antes de Christo. Não se sabe nada dos seus primei-

ros annos. Serviu nas legiões com o posto de centurião e tomou parte na segunda guerra punica, depois, decorridos onze annos, fez a campanha da Etolia. Amigo intimo de Catão o «antigo», a quem ensinou o grego e que o levou para Roma, gosou muito antes o favor dos Scipiões, que lhe cederam um lugar no seu tumulo de familia. Foi um dos escriptores mais fecundos, e ninguem contribuiu mais que elle, com os seus livros e com o seu ensino para introduzir o hellenismo em Roma. Com o titulo de *Annaes*, compoz um poema épico de dezoito livros, onde cantava toda a historia de Roma, desde os amores de Marte e de Rhea até á sua época. Foi elle, em Roma, o primeiro que

empregou o verso hexâmetro. O estylo dos fragmentos que nos restam é duro, mas não lhe falta energia nem grandeza. Os romanos conservaram sempre uma grande veneração pelos *Annaes*. Compoz diversas tragedias, quasi todas imitadas de Eurípides, satiras e toda a especie de outras

obras. Os amadores exaggerados do passado, como Adriano, chegavam a preferi-lo a Virgilio, o que é seguramente injusto. Virgilio, como todos os escriptores latinos, admirava-o diga-se o que se disser, porque não hesitou em aproveitar d'elle versos inteiros, «achando, escreve Virgilio, perolas na sua estrumeira». Este dito cruel transformou-se em proverbio.

Marco Pacuvio teve por berço Brindes, onde nasceu em 220 antes de Christo e morreu em Tarento, em 130. Era sobrinho do poeta Ennio. Cultivou simultaneamente a pintura e a poesia, compoz tragedias e satiras, e viveu muito tempo na intimidade dos seus mais illustres contemporaneos. As suas tragedias são quasi todas *palliatas*, isto é, baseiam-se em assumptos gregos. As principaes eram: *Orestes*, *Anchises*, *Antiope*, *Iliion*, *Atalanta*, *Hermiona*, *Heitor*, *Medéa*, o *Julgamento das armas*, etc., citava-se tambem uma *pretextata*, isto é, romana: *Paulus*. Pacuvio é um escriptor grave, muitas



VISTA DAS RUINAS DO THEATRO DE ASPENDOS
(Theatro romano)

vezes mais philosopho que poeta. Virgilio não se envergonhou de copiar varia coisas das suas obras. O seu estylo era trabalhado com desvello. Censura-se-lhe até ser um pouco rebuscado.

Lucio Accio ou Attio nasceu em Roma em 170 antes da nossa era. Era filho de um liberto. Escreveu diversas tragedias tiradas das lendas da Grecia heroica, uma peça nacional *Bruto*, que tem por thema a expulsão dos Tarquinius, e annaes em verso. Só temos d'elle alguns fragmentos.

Caio Asinio Pollio, estadista e escriptor romano, nasceu em 75 antes de Christo e morreu em 13 ou 5. Era de familia equestre. Partidario muito novo de Cesar, acompanhou-o á Gallia, na passagem do Rubicon, a Pharsalia, a Africa, e combateu a favor d'elle Sexto Pompeu, em Hespanha. Apoz a morte do dictador, conservou-se neutro um anno e filiou-se depois no partido de Antonio. Os triúmviros nomearam-no governador da Gallia transpadana. Foi então que conheceu Virgilio, a quem fez restituir o seu patrimonio por occasião da partilha das terras. Perdeu o seu governo apoz a guerra de Perusa, mas, depois da paz de Brindes, exerceu o consulado, e uma expedição á Dalmacia outorgou-lhe as honras do triumpho. Em 39, desaveio-se com Antonio; desde esse momento retirou-se da vida politica, conservando relativamente a Octavio uma attitude independente. No seu retiro de Tusculo consagrou-se inteiramente ás letras, compondo tragedias, poesias, uma *Historia da guerra civil entre Cesar e Pompeu*, commentarios sobre Sallustio, Cesar, Cicero, Tito Livio. Apesar do seu estylo archaico e sêcco, creou nome como orador judicial. Deve-se a elle o estabelecimento em Roma das *recitationes* ou leituras publicas. Finalmente fundou, em 39, a primeira bibliotheca publica.

Ao lado d'estes, temos Quinto Tullio Cicero, irmão do grande Cicero, e Codro, con-

temporaneo de Juvenal, que compoz uma tragedia *Theseu*. Codro era tão pobre que o seu nome teve as honras de proverbio. Dizia-se *Codro pauperior* (Mais pobre que Codro).

Apoz esses dois, surge a individualidade graciosa e fina de Publio Ovidio Naso, que nasceu em 43 antes de Christo, em Sulmone, e morreu em Tomes, em Ponto Euxino, em 16 da nossa era. Estudou em Roma, fez uma viagem a Athenas, visitou a Sicilia, a Grecia, a Asia Menor, em companhia do poeta Macer, seu parente. De regresso a Roma, estreou-se brilhantemente no fóro e occupou alguns cargos publicos. O seu gosto pela poesia, porém, não tardou a preponderar. A sua facilidade natural em fazer versos, era incrível. «Tudo quanto escrevia, diz elle, eram versos.»

Aos vinte annos era quasi celebre; Virgilio, Horacio, Propercio e Gallo, admiravam-no e animavam-no. Augusto accumulou-o de provas de estima. Não extractaremos aqui a biographia do poeta, extensissima. Todas as primeiras obras de Ovidio se resentem da sua existencia instavel. Os *Amores*, as *Heroidas*, a *Arte de amar*, os *Cosmeticos* são

apenas o codigo, espirituosamente redigido, da libertinagem da juventude romana. Ovidio escreveu tambem uma tragedia, *Medea*, que Quintiliano considerava como uma das melhores da litteratura latina. A sua obra capital, porém, foi as *Metamorphoses*. Na sua bagagem litteraria figuram mais os *Fastos*. Exilado, escreveu os *Tristes* e os *Ponticos*. Ovidio, commentam os criticos, não foi um poeta de primeira ordem; o seu lugar seria á cabeça dos *poetæ minores*. Tudo para elle é uma especie de brincadeira intellectual. Nem grande inspiração nas partes épicas dos seus poemas, nem paixão nas suas poesias amorosas, nem potente imaginação reconstructiva nos seus versos eruditos, mas tudo é polvilhado de uma graça notavelmente facil, os versos são harmoniosos, as



HERCULES MATANDO A HYDRA
(Quadro de Guide)

expressões brilhantes. Tal é Ovidio, poeta de sala, poeta da côrte, poeta de uma época sceptica, alegre espirituosa, falha de principios.

Uma explicação antes de proseguirmos, ou melhor, uma ampliação. Nas tragedias baseadas nas lendas gregas, os actores vestiam o *pallium* grego, e d'esse uso provém a designação de *palliata* dada a esse genero de tragedias. O mesmo succedia com a comedia puramente romana, chamada *togata*, por allusão á *tôga* romana, e com as tragedias latinas, *pretextata*, de assumpto nacional, nas quaes os interpretes trajavam a veste *pretextata*, uma especie de *tôga* branca, bordada de purpura, um dos distinctivos das altas magistraturas, da dignidade senatorial e tambem dos mancebos patricios quando chegavam á época da puberdade.

Voltemos aos tragicos latinos.

Lucio Anneu Cornuto, estoico, nasceu em Leptis, em Africa, no seculo 1 da era christan, e morreu em 14. Professou em Roma os principios da sua escola e foi mestre de Lucano e de Persio. Inspirou aos seus discipulos um respeito e um affecto apaixonados. As poesias de Persio são uma perpetua homenagem á sua virtude. As suas obras perderam-se. Só ha d'elle um fragmento de um tratado, *Da natureza dos deuses*. Sabe-se que escreveu tragedias; pensa-se que tambem escreveu satiras. Tendo Nero projectado escrever em verso toda a historia de Roma, Cornuto foi convidado a assistir a uma especie de conselho, onde se discutiu sobre o numero de livros que convinha consagrar a este assumpto. «Quatrocentos não seriam demais — opinou alguém.» E, como Cornuto não concordava, accrescentou: «O vosso Chrysippo, objectou o adulator, compoz muitos mais». «E' verdade, replicou o philosopho; mas os livros de Chrysippo são uteis á humanidade.» Esta resposta valeu-lhe o exilio. Não se sabe nada relativamente aos seus ultimos annos, senão que foi mandado matar por Nero.

Marco Anneus Lucano nasceu em Cordova, Andaluzia, em 39 da nosa era e morreu em 35. Era filho do irmão do philosopho Séneca. Levado para Roma muito novo, teve por preceptor o grammatico Rhemmio Pale-

mon, depois Séneca, seu tio, de regresso do exilio, e nomeado preceptor do joven Nero, deu-o ao principe como companheiro de estudos e de folguedos. O gosto commum dos dois rapazes para as letras determinou entre elles uma ligação muito estreita. O talento de Lucano foi muito precoce. A sua facilidade prodigiosa exercia-se em todos os generos. A sua vaidade, porém, era ainda maior. Séneca ensinou-lhe, sem nenhum resultado, as doutrinas do estoico Cornuto. Uma viagem á Grecia acabou a educação de Lucano. Aos dezoito annos, recebeu a nomeação de questor de Nero, que succedera a Claudio. N'esta qualidade, tomava a palavra no Senado em nome do imperador. Pouco depois, foi tambem auguro. Manifestou o seu reconhecimento compondo um *Elogio de Nero*. Aos vinte annos, Lucano chegara ao apogeo das honras. Além d'isto,



SÉNECA

(Bronze do museu de Napoles)

n'um processo celebre, revelava-se um mestre do fóro. Cantatas, poesias, pantomimas, tragedias sahiam sem descanço da sua penna infatigavel. Compoz até um poema sobre o incendio de Roma. Uma *Viagem de Orpheu aos Infernos*, poema com o qual ganhou o premio, de preferencia a Nero, começou a malquistá-lo com o imperador. O exito dos primeiros livros da *Pharsalia*, valeram-lhe a interdicção das leituras publicas. Uma *Niobe*, em que tornaram a rivalisar, consumou a desintelligencia. O poeta buscou a solidão. Esta vida, nova para elle, suggeriu-lhe os pensamentos fortes da *Pharsalia*. Finalmente, entrou com sua mãe Acilia na conspiração de Pison, mais por vaidade ferida que por convicção. Por má sorte sua, mesmo do seu retiro não cessava de frêchar Nero com os seus epigrammas. A conspiração descobriu-se. Lucano, para salvar a vida, denunciou a mãe. Esta covardia não lhe serviu de nada. Foi obrigado a abrir as veias e morreu declamando alguns versos do seu poema. O character de Lucano estava longe de egualar o seu talento. O grande merito litterario de Lucano é de ter rompido com a tradição virgiliana e de ter ousado ser elle proprio. Alcançou o seu objectivo, sejam quaes fóro os defeitos do seu grande poema, servindo-se abertamente da historia, sem intervenção da mythologia.

Lucio Anneu Séneca nasceu em Cordova no anno 2 da nossa era e morreu em Roma com sessenta annos. Seu pae, denominado Séneca, o *rhetorico*, levou-o para Roma muito novo e foi seu professor de rhetorica. Fez d'elle um mestre em materia de estylo, mas incutiui-lhe alguns dos seus defeitos: o abuso da antithese, a emphase oratoria. Os seus primeiros triumphos no fóro inquietaram Caligula, que pensou em o mandar matar. Uma das suas favoritas, amante de Séneca, dissuadiu-o d'isso convencendo-o de que aquelle a quem temia estava phtisico e não viveria muito tempo. Séneca, para se fazer esquecer, dedicou-se ao estudo, e, com o ardor da imaginação que elle punha em tudo, iniciou uma vida de abstinencia absolutamente pythagorica. Seu pae persuadiu-o que era melhor pensar n'outra coisa. Abriu então uma escola de philosophia que attraheu tudo quanto Roma contava de mais brilhante. Entre os seus ouvintes notava-se Julia, filha de Germanico. A sua assuididade forneceu a Messalina ensejo de a accusar de adulterio. Julia foi condemnada á morte, e Séneca, embora innocente de facto, senão de intenção, foi exilado para a Corsega. Passou ali oito annos.

A revolução effectuada por Agrippina, mulher de Claudio, conduziu-o outra vez a Roma. Tornou-se preceptor de Nero, filho da nova imperatriz. Os cinco primeiros annos d'esse principe foram sensatos e felizes. Foi durante o famoso *quinquennio* que Nero preludiou os seus crimes pela morte do joven Britannico. A ambição impediu que Séneca se retirasse. Teve então de aceitar uma parte dos despojos de Britannico, depois tomou o partido da cortezan Actéa, que Nero amava apaixonadamente, contra Agrippina, assassinada com a sua approvação. Séneca enriquecia sem cessar, desprezando o desaccordo que existia entre a sua conducta e as suas doutrinas. Casado com uma mulher illustre, deixou-se arrastar por amores degradantes. Não pôde man-

ter a boa reputação nem mesmo vivendo retirado. Compromettido na conspiração Pison, recebeu ordem de abrir as veias. A sua morte, ao menos, foi a de um estoico. Sua mulher Paulina quiz segui-lo na morte. Fecharam-lhe, porém, as feridas, e ainda viveu alguns annos, pallida e languida.

Litterariamente, Séneca é um dos genios mais vigorosos e mais originaes da antiguidade. Se não possuia o malleavel talento de Cicero, o seu pensamento tem mais força. Não é para este estudo analysar a sua obra, immensa, e as suas doutrinas philosophicas. Ha quatorze tragedias com o seu nome. São interessantes por constituirem o mais importante monumento que nos resta da tragedia romana. D'essas quatorze, só seis se conservam intactas. São: *Hercules furioso*, *Hercules em Ceta*, *Hippolyto*, *Medéa*, *Cedipo* e *Octavia*.

A tragedia *Hercules furioso*, foi imitada de Eurípidés. Hercules desposou Megara, filha de Creon, rei de Thebas. Emquanto elle desce aos infernos, um eubeano, Lycus, mata o rei, apodera-se do throno e efferece a Megara casar-se com ella. Me-

gara recusa, e Hercules chega a proposito para o matar. Mas Juno inspira-lhe um furor que o leva a massacrar a mulher e os filhos. Recuperado o juizo, custa immenso a impedir que se suicide. Parte com Theseu para Athenas, a fim de ali se purificar. A tragedia *Hercules furioso*, apresenta as qualidades e os defeitos das peças de Séneca, feitas mais para serem lidas que para serem representadas.

Hercules em Ceta, é uma tragedia imitada das *Trachinianas*, de Sophocles. Dejanira, indignada por

se ver preferida a lola, envia a Hercules a tunica tingida do sangue de Nessus, que empeçonha o heroe; em seguida, desesperada com o mau exito do seu filtro, suicida-se. Hercules, depois de ter matado Lychas que, lhe trouxe o fatal presente, lança-se sobre uma fogueira. Volvidos instantes, apparece sua mãe Alcmena para lhe participar que



MORTE DE SÉNECA
(Quadro de Rubens)

vae ser elevado á categoria dos deuses. Séneca fez do seu Hercules uma personagem de phrases declamatorias, que ostenta de principio a fim a doutrina estoica. Ha n'ella, todavia, traços primorosos, côr e versos harmoniosos que augmentam o merito da peça.

Ainda no *Hippolyto*, Séneca foi buscar a Eurípides o assumpto da tragedia. N'esta obra, o amor de Phedra é collocado em primeiro lugar. Esta concepção suggeriu a Séneca a scena capital da declaração de Phedra a Hippolyto, que Racine mais tarde hauriu n'elle. Talvez esta scena se encontrasse no *Hippolyto velado*. Racine encontrou igualmente em Séneca os elementos da famosa narrativa de Therameno. A peça de Séneca é notavel pela concisão do dialogo e riqueza do estylo.

A tragedia *Medéa* foi tambem inspirada pela obra de Eurípides, sem a seguir servilmente. Seduziu-o principalmente o que um semelhante thema offerecia de sobrenatural, ostentando mesmo uma erudição singular, que deixa o leitor bastante frio. Na grande scena entre Medéa e Creon, entre Medéa e Jason, Séneca multiplicou as sentenças breves, em que elle é eminente. A sua Medéa não é enternecedora como a de Eurípides. Perseguem-na fantasmas; o espectro do seu irmão, a quem ella outr'ora cortou em bocados para salvar Jason, vem incitá-la á morte do infiel. Quando este lhe supplica que poupe pelo menos o seu ultimo filho, ella dá-se ao prazer de retardar o derra-

deiro golpe, que no fim acaba por vibrar. Estes requintes e estas declamações, a cujo estylo nunca falta brilho, são, não ha duvida, o producto de uma arte em decadencia.

A tragedia *Œdipo* foi imitada do *Œdipo-rei* de Sophocles, mas Séneca modificou o seu modelo. Na obra do poeta latino são as sombras consultadas por Creon, e não Tiresias, que accusam Œdipo de parricidio e de incesto. O *Œdipo* de Séneca é menos dramatico que o de Sophocles. Parece que foi composto para se ler. Contém, sobretudo nos côros, muitos versos cadenciados, no estylo sempre rebuscado que caracteriza a maneira de Séneca.

Acêrca da tragedia *Octavia* ha muitos críticos que presumem não ter ella sido escripta por Séneca e sim por Curiacio Marteno, que vivia no seculo I da nossa era. E' uma peça fria e declamatoria. Mesmo no momento em que, segundo os dados fornecidos por Tacito, Octavia parte para o exilio, onde deve encontrar a morte, ella só se exprime por antítheses e sentenças declamatorias. Ha uma scena bellissima entre Séneca e Nero, na qual o philosopho diligencia deter o seu discipulo e lhe aconselha que assegure o throno mais pelo amor dos seus vassallos que pela violencia.

Como os romanos, Séneca possuia um genio pratico. As suas idéas sobre a humanidade eram generosas. Reconhecia no escravo um homem igual aos outros pela sua natureza. Não queria que ninguem vivesse só para si; condemnava o odio e a vingança.





A expiação

*Eu fui um dos da pristina legião
Dos Anjos, que se ergueram contra o Eterno,
E seculos sem fim vivi no Inferno,
Nos supplicios da eterna maldição.*

*Um dia, um pensamento de perdão
A mim desceu, como um clarão superno:
Bati as azas negras e do Averno
Me alei tremendo á divinal mansão.*

*Foi-me, ao principio, todo o ceu adverso:
Mas, piedosa, por mim rogou Maria,
Ao ver-me triste, em minha dor immerso.*

*«Baixa, me disse o Padre, á Terra fria?»
Teus dias passa a amar, em prosa e em verso,
E assim teus crimes miserando expia!»*

Sarau memoravel

Pode denominar-se, sem exagero, de memoravel, a festa que no dia 2 de abril a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, esposa do subtil poeta e illustre director do *Diario de Noticias* offereceu em sua casa, no antigo palacio do marquez de Funchal, a S. Vicente.

Relata-a pela seguinte fórma um dos nossos mais elegantes e espirituosos chronistas:

Organizado com um character essencialmente artistico e litterario, o programma que foi rigorosamente cumprido, obteve uma execução a todos os respeitos primorosissima. Raras vezes em palcos particulares se terá visto representar com mais correcção e mais intuição artistica, e era opinião unanime de quantos teem assistido a saraus d'este genero que o d'essa noite egualou os que de si deixaram mais brilhantes memoria e mais agradaveis recordações. Não é facil, effectivamente, reunir um conjunto mais completo de amadores, com as extraordinarias facultades e as superiores aptidões para a scena, que se conjugam nos interpretes do variado e interessante programma da festa de que damos noticia. Além da dona da casa, que mereceu de distinctissimos homens de letras e de technicos do theatro, a apreciação de que nenhuma artista professional a excederia, quer na com-

prehensão das personagens, quer no jogo physionomico, quer na pureza da dicção, quer na perfeita segurança com que piza o palco, quer emfim no raro timbre da voz, que obdece a todas as modulações, e que no *Solo de violino* teve uma verdadeira

prova de exame, vencendo triumphantemente as difficuldades d'uma emissão forçada e contrafeita, além da dona da casa — dizia-mos — todos, sem uma nota discordante, concorreram para a admiravel harmonia do conjunto.

E, como é de justiça — pois *à tout seigneur tout honneur* — citaremos em primeiro logar as sr.^{as} D. Maria Emilia Macieira Lino e D. Alda dos Santos Lino, cujos nomes, por tantos motivos já tão justamente glorificados em assumptos de arte, mais uma vez receberam ante-hontem o merecido applauso em calorosas e espontaneas ovações, que pre-

miaram os seus variados e apreciadissimos trabalhos. Não se pôde representar com maior naturalidade, com mais correção e finura, com mais elegancia e brilho do que o fizeram as duas gentilissimas interpretes do *Juizo de Paris* e do *Quatorzième convive*. Como não pôde exceder-se a graça e desenvoltura da primeira d'aquellas senhoras e a distincção e o encanto da segunda na admiravel mimica *O Antiquario*,



DR. ALFREDO DA CUNHA

Auctor das quadras cantadas pelos coros no quadro «Serenata em Coimbra»

que Raul Lino compoz e encenou com um gosto, um esmero, uma pericia e um talento que fazem a reputação de um artista de *élite*.

N'esse quadro, que constituiu um dos melhores attractivos da noite, além dos três interpretes já citados, tambem tomaram parte

D. ALDA DOS SANTOS LINO

(Grande retrato Watteau da mimica
«O Antiquario»)

D. MARIA A. COELHO DA GUNHA

(Maria, na interessantissima comedia
«Juizo de Páris»)



D. MARIA E. MACIEIRA LINO
(Condessa, na comedia
«Juizo de Páris»)

D. MARIA ADELAIDE COEIHO DA GUNHA
(No «Solo de violino»)

D. ALDA DOS SANTOS LINO
(Laura, na comedia
«Juizo de Páris»)

a sr.^a D. Christina Decken dos Santos, que admiravelmente desempenhou a sua parte de visitante amadora de obras de arte, e as sr.^{as} D. Laura Sasseti, D. Esther e D. Olga Buzaglo, que deram todo o realce da sua não vulgar formosura aos lindissimos qua-

dros que enriqueciam as paredes da loja do velho Antiquario. E se algumas scenas desta mimica devem ter especialização, é justo salientar a do acordar da figura Watteau (D. Alda dos Santos Lino) seguida da seducção da Estatua (José Coelho da Cunha)

GRUPO DOS SOLISTAS

(D. Maria^{E.} Moreira Lino, Rodrigo Franco Affonso e coros do quadro «Serenata em Coimbra»)



D. MARIA ADELAIDE C. DA CUNHA

JOSÉ EDUARDO COELHO DA CUNHA

D. EMILIA MACIEIRA LINO

(No estudante de Coimbra) (O visconde, na comedia «Juizo de Páris»)

No «Antiquario»

e terminada por esse delicado esboço de valsa, executada com uma arte impecavel, e a da allucinação do Antiquario, ao regressar ao seu *bric-à-brac*, muitissimo bem feita pelo sr. Raul Lino, que apresentou uma optima caracterisação. Não sendo menos digno de elogio o modo como as restantes interpretes se apresentaram vestidas a rigor, de accôrdo com a época e o caracter das personagens que representavam.

O trabalho da estatueta, que era principalmente o da immobilidade, mereceu os applausos geraes, que tambem lhe foram dispensados pela fórma como acompanhou a figura Watteau na scena da seducção a que já alludimos.

Nos monologos, a sr.^a D. Maria Antonia Diniz, que é uma *diseuse* de notaveis aptidões, fez ouvir uma encantadora composi-

ção de Campoamor *Como rezan las solteras*, que causou a mais agradavel impressão, quer pelo valor deste mimo litterario, quer pelo do desempenho, que foi primoroso; e o primoroso escriptor dramatico Eduardo Coelho recitou com inexcédivel graça, além do *Cahos Universal*, dois outros monologos do repertorio de Coquelin, que transmitiram á assistencia o bom humor de que são impregnadas aquellas composições.

Devemos citar como interpretes que concorreram poderosamente para o bom exito da festa, os srs. Eduardo Coelho e José Lino Junior, que no *Quatorzième convive* desempenharam os papeis de «Bocantin» e «Auguste Vergoin» por fórma superior a todo o elogio e como verdadeiros profissionaes de theatro, conhecedores dos segredos do tablado.



D. MARIA ANTONIA DINIZ

Que disse o monologo de Campoamor
«Como rezan las solteras»



O ANTIQUARIO

«Mimica em um acto, adaptação do «Amour de bibelots» de Mrs. Roger d'Abrecourt e Henri Gerbault)

Os trajes e as caracterizações de «Madame Bocantin» (D. Maria Emilia Lino) e «Marion» (D. Alda Lino) eram tambem de um grande comico, havendo ambas estas senhoras sacrificado generosamente ás exigencias dos seus papeis a belleza dos seus dotes phisicos.

Terminou a «soirée» com um quadro mimado — *Serenata em Coimbra* — em que fizeram ouvir-se a solo, a sr.^a D. Maria Emilia Macieira Lino, cujo altissimo valor como cantora a colloca muito acima das responsabilidades que a musica de um simples fado lhe impunham, mas que se prestou muito amavelmente, não só a cantar esse solo como a ensaiar os coros; e o sr. Rodrigo Franco Affonso, uma das mais lindas vozes de tenor e um dos mais delicados cantadores de fado que tem passado por Coimbra.



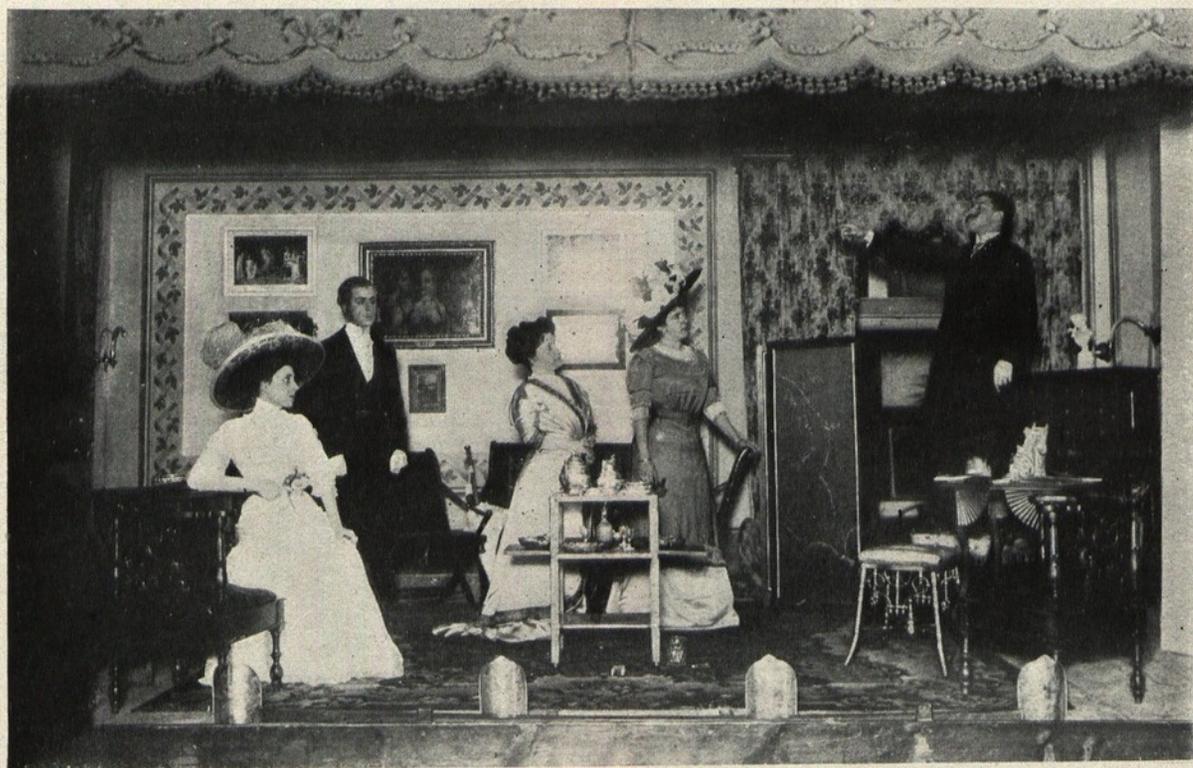
D. ESTHER BUZAGLO

(Um dos retratos da mimica «O Antiquario»)

Não pôde descrever-se o encanto despertado por este quadro, em que tomaram parte, quanto á mimica, além do filho dos donos da casa, José Eduardo Coelho da Cunha, applicado estudante do primeiro anno de direito e o sr. Fernando da Motta Cardoso, que já na pequena rabula da comedia *Juizo de Paris* mostrara quanto lhe são familiares os trabalhos theatraes, e que tambem se incumbira da difficil missão de contraregra.

Os dois solistas foram primorosamente acompanhados pelos coros, em cuja composição entraram as seguintes senhoras:

D. Adelina Guimarães, D. Alda dos Santos Lino, D. Alice da Fontoura Rivara, D. Alice da Terra Vianna, D. Cecilia da Fontoura Rivara, D. Cecilia da Terra Vianna, D. Christina Decken dos Santos, D. Iso-



JUIZO DE PARIS

Scena final da comedia em um acto, em verso, de Alfredo da Cunha
Visconde — De cima d'este banco eu vou sentenciar
como um juiz num throno! Oh! Páris, vae julgar!

lina da Motta Cardoso, D. Laura Sasseti, D. Leonor da Fontoura Rivara, D. Luiza da Motta Cardoso, D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, D. Maria Antonia Diniz, D. Maria das Dóres Cardoso de Castilho, D. Maria Luiza da Costa Neves, D. Mariana Cardoso de Castilho, D. Octavia Sasseti e D. Sarah da Motta Cardoso.

E os srs. Antonio Caldeira Coelho, Antonio Felix da Costa, Antonio Horta e Costa, Caetano da Costa de Macedo, Fernando Manuel da Motta Cardoso, Frederico Navarro Hogan, Jayme Mikaleff Santos, José Eduardo Coelho da Cunha, José Thomaz Coelho, Leopoldo de Oliveira Pires, Luiz Folque, dr. Manuel da Motta Cardoso,

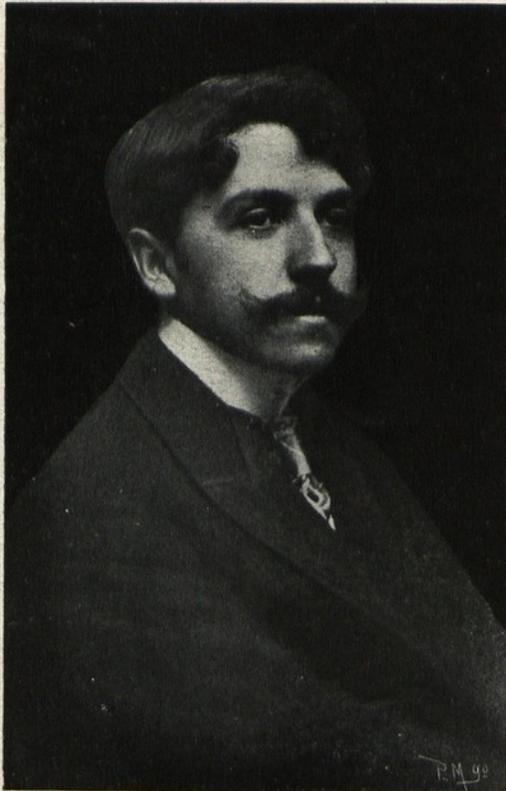
e D. Pedro da Costa de Sousa de Macedo (Villa Franca) num admiravel conjunto.

Para que maior realce ainda tivesse este formosissimo quadro, o sr. dr. Manuel Ferreira Cardoso, amator distinctissimo que na flauta póde competir com os mais notaveis artistas, quiz causar a surpresa gratissima de acompanhar as guitarras, o que produziu o mais delicioso effeito.

Fechando esta reseña, cumpre-nos fazer referencia á ornamentação das principaes salas, da qual, por muito penhorante gentileza para com os donos da casa, quizeram incumbir-se o grande e incomparavel mestre que se chama Columbano Bordallo Pinheiro e o nosso querido amigo e collega



D. OLGA BUZAGLO
(Um dos retratos da mimica
«O Antiquario»)



RAUL LINO
(Enscenador e protagonista da mimica
«O Antiquario»)



D. CHRISTINA DECKEN DOS SANTOS
(A visitante amadora
da mimica «O Antiquario»)



FERNANDO MANOEL DA MOTTA
CARDOSO

(Um dos estudantes da «Serenata
em Coimbra»)

distincta senhora allemã, filha do grande es-
criptor de arte, Haupt, e o correcto desem-
penho do papel de visconde, na comedia em

Manuel
Emygdio
da Silva,
alma de
artista em
que o sen-
timento do
mais refi-
nado gosto
por tantos
modos se
revela e
afirma.

E' ainda
de justiça
mencionar
o acompa-
nhamento
ao piano
do quadro,
o *Antiqua-
rio*, por
mademoi-
selle Anne
M. Haupt,

debaixo de um postiço e farto bigode louro,
deu á personagem a desenvoltura, a leveza,
a elegancia e a distincção que ella exigia,



D. LAURA DE FREITAS BRANCO SASSETTI

(Um dos retratos da mimica «O Antiquario»)

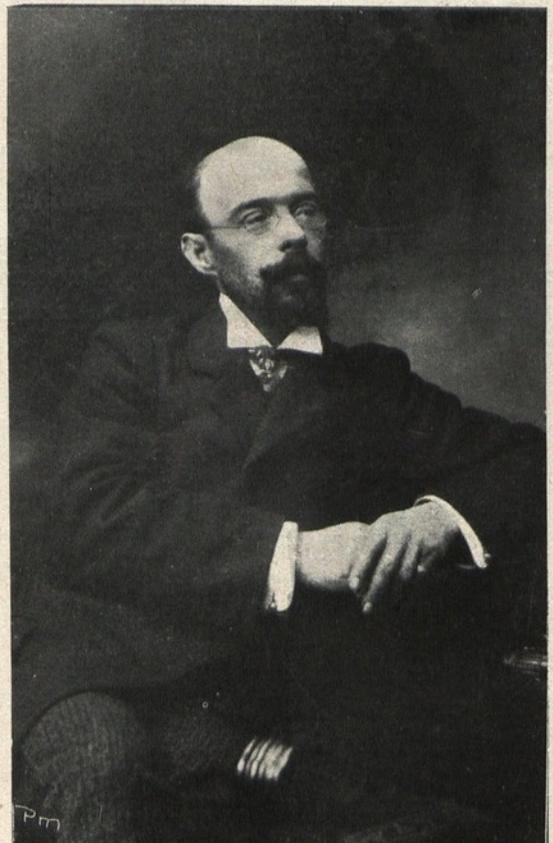
concorrendo assim na sua execução e para
que o desempenho da comedia fosse, no
seu conjunto, tão perfeito como harmonico.



RODRIGO FRANCO AFFONSO

(Que cantou a solo no quadro «Serenata
em Coimbra»)

verso do dr. Alfredo da Cunha — *Juizo de
Paris* — papel confiado ao filho do auctor.
O sr. José Eduardo Coelho da Cunha, que
disfarçava o ligeiro buço dos seus 18 annos,



EDUARDO COELHO

Mr. Bocantin em «Le Quatorzième Convive»

Tudo quanto se possa escrever ácerca da suprema distincção e formosura das senhoras que tomaram parte neste sarau, do entusiasmo e do fogo sagrado que as animava para imprimirem maior realce ás diversas partes do artistico programma, da actividade, bom gosto e galhardia dos homens, tudo é pouco e apenas dá uma pallida idéa do que foi essa noite deliciosa.



JOSÉ LINO JUNIOR

(Auguste Vergoin, da comedia «Le Quatorzième Convive»)

Damos em seguida algumas das quadras cantadas pelos coros no quadro *Serenata em Coimbra* e devidas ao estro inspirado do Dr. Alfredo da Cunha:

I

Cantando magoas, espalha-as
A minha alma num momento:
Ellas são eguaes ás palhas
E o cantar igual ao vento.

São assim as minhas magoas
Como as pennas d'ave, leves:
São como a espuma das aguas,
Passam ligeiras e breves.

O mesmo não acontece
A's penas que me tens feito,
Pesam tanto que parece
Que trago arrobos no peito.

II

Cigarra, que passa a vida
Noite e dia em seus cantares,
Não dá no peito guarida
Nem á dôr nem aos pezares.

Querem agua como as plantas
As magoas dos infelizes;
Se tu choras e não cantas,
Criam-te as magoas raizes.

Que o choro não afugenta
Do peito meu a amargura,
Quem mais chora mais augmenta
Os males que não têm cura.

III

Não ha sol de menos dura
Que o amor duma mulher,
Nem ha flôr mais sem ventura
Do que a flôr do malmequer.

O primeiro é sol d'inverno,
Lindo sol enganador,
Quanto mais quente e mais terno,
Menos lhe dura o calor.

O malmequer esfolhado,
Diga mal ou diga bem,
Engana e anda enganado,
Não fala certo a ninguem.

IV

«Amor com amor se paga»
O velho rifão ensina:
«Amor com amor se apaga»
Leram-me um dia esta sina

Por isso, sem uma queixa,
Deito o coração ao largo,
Que o amor apenas deixa
Saudades de gosto amargo.

As minhas penas espalha-as
Meu triste peito cantando:
Ellas são eguaes ás palhas
Que vae o vento espalhando.

A festa terminou de madrugada, tendo o baile principiado ás duas horas, após uma ceia profusa e delicada. Os convidados conservarão durante muitos annos intensas saudades d'essa festa memoravel.

Mysticismo christão

I

A morte de Jesus

*O Poente é côr de sangue. E na penumbra
Crepuscular a noite estende o véo...
Um lucilante trémulo deslumbra
N'um alarme vermelho e rasga o céu.*

*A Noite avança. Os soes são como prégos
N'uma bandeira rota immensa e rara...
Mergulho os olhos pelo escuro, cegos,
Emquanto os corvos grasnam na méhára. (*)*

*N'este momento o Tragico Maldito
Ergueu a vista ao pállio do Infinito,
Como um doido nas horas do estertor...*

*Com lagrimas de prata a Lua, á flux,
Soluçava nos ais de afflictiva Dôr
E resava por alma de Jesus...*

II

O ágape de Cesar

*Nas taças de esmeralda e de escalonia
Riem labios a arder côr de rubim...
Dos candelábros alvos de marfim
A luz entorna jorros de sardonía...*

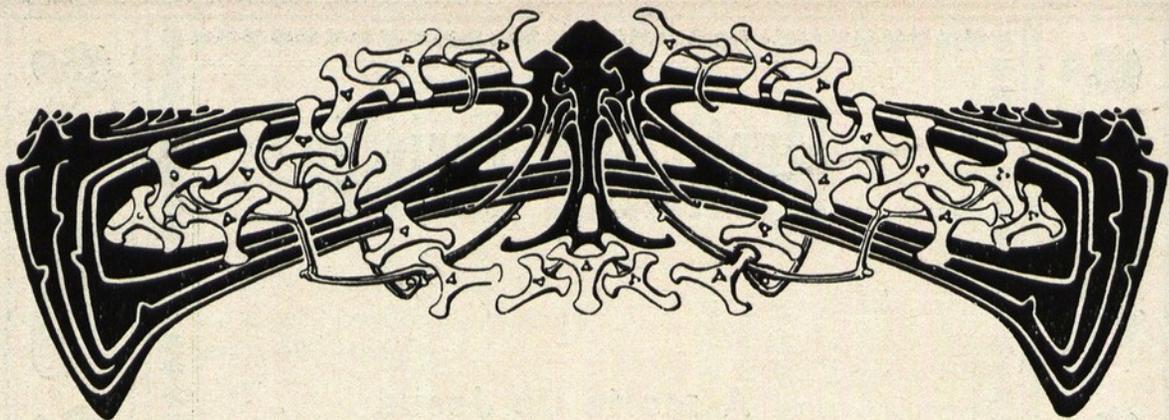
*O Cesar canta. A cythara de Homero
Treme nas suas mãos. Saltam jograes
Ao flammejar do forte reverbero
Dos lucidos crystaes.*

*Vae em meio o festim. A febre escalda...
N'isto a face do rei vermelha e jalda
Ebria de medo, commoção traduz...*

*E' que teve a visão de olhar em frente
Nimbado de oiro e sol resplandecente
O espectro ensanguentado de Jesus...*

(*) Méhára—cemiterio hebreu.

Eduardo Metzner.



OS BOERS DO CABO

A união sul-africana e as festas de proclamação



UANDO em 12 de maio de 1847, José Albasine informava José Antonio da Silveira, ao tempo governador da bahia de Lourenço Marques, do que era esse estabelecimento de hollan-

deses africanos nas immediações do porto do mesmo nome, possuíam os ingleses unicamente, de facto, duas possessões no sul da Africa: a Colonia do Cabo, de que se tinham apoderado, por ultimo, em 1806 e a do porto do Natal que fundaram vinte annos depois.

Era ácerca da republica do Orange que Albasine dava noticia, ou melhor, *da cidade de Andries Orig, nome este derivado do nome de um dos seus chefes que se chama André.*

Não sabia o governador Silveira se a cidade dos hollandeses ficava ao norte, ao sul, ou a oeste da bahia, e Albasine informava que ella estava ao Noroeste de Lourenço Marques e dizia-lhe da Constituição do seu governo, da extensão do seu territorio que, parecia, occupava *tanto terreno, quanto é preciso para oito a nove mil pessoas, com gado vaccum, . . . e outras qualidades de criação*, numero aquelle de homens que poderiam apresentar em caso de guerra; etc.

E' muito interessante este documento e o que se lhe segue de Avelino Xavier de Me-

nezes, os quaes abrem a collecção da *Parte não official* da Serie I dos *Annaes do Conselho Ultramarino.*

D. João II ao saber que Bartholomeu Dias dobrava aquella grande ponta de terra ao sul de toda a Africa como que a indicar que, para além d'ella, mais mundo havia, deu-lhe o nome de Cabo da Boa Esperança.

O destemido navegador — de quem, ha pouco ainda, tão pouco se sabia (1) — ao passar aquelle extremo, accossado por violenta tempestade, chamara-lhe Cabo das Tormentas como se prevésse a sua perda ali.

Cabo tormentoso tambem nós lhe chamamos, por que com elle se iniciou a perda para os portugueses, de grande parte do territorio por nós descoberto em Africa.

Data de 1652 a colonisação dos hollandeses ao sul da Africa. Em 1795, porém,

(1) Cabe aqui referencia ao auctor de uma moderna monographia tendo por titulo o nome de Bartholomeu Dias e que, por iniciativa do seu digno secretario geral o sr. conselheiro Ernesto de Vasconcellos, a Sociedade de Geographia publicou. Nessa monographia apparece pela primeira vez o brazão de B. Dias, provando-se assim a sua ascendencia nobre. Pena é que o illustre A. do referido trabalho occultasse modestamente o seu nome nas duas iniciaes A. L. o que nos priva de lhe prestar publica e merecida homenagem.

os ingleses apoderaram-se da colonia. Em 1802, em virtude da paz de Amiens, os hollandeses recebem outra vez a colonia do Cabo, que, em 1806, os ingleses retomam. Então os hollandeses internam-se mais no continente e fundam a Republica do Orange em 1837, a do Natal em 1840 e a do Transvaal em 1848.

Em 1828 os ingleses tinham estabelecido um porto no Natal.

Com taes precedentes comprehende-se facilmente a enorme rivalidade que sempre existiu entre hollandeses e ingleses na Africa do sul — rivalidade que deu em resultado a guerra de 1900 — lucta tremenda na qual, de ambos os lados, houve que exalçar. Foi o baptismo d'aquelles colonisadores que bem mereceram então a conquista do solo em que habitam!

A Inglaterra assim o comprehendeu e ainda hoje não ha quem lhe dê lições de colonisação. Enche de admiração o facto da cedencia de uma Constituição ao Transvaal pouco tempo depois da guerra. E agora a metropole orgulha-se d'essa União que, em breve, se proclamará solememente em Pretoria.

A 31 de maio, na Africa do Sul, inaugurar-se-ha uma nova Confederação de Estados, semelhante á do Canadá, á da Australia, á da Nova Zelandia, todas filhas da mesma Patria, vivendo autonomas *de si e para si*, na phrase de um colonial português.

Cheia de confiança no futuro, caminhará com os seus homens, sem peias a perturbar-lhe o progresso. E essa União celebrar-se-ha ruidosamente.

Assim o programma das festas, que temos presente, o annuncia. Durará quatro dias a commemoração historica, porque os ingleses não perdem a oportunidade de fazer viver a historia em todos os seus grandes actos festivos. Tão fielmente quanto possivel resurgirão os factos historicos mais notaveis do Cabo da Boa Esperança durante o lapso de tempo que medeia lutar o *first day's pageant* e o *fourth day's pageant*.

Os espectaculos nos quatro dias dividem-se, para a Commemoração, em episodios e

estes em incidentes. A descoberta do Cabo, as scenas selvagens dos nativos, a côrte de D. João II, o assentamento do Padrão, testemunhando a descoberta, a partida de Belem das naus de D. Vasco da Gama, e um grande cortejo dos personagens que visitaram a Africa do Sul durante o periodo português taes como Pero d'Alenquer, Pero Dias, João da Nova, Francisco d'Almeida e muitos outros constituem os dois primeiros episodios.

Segue-se a visita dos primeiros navios ingleses e a chegada do hollandês Joan Van Riebeeck, governador.

O segundo dia começará com o episodio do desembarque de Van Riebeeck e da scena, em que para dar o exemplo, elle tira doze cestos de terra do fosso que se excava para o forte, e regulamenta — para quem quer que seja que ali passe, homem ou mulher, rico ou pobre — que ajude a acarretar com um cesto de terra, no intuito de acclerlar as obras do castello. Presencear-se-ha factos da vida social do Cabo durante o governo de Van Riebeeck. E a commemoração d'este dia terminará com o cortejo de todos os personagens importantes do periodo hollandês.

O terceiro dia representará o periodo britannico: A capitulação do Cabo, a sua vida social no seculo xvi, os colonos de 1820, a supressão da liberdade d'imprensa, a cavalgada do rei Dick (1842), a revolta contra os degredados (1849), a chegada da Constituição (1853), a reunião do primeiro Parlamento, a proclamação da soberania do Orange, e o cortejo representando typos do periodo britannico.

Finalmente no quarto dia gosar-se-ha o grande cortejo em que figurarão personagens portugueses, hollandeses, ingleses, a legião allemã e os pioneiros da Rodesia, incluindo todas as figuras principaes da historia do Cabo.

O quadro final allegorico representará a realisação da União.

Como isto tudo é extraordinario! Que differença, por nosso mal, fazemos nós, d'elles!

CONVALESCENTES e todos os que necessitem **fortificar o organismo e especialmente o sistema nervoso**, curam-se tomando

Somatose

em pó e liquida (de gosto doce e secco).

Vende-se nas *pharmacias e drogarias.*



Senhoras em evidencia

Arte e galhardia

De ha muito se perdeu entre nós a tradição gloriosa da alegria dos salões e raro é a festa que consegue despertar um interesse mediocre na nossa sociedade que se diverte, que arranca da existencia tudo quanto ella póde dar de consolador e espiritualmente bello. A vida cara do nosso tempo, requintadamente exaggerada nas suas exigencias, tornou quasi impossivel a resurreição da vida aristocratica do mundo elegante, que no periodo romantico prendeu ao dourado dos seus salões, á luz branda das suas noites de festa, o melhor e mais ardente quinhão das suas paixões, toda a sua psychologia amorosa e apaixonada, alimentada nas tristezas de Musset, escurrida em versos sentimentaes e piegas. Mas era sincera essa sociedade que sabia amar e sabia viver, e de cujo desaparecimento ficou como que uma vaga saudade e a nostalgia do passado nas festas faustuosas do nosso tempo.

De vez em quando, como que para se não olvidar essa tradição, nos nossos salões elegantes surgem, de surpresa, festas maravilhosas de bom gosto e arte, *marcando no carnet azul* uma data feliz. Foi o que aconteceu

ha pouco com a deslumbrante e opulenta festa offerecida pela sr.^a D. Maria Rita Telles de Vasconcellos, ás pessoas das suas relações e amizade, no seu elegantissimo palacete da Praça do Príncipe Real.

De ha muito que esse prodigioso certamente de bom gosto e arte vinha sendo annuciado e sobretudo desejado, procurando todos á porfia ser incluídos na lista dos felizes que a ella fosse dado assistir.

E não lhes errou a expectativa. Não se apagará tão cedo da memoria dos que puderam gosar essa ventura, aquella festa que justamente se poderá considerar gloriosa para as tradições da sociedade elegante de Lisboa, e mórmente do nome illustre que a ella presidiu. Festas a - sim, servem para demonstrar á saciedade, o valor intellectual e a bizarra fidalguia de quem as organiza, se de ha muito não fossem so - bejamente conhecidos, os dotes de intelligencia e bom gosto, que exornam o caracter da distincta senhora a quem os *Sérões* hoje prestam a homenagem muito espontanea e sincera do seu apreço e da sua admiração.

A concorrência a essa festa, que foi verdadeiramente extraordinaria, e a distincção dos numeros que constituiram o seu programma, tornam-na inolvidavel. O elegante «minuete» de Mozart, o riquissimo «cotillon», a recita interessantissima, a musica, as flôres, a riqueza



D. MARIA RITA TELLES DE VASCONCELLOS
PIGNATELLI DA GAMA LIMA

das *toilettes* e a fidalga gentileza com que a todos recebeu e captivou a illustre e intelligente senhora, concorreram para dar um raro cunho de grandiosidade á festa que illuminou com os dourados da phantasia mais caprichosa, as côres vivas dos seus elegantissimos salões.

Dr. José Maria Rodrigues

Lente dos mais eruditos da Universidade e do Curso Superior de Letras, polemista que se bateu com o mais terrivel polemista do nosso tempo, com o grande Camillo Castello Branco, é um escriptor dos mais vernaculos, um orador elegante e fluente, um espirito cheio de luz e uma alma repleta de bondade.



Quando foi reitor do lyceu de Lisboa, adoravam-no as creanças e veneravam-no os paes.

A ultima obra de José Maria Rodrigues, *Camões e a infanta D. Maria*, só por si basta para fazer a reputação de um investigador e de um commentador illustre entre as mais illustres. A somma de trabalho que esse estudo representa, é assombroso, e a vastidão dos conhecimentos litterários e scientificos que revela constitue um verdadeiro prodigio.

Chronica da moda

As *toilettes de verão*. — A grande evolução porque passaram os *casacos*. — As saias «*étranglees*». — Uma visita ás modistas francezas, que estiveram ultimamente em Lisboa. — Descrição das *gomas «toilettes»*. — Os bordados da Madeira fazendo sensação este anno. — As gollas altas postas de parte. — Os chapéos. — As «*toques*», etc.

É preciso pensar nas *toilettes de verão*. Vamos pois tentar a melhor maneira de illucidar as nossas gentis leitoras no que será a moda da estação.

As principaes casas da capital, como *Chamusco*, *Serra*, *Paris em Lisboa* e outras, que tivemos occasião de visitar, para melhor colhermos informações exactas para esta chronica, teem verdadeiras maravilhas em novidades.

Os tecidos levissimos, d'uma belleza encantadora, farão a inveja dos que, por circumstancias imprevistas, os não possam uzar. São de uma grande simplicidade, empregando-se muito para vestidos de passeio *surah pongée*, o *foulard*, a *cassa* e os praticos linhos brancos e de côres finissimas, que dão a quem os usa um raro cunho de verdadeira elegancia.

Os feitios são variadissimos e muito bonitos continuando a vêr-se nos centros mais *chics*, os vestidos *tailleurs*, sobretudo em sêdas ligeiras.

Os casacos passaram por uma grande evolução. Deixaram de ser aquelles desgraçados casacos compridos, escondendo por completo as figurinhas gentis das nossas elegantes, para se transformarem agora em pequenas *jaquettes*, ou elegantes *kimonos*, ou ainda nos *blusões russos*. Os vestidos inteiros continuam a uzar-se, mas menos em feitio *princesse*.

Agora todos os vestidos marcam bem a cintura, não muito comprida, mas definida. As saias *corselets* ainda se vêem muito, sobretudo para *toilettes* ligeiras. As saias *étranglees*, que estão fazendo verdadeiro successo, são muito bonitas e teem pelo menos novidade. Não concordamos com o que ha pouco lemos a respeito destas saias, *que eram pouco elegantes, dando mau andar*. Não é esta a nossa opinião: embora essas saias sejam justas não devem nunca prender os movimentos.

Sendo assim tornam-se graciosas e muito bonitas.

Tivemos ha pouco occasião de deliciar os nossos olhos, visitando umas modistas francezas, representantes de duas importantissimas e elegantes casas *parisienses*, que estiveram em Lisboa.

Que maravilhas de arte e que simplicidade encantadora nas *toilettes* que apresentavam! V. Ex.^{as} por certo não fazem uma pequena idéa, a não ser que tivessem tido o bom gosto de visitar o atelier daquellas modistas.

Traziam um completo e variado sortido em grandes *toilettes*, meias *toilettes*, *toilettes* de passeio e ainda os praticos *trotteurs*, todas duma elegancia verdadeiramente excepcional.

As saias d'estes ultimos vestidos apresentavam grande novidade para o nosso meio. Em vestidos *habillees* vimos de preferencia os tecidos leves. As ondas de chiffons de rendas, gazes, tulles, entremeadas de fitas *pompadour*, os *chous* de tulle em côres diversas era o que predominava em *toilettes* d'este genero. Num vestido de *cassa* finissima e rendas, d'uma elegancia deslumbrante, havia uma *écharpe* de gaze côr de rosa, a toda a largura, presa num hombro, por um lindo *cabochon*, indo despenhar-se na cauda do vestido, igualmente presa por outro *cabochon*.

Um outro vestido de tulle branco e rendas *valenciennes*, sem golla, formando elegante *tunique*, tendo por unico enfeite um *chou* de tulle preto do lado esquerdo, junto ao pescoço, outro no braço esquerdo, ainda outro no peito, conjunctamente com fita verde com pontas cahidas.



MADemoiselle LUISA DE MORNAND, DO THEATRO RENAISSANCE, DE PARIS
Toilette creada por Drécoll para a peça *Une femme passa...*

A fraqueza do corpo, debilidade dos membros, nervosismo das senhoras, dissipam-se por completo tomando **SOMATOSE**.

Vêm pois as nossas gentis leitoras como era cheia de originalidade esta elegante *toilette*.

Nos vestidos ligeiros, *cassas*, *linhos* e *cambraias*, vêem-se de preferencia os bordados *russos*, *slavos* e os nossos graciosos e simples bordados da Madeira, que estão fazendo este anno tanta sensação.

Estão postas de parte as gollas altas. Alegrem-se pois as nossas leitoras galantes, deixando para as mããs essas torturantes e incommodas gollas, para nos mostrarem os seus brancos e graciosissimos pescoços.

Num dos novos modelos evidenciam-se bem essas *collettes* com punhos eguaes, que tanto furor estão fazendo no mundo elegante e que se farão em *tulles*, *rendas*, *cassas* ou qualquer tecido fino, que se preste a ser pregueado.

Guardar-nos-hemos para o proximo numero falar sobre as variadissimas novidades em chapéos. Algumas casas como Mimoso, Serra, Pinto, Cardoso e outros, teem já recebido os seus sortimentos.

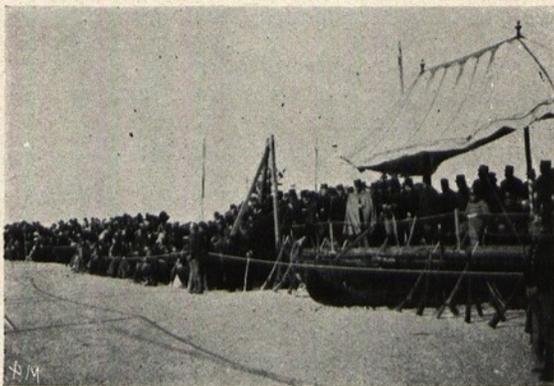
De todas estas casas póde dizer-se sem, receio, que nenhuma rivalisa com a casa Mimoso. Além das *avalanches* de chapéos, que todos os dias recebe, ninguem o iguala em *chic* e no *raffinement* do seu apurado gosto, trazendo para Lisboa tudo que em Paris ha de novidades sensacionaes.

Por hoje falaremos apenas sobre as *toques*, que são sempre o começo d'uma estação. A *toque* é a grande moda! Fazem-se em *taffetús*, palhas e crinas de diversos feitios, por ser o chapéo mais adaptavel a todas as *toilettes*. Para mais simples fazem-se em palha grossa, de duas côres e em *taffetá changeant*. Ha côres já combinadas, como o encarnado e azul, castanho e verde, azul e preto, entrelaçadas. Para estas apenas se applicam, como enfeites, um *chou* de *taffetá* ou *tulle*; são praticas e muito elegantes.

Temos agora as *habillees* que se devem fazer em crina, tambem em duas côres, e enfeitadas á *chantecler*, plumas e flôres.

Falaremos dos penteados muito breve e daremos ás nossas gentilissimas leitoras alguns conselhos sobre varios caprichos da moda actual.

Festa de engenharia



UM ASPECTO

Augusto Casimiro

A *victoria do homem* — pois assim se intitula o recente livro do delicado e ao mesmo tempo vigoroso poeta Augusto Casimiro — é mais uma pujante afirmação de quanto sentimento se contém na sua alma iriada das idéas



mais generosas, de quanta força existe no seu cerebro poderosamente equilibrado e orientado á moderna. Dos poetas da geração moderna é um dos mais fortes, dos que melhor comprehendem a sua missão, dos que mais fundo hão de vincar o seu nome nos annaes da nossa litteratura.

Ernesto Rodrigues

Ha poucos annos, quando Ernesto Rodrigues era um simples estudante, ninguem adivinhava que elle viria a ser um dos nossos comediogra-



phos mais chistosos. Comedia ou revista em que figure o seu nome, é garantia de exito para os lucros do empresario e de franca gargalhada para o publico.

Manoel de Oliveira Ramos

A sua modestia eguala o seu valor. Major dos serviços do Estado-Maior, professor do Curso Superior de Letras, foi convidado espontaneamente para ensinar ao assassinado príncipe Luiz Philippe, historia e litteratura. Traduziu varias peças para o theatro, mas é na critica de arte que a sua paciente e vasta erudição, o seu talenio de optimo quilate se tem patenteado com singular fulgor. Deveh o *Diario de Noticias* artigos e chronicas de extremo merecimento, devem-lhe os seus alumnos lições e conferencias que são um modelo de boa orientação scientifica e litteraria.



ziu varias peças para o theatro, mas é na critica de arte que a sua paciente e vasta erudição, o seu talenio de optimo quilate se tem patenteado com singular fulgor. Deveh o *Diario de Noticias* artigos e chronicas de extremo merecimento, devem-lhe os seus alumnos lições e conferencias que são um modelo de boa orientação scientifica e litteraria.

Ramos da Costa

O capitão-tenente da armada Ramos da Costa é um engenheiro e astrónomo de largos conhecimentos scientificos, que se desdobra num escriptor facil e conhecedor de todos



os requintes da profissão. Sabe amenisar os problemas mais aridos de mathematica dando-lhe uma fôrma singela e cheia de attractivos. E' o que acontece com o seu ultimo trabalho *O cometa Halley*, um livro precioso pelo que encerra de noções uteis e pela attrahente

fôrma como as desenvolve, livro editado numa edição primorosa pela livraria Ferreira e hoje quasi exgottado.

Esse livro illustrado com magnificas e elucidativas gravuras com diversos aspectos do cometa, com os re'atos de Edmundo Halley, de Max Wolf, dos interiores e exteriores de varios observatorios, com um texto em que historia pormenorissadamente a existencia d'esse vagabundo do espaço, tem obtido um magnifico exito de livraria.

Antonio Monforte

A maior e a mais justa homenagem que podemos render ao novo livro de versos de Antonio de Monforte. é transcrever do seu bello,



suggestivo, de quando em quando humoristico e sempre portuguez *Tronco reverdecido*, um dos seus sonetos, respigado ao acaso, porque verdade, verdade, e sem lisonja, se fossemos a escolher, transcreveriamos o livro todo.

Festas de verão

*Não ha villória ai p'la redondeza
que não festeje agora a padroeira
nessa sincera terra portugêsa
de quem do Ceu alcança quanto queira.*

*A phylarmónica estrondea, accêsa,
Nossa-Senhora corre a villa inteira
e a todos se annuncia com firmeza
o homem dos foguetes na dianteira.*

*Fogo. Arraial. Tourada. «A' unha! A' unha!»
— Eu sou, se fôr preciso, testemunha
do bem que se houve em tudo a mordomia...*

*De novo a música resôa: — ufano,
recebe a vara o que é juiz p'ra o anno
e logo em mil projectos principia.*

A edição, da Livraria Classica Editora, honra esse importante estabelecimento.

Theatros

S. Carlos.—Com a opera *Traviata*, de que fizemos larga referência no nosso numero anterior, despediram-se do publico de S. Carlos, a sr.^a Rosina Storchio e o tenor Carpi, deixando uma agradável impressão pelo relevo que deram ás diferentes operas em que tomaram parte.

O barytono Nani realisou a sua despedida com os *Palhaços*, e a sr.^a Judice da Costa com a *Africana* onde, de novo, patenteou os seus dotes de cantora distincta. Com a *Gioconda*, findou a presente época no theatro lyrico, sendo de justiça louvar a empreza Anahory pela fórma como conduziu os espectaculos no total de 76 recitas, e em que foram executadas as operas: *Aida* e *Gioconda*, 9 vezes cada uma; *Hänsel e Gretel*, 8; *Manon e Wally*, 7 cada; *Samsão*, *Damnation di Faust*, *Carmen* e *Fausto*, 5; *Viuva Alegre*, 4; *Traviata*, *Cavalleria Rusticana*, e *Rigoletto*, 3; *Africana*, *Othelo* e *Palhaços*, 2 vezes.

Ainda neste theatro, e em recita de caridade, representaram as educandas do Asylofficina de Santo Antonio de Lisboa, a conhecida opera-comica de Planquette, *Os Sinos de Corneville*, recita esta, que ficou memoravel pela correcção com que essas gentis crianças executaram a difficil partitura, sob a direcção do maestro Alfredo Mantua, a quem, por certo, cabe um bom quinhão das ovações que o publico lhes dispensou no decurso do espectáculo.

Com o mesmo brilho com que fôra, ha tempos, executada a *Grã-Duqueza*, se houve, nos *Sinos*, esse grupo de pequeninos artistas que, tanto na parte musical, como na dramatica, se evidenciaram de maneira tão distincta, que a assistencia, por vezes, rompeu em fartos applausos; e não era facil a tarefa, pois que, os *Sinos* é uma das operas comicas, que mais responsabilidades encerra, e nella diversas companhias, teem soffrido verdadeiros mallogros.

Os papeis de *Rosalina*, *Nicolau*, *Gaspar*, *Marquez de Corneville* e *Germana*, foram respectivamente desempenhados pelas meninas: Adeline Fernandes, Julieta Pitté, Adeline Azevedo, Sophia Gouveia e Gloria Ferreira, com bastante relevo, pelo que conquistaram, sem favor, carinhosas ovações, das quaes partilharam os srs. Henrique José Alves e Alfredo Mantua, que primorosamente as ensaiaram.

D. Maria.—Attentas as difficuldades que encontram os que escrevem para o theatro em apresentar theses novas, a critica tem que se limitar á apreciação da technica, de como a acção é conduzida, da fórma como as figuras se encontram descriptas nas suas linhas geraes, na firmeza dos seus caractéres num desenho claro e vivo, e na correcção e vivacidade do dialogo. Para o interesse que uma peça deve despertar no publico, é preciso dar-lhe o imprevisito, que deve achar-se, segundo a moderna dramaturgia, no desfecho da acção.

Não obedece completamente a estes requisi-

tos, a peça *Maria da Graça*, original dos srs. Urbano Rodrigues e Victor Mendes, mas é, sem duvida, um trabalho feito com honestidade e revela, da parte dos seus auctores, aptidões para futuras obras de mais folego.

O 1.^o acto é theatralmente bom; ha clareza na exposição e propriedade na linguagem; o 2.^o serve como traço de união, e o 3.^o é conciso como entrecho; e se a sua ultima scena tivesse uma feição original, se os auctores não tivessem as suas attensões presas a outras obras, o exito seria mais accentuado e vincariam os seus temperamentos artisticos, o que levemente esboçam nas primeiras scenas da peça. Quem dá, porém, assim um passo no theatro, deve cultivar o genero e procurar, em trabalhos subsequentes, o levantamento da arte nacional.

O desempenho da *Maria da Graça*, foi primoroso por parte de Ignacio, Lucinda Simões, Joaquim Costa, completando-o, n'um conjunto harmonico, os artistas: Cecilia Machado, Motilli, Carlos Santos, Christiano e Pinto Costa.

Em *reprises* subiram á scena as peças: *Os velhos*, *Um pae prodigo*, *Marquez de Villemer*, *Amôr á antiga*, e *Dolores*, que, ha muito, se acham consagradas, e para as quaes a critica, em diversas épocas, lhes tem prestado a sua devida homenagem. Pertencem ao numero das que honram o archivo d'um theatro, e hoje, como sempre, nunca é de mais fazel-as reviver; dos originaes portuguezes, o de D. João da Camara, *Os velhos*, constitue uma verdadeira joia theatral, onde o primor da litteratura se casa com a belleza scenica; foi escripta com o coração e alma d'um genuino poeta. Augusto de Mello, Ignacio, Joaquim Costa, Luiz Pinto, e Augusta Cordeiro, que, com estas *reprises* realisaram as suas festas artisticas, foram muito applaudidos e brindados por uma cohorte de amigos e admiradores.

D. Amélia.—Manda a bôa logica que se preste todo o apoio a quanto seja nacional. Entre nós, raramente o systema é seguido; a tudo quanto é estrangeiro, e agrinalda-se com um torvelinho de applausos e corre-se a escala dos adjectivos pomposos; ha mesmo como que uma desmedida protecção e uma opinião favoravel anticipada para o que nos vem de fóra seja qual fôr o ramo de commercio; e como isto não bastasse, para prejuizo dos que trabalham, deprime-se e afoga-se em críticas mordazes, o que é producto nacional, quando, em tudo e em toda a parte, ha bom e mau. D'este estado de coisas enferma, um tanto, a litteratura portugueza, que soffre tratos de polé, consoante as antipathias que inspiram os que escrevem. Só por uma grande fôrça de vontade e uma tenacidade desmarcada são vencidos, ás vezes, os obstaculos, que se levantam, e se triumpham d'essa forte corrente composta, em geral, dos que nada produzem, mas, que em compensação, são austeros e intransigentes na critica. E' claro, que em toda a parte, pullulam os severos, os maldizentes, mas como o nosso meio scientifico é bastante restricto, os effeitos fazem-se sentir com maior intensidade.

Não pensamos assim; uma obra deve unicamente ser apreciada pelo seu valor litterario, pelas suas qualidades instructivas, pelo que nella haja de observação, de real e de bello.

Assim na peça *Santa Inquisição*, ha a destacar a verdade e a belleza de estrutura. E' certo, que o campo está muito explorado, que, quer pela penna, quer pela palavra, os horrores do tribunal do Santo Officio, teem tido larga exposição, não havendo, crêmos, quem desconheça a serie de factos passados n'essa época, em que os processos inquisitoriaes mancharam de sangue as paginas da nossa historia; mas apesar do thema ser velho, a peça do sr. Julio Dantas é muito interessante, impondo-se pela sua primorosa linguagem e urdidura d'acção que, no desenho vivo das suas figuras, vinca com forte traço essa época de luto e dôr.

Todas as personagens concretizam um grupo que passou por este nosso torrão, deixando um sulco immorredouro na sua passagem;



JULIO DANTAS

umas, representam o typo da hypocrisia e da ignominia; outras, o das almas francas e abertas aos sentimentos puros; algos e victimas; o bem e o mal synthetizados numa successão de scenas, nas quaes sobejamente se revela o estylista e o dramaturgo.

Não só, porém, no valor da obra residu o exito que obteve, muito tambem elle foi devido aos trabalhos de scenographia, ao desempenho e propriedade com que a peça foi vestida. Augusto Rosa, no papel de cardeal, o inquisidor-mór; Azevedo, no de *Micer Gaspar*; Carlos d'Oliveira, no de *D. João*; José Ricardo, no de *Massem Judas Navarro*; A. Pinheiro, no de medico familiar do Santo Officio; Chaby, no de *Don Brisco*; João Silva, no de *Frei Marcos*; Angela Pinto, no de *Isabel Conti*; Jesuina Saraiva, no de bruxa, etc., foram d'uma extrema correção, traduzindo a idéa do auctor com inexcidível sobriedade.

Em seguida ás recitas da *Santa Inquisição*, realisaram-se os concertos da orchestra philarmónica de Munich, dirigida por Joseph Lassalle, cujos programmas foram exhibidos com tal brilhantismo e colorido, que a assistencia se pronunciou em fartos applausos. A fama que a precedeu não tinha de facto, parcella de favoritismo, pois que, as diversas peças de musica, d'uma difficuldade comprovada, tiveram uma superior execução, sendo de toda

a justiça as ovações que recebeu o maestro Lassalle.

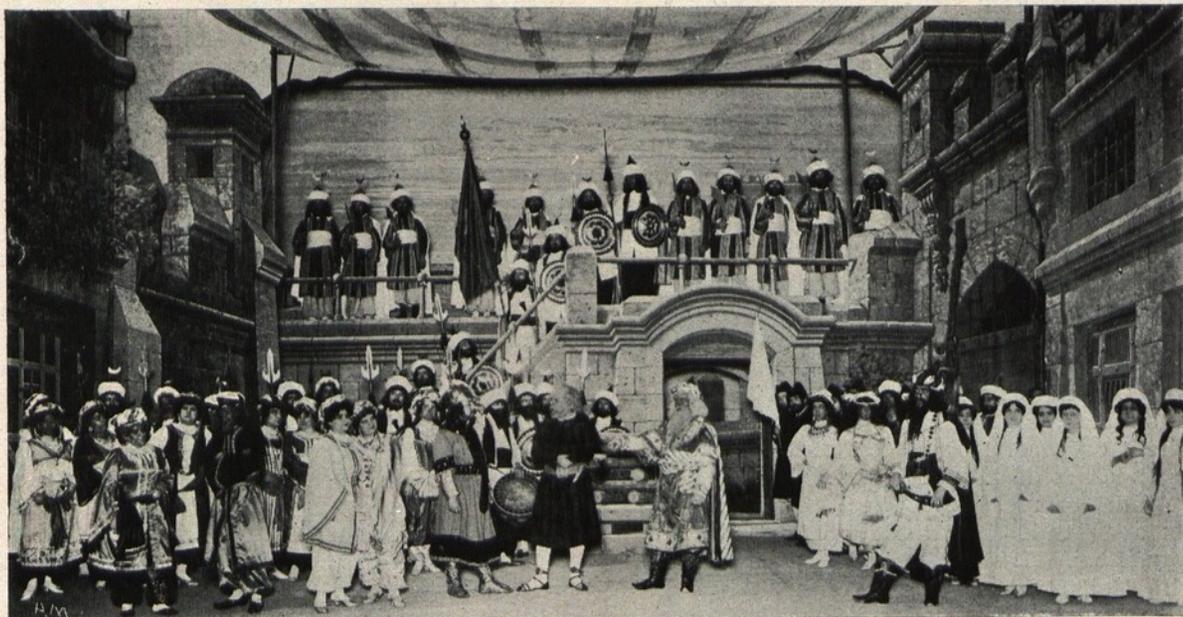
No proximo numero dos *Serões*, faremos a nossa apreciação sobre a peça *A primeira causa*, traducção do sr. Cunha e Costa e que subiu á scena em festa da distincta actriz Angela Pinto, que, nessa noite, recebeu a consagração a que tinha jus pelo seu talento; bem como nos occuparemos das recitas da companhia franceza que proporcionou aos *habitués* do D. Amelia, umas noites de boa arte.

Trindade. — Affonso Taveira, o intelligente empresario do theatro da Trindade, querendo significar quanta consideração lhe merecia a louvavel tentativa, de ha 19 annos, para a introdução da operetta nacional nos nossos theatros, fez reviver a *Moura de Silves*, que surgira após os retumbantes successos alcançados pelas operettas estrangeiras, de que tiveram mais nomeada: o *Boccacio*, a *Grã-Duqueza*, o *Barba Azul*, os *Sinos de Cornecille*, a *Mascotte*, e a *Noite e Dia*, levados á scena pelas empresas Francisco Palha e Mattoso da Camara. E então, como agora, a *Moura de Silves*, fez uma carreira brilhante, demonstrando cabalmente, que em Portugal havia quem, com brilho, cultivasse o genero, o que mais tarde, foi comprovado com as operettas de Gervasio Lobato e João da Camara, e musica do inspirado e saudoso maestro Cyriaco de Cardoso. Bem andou pois, Affonso Taveira, trazendo, de novo, á luz da ribalta, essa encantadora peça de Lorjô Tava-



LORJÓ TAVARES

res, com deliciosa musica de Guerreiro da Costa, o infeliz compositor, que falleceu dias antes da realização d'esta auspiciosa tentativa. Com Guerreiro da Costa, dormem tambem



THEATRO DA TRINDADE — FINAL DO 3.º ACTO D'«A MOIRA DE SILVES»

o somno eterno, os interpretes d'essa época, Joaquim Silva, Diniz, Augusto e Portugal, e existem: Queiroz, Cardoso Galvão, Amelia Barros, Mercedes Blasco e Blanche Barbe. A peça obteve novo successo, recebendo os novos interpretes: Affonso Taveira, Medina de Sousa, Maria Santos, Roldão, Augusto Conde, Gabriel Pratas, Antonio de Sá e Casimiro Tristão innumeros applausos.

Com esta mesma peça e um entre-acto, com o titulo, *Perde ou ganha*, se realisou uma festa promovida pelos amigos do velho actor Queiroz, que pela falta de vista, foi obrigado a deixar o theatro, onde, durante a sua longa carreira, dera um exemplo frisante de disciplina e correccão. O que foi essa festa, facil é calcular, visto o sem numero de amigos que o velho artista conta, dentro e fóra do theatro. Uma salva de palmas e ramos de flôres marcou a sua entrada em scena, e após o entre-acto, de que era auctor, e fóra escripto, como pretexto para Queiroz e Roldão cantarem uns lindos fados.

Obteve tambem, n'este theatro, um legitimo successo a operetta *S. A. R. O Principe Consorte*. D'ella nos havemos de occupar mais detalhadamente.

Gymnasio.—Em festa do actor Cardoso, uma das primeiras figuras do Gymnasio se representou a comedia *Contradansas do divorcio*, habilmente traduzida do allemão pelo sr. Freitas Branco, e que se não teve o successo d'outras do mesmo traductor, foi comtudo ouvida com geral agrado e era de molde, a que o beneficiado apresentasse mais um typo comico para a sua vasta galeria. Telmo e Judith, compuzeram admiravelmente as suas personagens, no que foram bem coadjuvados, por Alegrim, Vieira Marques, Laura Hirsch, Maria Lagôa e Ambrozina.

Abriu o spectaculo a interessante comedia

Guerra valente, original do sr. Julio de Menezes, peça de entrecho simples muito gracioso e que veiu corroborar as qualidades de comediographo que ha muito, distinguem o auctor.

Fez tambem a empreza d'este theatro *reprise* da linda comedia de Bisson, *Ciumenta*, traducção muito feliz, do estimado ensaiador Leopoldo de Carvalho, e que obteve fóros d'uma *première*, conferindo a este e aos interpretes os louvores que lhes eram merecidos.

Principe Real.—Continua em pleno successo a revista *Sol e Sombra*, que todas as noites chama ao theatro uma verdadeira romaria.

Avenida.—O grupo de artistas da qual faz parte a actriz Rentini e que segue viagem para a provincia, deu no Avenida uma recita com a operetta *Viuva Alegre*, ja muito conhecida, e que cahiu no agrado do publico pela musica inspirada de Franz Lear.

Rentini se, de facto, se não revela artista de grande valor na arte de representar, é comtudo, distincta na do canto, já pela sua voz, volumosa e d'um timbre agradabilissimo, já pelos conhecimentos que possui de boa escola musical. Foi, pois, esta recita com a *Viuva Alegre*, digna de registo pelo brilho que Rentini deu a toda a sua linda parte, devendo tambem citar-se o actor Barreiros, que muito eapacialmente no duetto do 2.º acto com Rentini, conquistou os applausos do publico.

Rua dos Condes.—Navega em mar de rosas a revista de João Phoca e André Brun, *Fado e Maxixe*.

Todas as noites enchenes á *cunha*, como se diz em linguagem de bastidores.

Colysen dos Recreios.—Honra seja feita ao habil e intelligente empresario d'esta vasta

e elegante casa de espectaculos, continuando no eu intento de proporcionar ás classes menos abastadas, o poderem apreciar os encantos musicaes, tanto da antiga como da moderna escola, a um tempo que lhes faz conhecer os segredos d'essa sublime arte, que, devido a elle, ha já alguns annos, se veem a de vender. E esse intento tem sido por tal fórma coroado do mais feliz exito, que todas as noites em recitas d'opera, o publico enche o theatro e com enthusiasmo applaude artistas e maestro.

Não é, em boa verdade, sem razão, que as ovações registam as recitas, pois que, este anno como os demais, o sr. commendador Antonio Santos, conseguiu reunir um bom grupo de artistas, alguns dos quaes rivalisam em merito os escripturados em outros importantes theatros do mundo lyrico.

Ainda, crêmos, estão bem patentes na memoria de todos, os distinctos cantores: Galvany, Rosa de Vila, Marchisini, Aceña, Ceccarelli, Modesti, Puiggener, Walter, Cardinali e outros, cujos nomes nos não occorrem neste momento, e que deram uma superior execução a diversas operas erichadas de enormes attrictos, e não pequenas responsabilidades. Mas se a maioria d'estes artistas não fazem parte do actual elenco, justo é, elogiar os que o compõem, pois que, nas operas a que nos vamos referir se tem evidenciado como conhecidos de boa escola de canto.

Foi, como em annos anteriores com a *Aida*, majestosa partitura de Verdi, encetada a época lyrica no Colyseu e o successo accentuou-se d'uma fórma notavel. A sr.^a Albertini na protagonista e a sr.^a Galau na parte de *Amneris*, arcaram muito bem com as responsabilidades da opera, tendo mesmo algumas passagens executadas com inexcedivel colorido. As suas vozes não muito volumosas, são bastante agradaveis e de firmeza nos agudos. O tenor Guisepe Mauro, o barytono Gueri e baixo Giral conquistaram igualmente bons creditos, dando bastante relevo ás suas difficeis partes, em especial o tenor que teve chamadas especiaes. Córos muito afinados, boa encenação e direcção orchestral.

Seguiu-se-lhe o harmonioso spartitto de Puccini, *Bohème* e nelle se accentuou os bons dotes artisticos da sr.^a Albertini, que na romanza do 1.^o acto da *Mimi* se patenteou, sendo muito applaudida, bem como a sr.^a Aceña, que com a sua conhecida desenvoltura e graciosidade, imprimiu extraordinario brilho ao papel de *Musette*. A parte do tenor esteve a cargo do sr. Mulleras, ao qual temos já feito referencias elogiosas pela sua voz potente e de facil emissão. O barytono Gueri no papel de *Marcello* e Genovés, no de *Schussard*, contribuíram poderosamente para

o exito da *Bohème*. Com o *Ernani* estrearam-se Dolores Grau, e barytono Molina que receberam do publico significativas ovações e se confirmou o merito do tenor Mauro, a que nos referimos na *Aida*. A orchestra, sob a direcção do maestro Mazzi foi igualmente bastante applaudida. Na suggestiva opera de Bizet *Carmen*, tiveram ensejo para se revelarem como bons artistas as srn.^{as} Aceña e Galau, o tenor Fomadas e o barytono Molina. A sr.^a Galau, que na *Aida* tinha já conquistado o elogio do publico, na *Carmen* foi talvez superior, tendo cantado a *habanera* e *seguidilla* do 1.^o acto, os duettos e a parte final da opera com muito colorido, merecendo a ovação que lhe foi feita. A *Tosca*, de Puccini, um dos encantos do nosso publico, e o *Baile de Mascaras*, de Verdi, tiveram igualmente as consagrações da enorme assistencia, confirmando o cuidado, que ao sr. commendador Antonio Santos, lhe merece a escolha dos artistas e a fórma de dirigir os espectaculos lyricos. — H. O.

Alfredo de Carvalho

Se não foi um dos vultos a quem a trombeta do *reclame* deu a categoria de *estrella fulgurante* da atmosphaera da scena, foi um dos mais intuitivos, e a prova é que, descendendo d'uma familia illustre, se não menospresou de



ALFREDO DE CARVALHO

descer ao tablado para onde a vocação o chamava, com todos os seus encantos.

Alfredo possuía o condão de alegrar os mais

tristes, fazendo afflorar o sorriso aos labios ainda os mais desbotados.

Viveu sorrindo e sorrindo morreu, como era de seu desejo.

A ultima vez que pisou o palco foi no Salão da Trindade, na tarde de 3 de abril, recitando o monologo *O Sonho*, de Alvaro Cabral, n'uma festa a favor do cofre da *Caixa de Pensões da Typographia do Anuario Commercial*.

Se não foi uma celebridade, foi sem duvida alguma uma entidade theatral que se não substitue facilmente.

Tauromachia

Começou sob os melhores auspicios a temporada taurina de 1910 em Lisboa.

Como é sabido, a direcção das corridas esta época está a cargo do distinctissimo aficionado Sr. Luiz Lacerda, socio da empresa da praça do Campo Pequeno, que se esmera na organização dos espectaculos e em satisfazer as exigencias sempre crescentes dos amadores do popular divertimento.



LUIZ LACERDA

Além dos principaes artistas portuguezes que tem contractados, conta ainda a empresa com a cooperação dos mais afamados matadores, como Antonio Fuentes, *Bombita*, *Machaquito*, *Gallito*, *Bienvenida*, *Regaterin*, e outros.

Alguns d'estes espadas devem apresentar-se com as suas quadrilhas completas de picadores e bandarilheiros.

A empresa apresentará durante a temporada touros dos principaes lavradores portuguezes, e tambem dois curros hespanhoes que serão lidados em corridas mixtas, além de uma corrida certamen com touros hespanhoes e portuguezes.

Com tal programma, não podemos deixar de felicitar a *afición* lisbonense, agourando á empresa Baptista & Lacerda uma época prospera, pois mostra bem querer servir o publico.

Centenario de A. Herculano

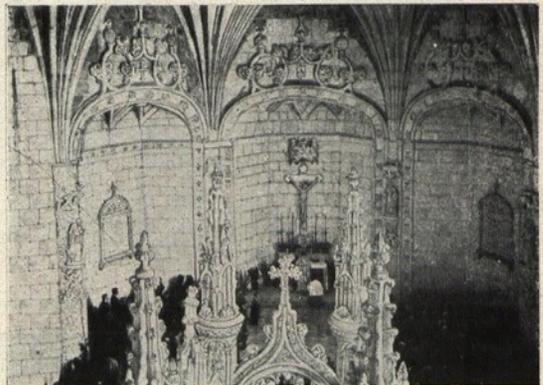
Se não teve toda a majestade compativel com a grandeza do enorme vulto que commemoravam, as ceremonias do centenario de Alexandre Herculano, foram, no entanto, eloquentes e unidas de respeito. Sobre essa individualidade, por tantos motivos gloriosa, in-



A COMMISSÃO EXECUTIVA

cidiram as homenagens e os preitos da actual sociedade, pelo lustre, educação e liberdade da qual elle, o poeta, o historiador, o litterato, o soldado, o cidadão de principios rigidos, tanto pugnou.

Durante alguns dias todo o paiz pensou em Alexandre Herculano. As festas, as solemnidades de character civil e religioso, os discursos, as publicações de todo o genero fizeram convergir sobre o austero solitario de Valle de Lobos o amor e a admiração que convém ás personalidades da sua gigantesca envergadura.



O TEMPLO DOS JERONYMOS
NA OCCASIÃO DA MISSA

Prepara-se para breve um significativo cortejo civico. Chovem as adhesões de todos os recantos de Portugal. E' assim que as nacionalidades patenteiam as suas forças vivas nestes prélicos de paz, dando um proficuo ensinamento aos vivos e rendendo o cul'o respeitoso devido aos extintos que honraram a sua patria.

H. Marques Junior

Aos irmãos Grimm devem as crianças alguns dos seus momentos mais bem passados e divertidos. Esses dois illustres escriptores teem uma serie de contos infantis, que são verdadeiras obras primas no seu genero. A litteratura infantil, pouco ou nada cultivada entre nós, é um ramo, uma utilissima especialidade, altamente proveitosa para a educação de uma raça. Por meio d'ella se transmitem os



primeiros elementos de moral, as primeiras idéas de sciencia, de historia, de philosophia que preparam a formação dos caracteres dos futuros cidadãos, esposas e mães.

Henrique Marques Junior, um rapaz modestissimo, mas de valor, e mui o conscencioso nos seus trabalhos, tem sido o introductor desses contos no nosso paiz traduzindo-os com meli culoso desvello e vulgarisando-os em edições que são o encanto dos pequeninos seres a quem se destinam.

O esquadrão que acompanha el-rei nos actos officiaes



**FARINHA
LACTEA**

NESTLÉ

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.



MUSICA

DOS

SERÕES

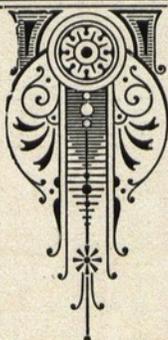


ADAGIO

SONATA EM RÉ MENOR

Op. 10, N.º 1

Por Beethoven.



Adagio

Andante.

L. van Beethoven.

The first system of the musical score consists of two staves. The upper staff is in treble clef with a key signature of one flat (B-flat) and a common time signature (C). It begins with a quarter note G4, followed by a quarter note A4, and a quarter note B4. The lower staff is in bass clef and starts with a piano (*p*) dynamic marking. It features a series of chords, primarily triads and dyads, in the right hand, with a more active bass line in the left hand. Fingering numbers (1, 2, 3, 4, 5) are placed above the notes in the upper staff.

The second system continues the musical piece. The upper staff shows a sequence of notes with various fingering numbers. The lower staff maintains the harmonic accompaniment with chords and moving bass lines. The notation includes slurs and accents to indicate phrasing and dynamics.

The third system of the score. The upper staff features more complex rhythmic patterns and fingering. The lower staff continues with the accompaniment. A *riten.* (ritardando) marking is present in the lower right of the system, indicating a gradual deceleration of the tempo.

The fourth system begins with the tempo marking *a tempo*, indicating a return to the original tempo. The musical notation follows the same structure as the previous systems, with two staves and detailed fingering.

The fifth and final system on this page. It concludes with a *riten.* marking. The notation includes various musical symbols such as slurs, accents, and dynamic markings throughout both staves.